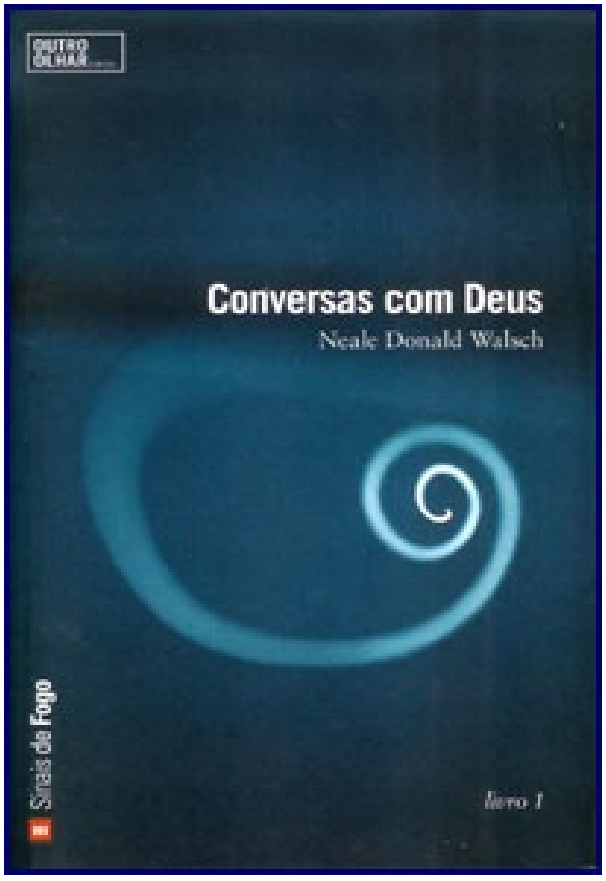

CONVERSAS COM DEUS

A Natureza de Deus e a Relação de Deus com o Homem

-Livro 1-

Digitalizado, Corrigido e Adaptado
por
Gullan Greyl
www.gullangreyl.pt

1ª Edição, 1995

10-04-2014

SINTESE

IMAGINE QUE PODIA FAZER A DEUS as perguntas que mais nos intrigam acerca da existência: as questões da vida e da morte, do bem e do mal, do amor e da fé. Imagine que Deus lhe dava respostas claras, compreensíveis e por vezes cheias de humor…

NEALE DONALD WALSCH estava a passar uma fase má da sua vida quando resolveu escrever uma carta a Deus, a descarregar as suas frustrações. O que ele não esperava era uma resposta. Quando ia acabar a carta, sentiu-se "impelido" a continuar a escrever e começaram a surgir respostas extraordinárias às suas perguntas. Este livro é o registo das respostas que Walsch recebeu, que o ajudaram a modificar-se a si próprio, à sua vida e à forma como via o mundo.

Neale Donald Walsch

CONVERSAS COM DEUS

Um Diálogo Invulgar

A NATUREZA DE DEUS E A RELAÇÃO DE DEUS COM O HOMEM

NEALE DONALD WALSCH

Para

ANNE M. WALSCH

Que não só me ensinou que Deus existe como me revelou a maravilhosa verdade de que Deus é o meu melhor amigo; e que foi muito mais do que uma mãe ao dar à luz dentro de mim uma ânsia de conhecer e amar Deus e todas as coisas boas. A mãe foi o meu primeiro encontro com um anjo.

e para

ALEX M. WALSCH

Que ao longo da minha vida me foi dizendo repetidamente “Não tem importância”, “Não tens de aceitar uma recusa”, · “És tu que fazes a tua própria sorte” e “Há mais de onde isso veio.” O pai foi a minha primeira experiência de intrepidez.

Índice

AGRADECIMENTOS 1
INTRODUÇÃO 3
CAPÍTULO 1 7
COMO É QUE DEUS SE COMUNICA? 7
POR QUE É QUE DEUS NÃO SE REVELA? 15
EXISTEM APENAS DUAS EMOÇÕES: MEDO OU AMOR 22
QUEM EU SOU E QUEM EU POSSO SER 28
CONHECER E EXPERIENCIAR 34
SABER, EXPERIENCIAR E SER 37
O PODER DE MUDAR E O PENSAMENTO ORIGINAL 44
NÃO HÁ "DEVOS" E "NÃO DEVOS" NO MUNDO DE DEUS 48
O INFERNO E O MEDO 49
"CERTO", "ERRADO" E A EXISTÊNCIA DE PROBLEMAS 57
LUTA OU RENDIÇÃO 61
PENSAMENTO E EMOÇÃO E O MITO DE ADÃO E EVA 64
CAPÍTULO 2 71
É TUDO RELATIVO, É TUDO PARTE DO QUE EXISTE 71
CAPÍTULO 3 83
AS LEIS NÃO PODEM SER INFRINGIDAS NEM IGNORADAS 83
DAR OUVIDOS À ALMA 92
O PROPÓSITO DA ALMA 95
CAPÍTULO 4 101
NÃO PODEMOS PERDER ESTE JOGO 101
PENSAMENTO, PALAVRA E AÇÃO 104
CAPÍTULO 5 109
OS DEZ COMPROMETIMENTOS 109
ILUMINAÇÃO, RENÚNCIA, PAIXÃO E EXPETATIVA 113
RESISTIR OU OLHAR 119
CAPÍTULO 6 123
A RAIZ DO SOFRIMENTO 123
CAPÍTULO 7 129
ESCOLHER MAS NÃO QUERER 129
PROGRAMAÇÃO MENTAL 136
CAPÍTULO 8 141
AS RELAÇÕES 141

RELAÇÕES SEM OBRIGAÇÕES 157
CAPÍTULO 9 171
SERES QUEM TU REALMENTE ÉS 171
CAPÍTULO 10 183
CONFISSÃO 183
CAPÍTULO 11 185
OS TRÊS CENTROS DA CRIAÇÃO 185
MUDAR O PENSAMENTO ORIENTADOR 192
CAPÍTULO 12 195
SER E FAZER 195
FUNÇÃO DA ALMA, MENTE E CORPO 200
NÃO QUEIRAS, ESCOLHE 203
DEPOIS DA MORTE DO CORPO 210
CAPÍTULO 13 215
INQUIETAÇÃO, ÓDIO E MEDO, E AS DOENÇAS AUTOCRIADAS 215
A VIDA ETERNA E O CORPO ETERNO 221
A ALMA CONCEBE, A MENTE CRIA E O CORPO EXPERIENCIA 224
ALFA E ÓMEGA 227
CAPÍTULO 14 232
A EXPERIÊNCIA SEXUAL 232
ESCUTA-ME E OUVE-ME 239
A Fechar 241
Neale Donald Walsch 242
OBRAS DO AUTOR 243

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, em último, e sempre, quero agradecer à Fonte de tudo o que este livro contém, de tudo que é vida - e da própria vida.

Em segundo, quero agradecer aos meus Mestres espirituais, onde se incluem os santos e sábios de todas as religiões.

Em terceiro, tenho a plena noção de que todos nós podemos apresentar uma lista de pessoas que tocaram a nossa vida de formas tão significativas e profundas que seria impossível classificá-las ou descrevê-las; pessoas que partilharam connosco a sua sabedoria, nos contaram a sua verdade, sofreram connosco os nossos erros e as nossas fraquezas com a sua infinita paciência e que nos conheceram verdadeiramente; vendo em nós o melhor que havia para ver. Pessoas que, ao aceitarem-nos e também ao recusarem-se a aceitar as facetas que sabiam não terem sido as que nós realmente havíamos escolhido, fizeram com que crescêssemos; com que, de certa forma, nos tornássemos maiores.

As pessoas, para além dos meus pais, que me deram esse apoio são Samantha Gorski, Tara-Jenelle Walsch, Wayne Davis, Bryan Walsch, Martha Wright, o falecido Ben Wills Jr., Roland Chambers, Dan Higgs, C. Berry Carter II, Ellen I Moyer, Anne Blackwell, Dawn Dancing Free, Ed Keller, Lyman W. (Bill) Griswold, Elizabeth Kübler-Ross e a muito querida Terry Cole-Whittaker.

Quero incluir neste grupo as minhas ex-companheiras, cuja privacidade desejo respeitar, omitindo aqui os seus nomes, mas cujos contributos na minha vida são de realçar e profundamente dignos de reconhecimento.

E, ao referir a sentida gratidão pelas dádivas de todas estas pessoas maravilhosas, sinto-me particularmente emocionado ao pensar na minha colaboradora, esposa e companheira, Nancy Fleming Walsch, uma mulher de extraordinária sageza, compaixão e amor, que me fez ver que os meus mais elevados pensamentos sobre as relações humanas não têm de permanecer como fantasias mas sim sonhos que se realizam.

Finalmente, em quarto lugar, quero destacar certas pessoas que nunca conheci, mas cujas vidas e obras produziram em mim um impacte tão forte que não posso deixar passar este momento sem lhes agradecer do fundo do coração os momentos de raro prazer, de conhecimento da condição humana e pura e simples Sentivida (inventei esta palavra!) que me ofereceram.

Sabem o que é quando alguém nos dá a provar um momento glorioso, do que na vida é realmente verdade? Para mim, esses momentos têm sido quase todos proporcionados por artistas criativos ou intérpretes, pois é da arte que recebo inspiração, na qual me refugio para refletir, e na qual descubro mais maravilhosamente expresso aquilo a que chamamos Deus.

Desejo, portanto, agradecer a… John Denver, cujas canções me deleitam, enchendo a minha alma de uma nova esperança sobre o que a vida pode ser, a Richard Bach, cujos escritos se integram na minha vida como se fossem meus ao relatarem tanta da minha

experiência, a Barbra Streisand, cujo talento como realizadora, atriz e intérprete me delicia vezes sem conta levando-me a sentir o que é verdade, não apenas conhecido, e ao falecido Robert Heinlein, cuja literatura visionária levantou questões e apresentou respostas de uma forma que jamais alguém sequer ousara aproximar-se-lhe.

INTRODUÇÃO

Prepare-se para uma experiência extraordinária. Para ter uma conversa com Deus. Sim. Sim. Eu sei… *isso é impossível*. Deve estar a pensar (ou já pensou) isso não é possível. Uma pessoa falar a Deus, claro, mas não com Deus. Ou seja, Deus não vai *responder*, certo? Pelo menos não daquela forma habitual, da conversa do dia-a-dia!

Era o que eu também pensava. Foi então que este livro me aconteceu. Foi literalmente isso. Este livro não foi escrito por mim, aconteceu-me. E, ao lê-lo, acontecer-lhe-á a si, pois *somos todos conduzidos para a verdade para a qual estamos preparados*.

A minha vida teria sido provavelmente muito mais fácil se eu tivesse mantido tudo isto em segredo; no entanto, não foi esse o motivo por que tal me aconteceu. E quaisquer que sejam os inconvenientes que o livro me possa causar (como por exemplo chamarem-me blasfemo, impostor, hipócrita por não ter vivido estas verdades no passado, ou - talvez pior ainda - um homem santo), agora já não me é possível travar o processo. Nem desejo fazê-lo. Tive oportunidades para me desligar de tudo isto mas não as aceitei. Resolvi seguir o que a intuição me diz em vez de ligar ao que poderiam os outros dizer de mim, do que aqui se pode ler.

Intuição que me diz que este livro não é uma tolice, fruto de uma imaginação espiritual frustrada ou, tão-somente, a autojustificação de um homem procurando vingar-se de uma vida desastrosa. Ah, pensei em todas essas coisas - em cada uma delas. Por isso dei-o a ler a várias pessoas ainda em forma de manuscrito. Ficaram emocionadas. E choraram. E riram-se com gosto das partes humorísticas que ele contém. E as suas vidas mudaram, disseram. Sentiram-se petrificados. Revigorados.

Muitos disseram que se sentiam diferentes.

Foi quando percebi que este livro era para toda a gente e que *tinha* de ser publicado. Por ser uma dádiva maravilhosa para todos os que procuram realmente as respostas e que realmente se interessam pelas perguntas, para todos os que se empenharam em buscas da verdade com sincera generosidade, uma alma ansiosa e um espírito aberto. Ou seja, praticamente *todos nós*.

Este livro aborda muitas, se não todas, questões que temos colocado sobre a vida e o amor, o propósito e a função, as pessoas e o seu relacionamento, o bem e o mal, a culpa e o pecado, o perdão e a redenção, o caminho para Deus e a estrada para o Inferno… tudo. Debate abertamente temas como o sexo, o poder, o dinheiro, os filhos, o casamento, o divórcio, a vida profissional, a saúde, o além, o passado … *tudo*. Analisa questões como a guerra e a paz, o saber e o

não saber, o dar e o receber, a alegria e a tristeza. Estuda o concreto e o abstrato, o visível e o invisível, a verdade e a mentira.

Poder-se-á dizer que este livro é "a última palavra de Deus sobre as coisas", embora certas pessoas possam ter dificuldade em entender isso, sobretudo se acharem que Deus deixou de falar há dois mil anos ou coisa assim, que se Deus *continuou* a comunicar foi só com homens santos, curandeiras, ou alguém que tenha estado a meditar durante trinta anos, vinte que sejam, ou então, no mínimo dos mínimos, uns dez (que não é, nenhum deles, o meu caso).

A verdade é que Deus fala a toda a gente. Aos bons e aos maus. Aos santos e aos patifes. E, seguramente, a todos nós que estamos no meio. Veja, por exemplo, o seu caso. Deus aparece-lhe sob muitas formas ao longo da sua vida e esta é outra delas. Quantas vezes ouviu o velho axioma: "Quando o aluno está preparado o professor aparece"? Este livro é o nosso professor.

Pouco depois de este livro ter começado a acontecer-me, percebi que estava a conversar com Deus. Diretamente, pessoalmente. Irrefutavelmente. E que Deus respondia às minhas perguntas na razão direta da minha capacidade de entender. Ou seja, eu estava a obter respostas de uma forma e numa linguagem que Deus sabia serem adequadas ao meu entendimento. O que explica em grande parte o estilo coloquial da escrita e as referências ocasionais a obras que eu recolhera de outras fontes e experiências anteriores na minha vida. Sei agora que tudo o que me aconteceu na vida *me veio de Deus* e que agora está tudo a encaixar-se, a unir-se, numa resposta sublime, completa, a *todas as dúvidas que eu sempre tive*.

E algures, pelo caminho, dei-me conta de que estava a nascer um livro - um livro destinado à publicação. Com efeito, foi-me comunicado, concretamente durante a última parte do diálogo (em Fevereiro de 1993), que seriam produzidos *três* livros - de Domingo de Páscoa a Domingo de Páscoa em três anos consecutivos - e que:

1. O primeiro abordaria sobretudo temas pessoais, concentrando-se nos desafios e oportunidades da vida do indivíduo;
2. O segundo, temas mais globais de geopolítica e vida metafísica no planeta, bem como os desafios que o mundo agora enfrenta;
3. O terceiro, as verdades universais de carácter mais sublime e os desafios e oportunidades da alma.

Este é o primeiro desses livros, concluído em fevereiro de 1993. Devo explicar que ao transcrever, à mão, este diálogo, sublinhei ou envolvi num círculo palavras e frases transmitidas com particular ênfase - como se Deus mas estivesse a gritar - as quais foram depois assinaladas a itálico pelo compositor tipográfico.

Preciso agora de dizer que estou - tendo lido e relido as sábias palavras aqui contidas - profundamente envergonhado com a minha própria vida, que foi marcada por constantes erros e fracassos, alguns comportamentos muito vergonhosos e certas escolhas e decisões que, estou certo, outros considerarão ofensivos e imperdoáveis. Embora com o mais profundo remorso por ter sido à custa da dor alheia, estou inexprimivelmente grato por tudo o que aprendi e reconheço o que tenho *ainda* de aprender com as pessoas que existem na minha vida. Peço desculpa a todos pela lentidão dessa aprendizagem. Sinto-me, porém, encorajado por Deus a conceder a mim mesmo o perdão pelas minhas falhas e a não viver num estado de medo e de culpa, mas sim continuar sempre a tentar - sempre a tentar - viver uma visão mais grandiosa.

Sei que é isso que Deus deseja para todos nós.

Neale Donald Walsch
Central Point, Oregon
Natal de 1994

CAPÍTULO 1

COMO É QUE DEUS SE COMUNICA?

Na Primavera de 1992 - por alturas da Páscoa, se bem me lembro - ocorreu na minha vida um fenómeno extraordinário. Deus começou a falar comigo. Através de mim.

Passo a explicar.

Foi durante um período em que me sentia muito infeliz pessoal, profissional e emocionalmente, e a minha vida parecia-me um fracasso a todos os níveis. Como tinha por hábito, há muitos anos, escrever os meus pensamentos em cartas (que normalmente nunca enviava), peguei no meu fiel bloco de apontamentos e comecei a desabafar.

Dessa feita, em vez de outra carta dirigida a outra pessoa que, a meu ver, me estava a prejudicar, optei por ir diretamente à fonte, ao maior vitimador de todos. Resolvi escrever uma carta a Deus.

Era uma carta rancorosa, acalorada, cheia de confusões, distorções e censuras. E uma pilha de perguntas furiosas.

Por que é que a minha vida não corria bem? Que seria preciso para pô-la a funcionar? Por que motivo não conseguia eu encontrar a felicidade nas relações? Estar-me-ia para sempre vedado o acesso a uma verdadeira situação de desafogo material? Finalmente - e a mais enfática -, *Que fizera eu para merecer uma vida de tão constante luta?*

Para minha surpresa, ao garatujar as últimas irrespondíveis perguntas, preparando-me para pôr a caneta de lado, a minha mão manteve-se pousada no papel como se presa por uma força invisível. Abruptamente, a caneta começou a *mover-se sozinha*. Eu não imaginava sequer o que ia escrever mas pareceu-me estar a formar-se uma ideia e por isso resolvi deixar seguir. Eis o que apareceu…

Queres mesmo uma resposta a todas essas perguntas ou estás só a descarregar?

Pestanejei… e depois a minha mente deu uma resposta. Que passei, também, para o papel.

Ambas as coisas. Estou a descarregar, claro, mas se estas perguntas têm respostas, claro que gostaria de ouvi-las, cum diabo!

Tens essa certeza "cum diabo"… sobre muitas coisas. Mas, não seria bom tê-la "cum Deus"?

E escrevi:

Que quer isso dizer?

Sem me dar conta, dera início a urna conversa… na qual, mais do que escrever, estava ***a fazer um ditado***. Esse ditado prolongou-se por três anos e, na altura, eu não fazia a mínima ideia do rumo que ia levar. As respostas às perguntas que eu punha no papel nunca me surgiam enquanto a pergunta não estivesse completamente escrita e eu não tivesse ***posto de lado os meus próprios pensamentos***. Muitas vezes as respostas vinham com uma rapidez maior do que a minha, ao escrever, e dei por mim a fazer garatujos para conseguir acompanhar o ritmo. Quando começava a ficar baralhado, ou a perder a noção de que as palavras surgiam de outro lado, pousava a caneta e alheava-me do diálogo até me sentir novamente inspirado - desculpem, é a única palavra que realmente se aplica - para voltar ao bloco de apontamentos e retomar a escrita.

Essas conversas ainda se mantêm, mesmo ao escrever estas linhas. E grande parte delas encontram-se nas páginas seguintes… páginas que contêm um diálogo espantoso no qual de início não acreditei, depois deduzi possuir um valor pessoal, mas que agora sei estava destinado a ser partilhado por mais pessoas. Por si e todos aqueles que venham a comprar este livro. Pois as minhas perguntas são as vossas.

Quero que entre neste diálogo o mais depressa possível porque o mais importante, aqui, não é a ***minha*** história, mas a ***sua***. Foi a história da ***sua*** vida que o trouxe cá. É para a sua experiência pessoal que este livro tem importância. Caso contrário, não estaria aí, com ele na mão, neste preciso instante.

Entremos então no diálogo com uma pergunta que eu já andava a fazer há muito tempo:

Como é que Deus fala, e a quem?

Eis a resposta que obtive quando a fiz:

Falo a toda a gente. A toda a hora. A questão não é saber a quem Eu falo mas sim quem é que Me ouve.

Intrigado, pedi a Deus que desenvolvesse o tema. Eis o que Deus respondeu:

Primeiro, vamos substituir o *falar* por comunicar. É um termo muito melhor, muito mais abrangente, mais preciso. Quando tentamos falar um com o outro - Eu contigo, tu Comigo, ficamos imediatamente constrangidos pela incrível limitação das palavras. Por esse motivo, não comunico somente através das palavras. De facto, raramente o faço. O meio de comunicação mais habitual é através do sentimento.

O sentimento é a linguagem da alma.

Se queres saber realmente o que algo significa para ti, vê como é que te sentes em relação a isso.

Os sentimentos são por vezes difíceis de descobrir - e muitas vezes ainda mais difíceis de reconhecer. Contudo, é oculta nos teus mais profundos sentimentos que se encontra a tua mais sublime verdade.

O segredo está em chegar a esses sentimentos. Mostrar-te-ei como isso se faz. Outra vez. Se o desejares.

Disse a Deus que sim, que o desejava, mas que nesse momento o meu maior desejo ainda era obter uma resposta completa e total à minha primeira pergunta. Eis o que Deus respondeu:

Também comunico com o pensamento. Pensar e sentir não são a mesma coisa, embora possam ocorrer ao mesmo tempo. Ao comunicar através do pensamento utilizo muitas vezes cenas e imagens, razão pela qual os pensamentos são mais eficazes que as simples palavras como instrumentos de comunicação.

Para além dos sentimentos e dos pensamentos, uso também o veículo da experiência como ótima transmissora.

E finalmente, quando todos eles falham - sentimentos, pensamentos e experiência -, utilizo *palavras*. As palavras são de facto o menos eficaz dos

meios de comunicação. São mais suscetíveis de interpretações erradas, muito mais frequentemente deturpadas.

E porquê? Por aquilo que as palavras são. As palavras são meras elocuções: ruídos que expressam sentimentos, pensamentos e experiências. São símbolos. Sinais. Signos. Não são Verdade. Não são a coisa real.

As palavras poderão ajudar-vos a compreender algo. A experiência permite-vos conhecer. Existem, porém, certas coisas que não podem ser experienciadas. Por isso dei-vos outras ferramentas de conhecimento. A que se chama sentimentos.

E também os pensamentos.

Agora, a maior das ironias é o facto de todos vocês terem dado tanta importância à palavra de Deus e tão pouca à experiência.

Com efeito, atribuem tão pouco valor à experiência que, quando aquilo que experienciam de Deus difere do que ouviram dizer de Deus, *descartam-se automaticamente da experiência e apossam-se das palavras*, quando devia ser precisamente o contrário.

A vossa experiência e os vossos sentimentos a respeito de qualquer coisa representam aquilo que conhecem, factual e intuitivamente, dessa coisa. As palavras apenas conseguem simbolizar e, muitas das vezes *confundir* aquilo que conhecem.

Estas são, portanto, as ferramentas com as quais comunico, mas não os meios, pois nem todos os sentimentos, nem todos os pensamentos, nem todas as experiências e nem todas as palavras provêm de Mim.

Muitas palavras foram proferidas por outros em Meu nome. Muitas ideias e muitos sentimentos foram defendidos por causas que não as da Minha direta criação e dos quais resultaram muitas experiências.

É um desafio ao discernimento. A dificuldade está em distinguir entre as mensagens de Deus e os dados provenientes de outras fontes. A discriminação simplifica-se aplicando uma regra básica:

Meu é sempre o vosso Pensamento Mais Sublime, a vossa Palavra Mais Clara, o vosso Sentimento Mais Grandioso. Tudo o que for inferior provém de outra fonte.

O ato de diferenciação simplifica-se, pois não deve ser difícil, mesmo ao aluno principiante, identificar o que é Mais Sublime, Mais Claro e Mais Grandioso.

Mesmo assim, dou-vos estas linhas de orientação:

O Pensamento Mais Sublime é sempre aquele que contém alegria. As Palavras Mais Claras são as que contêm verdade. O Sentimento Mais Grandioso é aquele a que se chama amor.

Alegria, verdade, amor.

São, os três, intermutáveis e um conduz sempre aos outros. Não importa a ordem em que sejam dispostos.

Tendo, com estas linhas orientadoras, definido quais as mensagens que são Minhas e as que provêm de outra fonte, resta apenas a questão de saber se as Minhas mensagens serão ouvidas.

A maioria das Minhas mensagens não o é: algumas por parecerem boas de mais para serem verdade; outras por parecerem demasiado difíceis de entender; muitas por serem muito simplesmente deturpadas. Quase todas por não serem recebidas.

O meu mensageiro mais poderoso é a experiência e até isso vocês ignoram. *Sobretudo* isso.

O vosso mundo não estaria na situação em que se encontra se tivessem muito simplesmente dado ouvidos à vossa experiência. O resultado de não terem dado ouvidos à vossa experiência é o facto de continuarem a revivê-la vezes sem conta. Mas o Meu propósito não será frustrado, nem ignorada a Minha vontade. Hão-de receber a mensagem. Mais tarde ou mais cedo.

Não vos obrigarei, contudo, a fazê-lo. Nunca vos coagirei, pois dotei-vos de um livre-arbítrio - o poder de fazerem o que quiserem - e jamais vos tirarei isso, jamais.

Continuarei, portanto, a enviar-vos as mesmas mensagens, repetidamente, ao longo dos milénios e a todos os cantos do universo que ocupam. Eternamente vos enviarei as Minhas mensagens, até as receberem e aceitarem, considerando-as vossas.

As Minhas mensagens chegarão numa centena de formas, num milhar de momentos, ao longo de um milhão de anos. Não vos escaparão se realmente as escutarem. Uma vez ouvidas, não poderão ignorá-las. Desse modo iniciar-se-á entre nós uma verdadeira comunicação, pois, no passado, vocês apenas se dirigiram a Mim, rezando a Mim, intercedendo junto de Mim, fazendo-Me súplicas. Mas agora Eu posso responder-vos, tal como estou a fazer aqui.

Como posso ter a certeza de que esta comunicação vem de Deus? Como hei-de saber que não se trata da minha própria imaginação?

Qual é a diferença? Não vês que Eu posso, com toda a facilidade, comunicar através da tua imaginação como de qualquer outra coisa? Transmitir-te-ei, a qualquer momento, os pensamentos, palavras ou sentimentos certos e exatos, precisamente adequados ao objetivo em causa, utilizando um ou vários meios. Saberás que estas palavras vêm de Mim porque tu, de moto próprio, nunca as proferiste de forma tão clara. Se alguma vez as tivesses proferido tão claramente em relação a estas perguntas, não estarias agora a fazê-las.

Com quem é que Deus comunica? Existem pessoas especiais? Momentos especiais?

Todas as pessoas são especiais e todos os momentos são preciosos. Não existe nenhuma pessoa nem nenhum momento mais especial que os outros. Muitas pessoas preferem acreditar que Deus comunica de formas especiais e apenas com pessoas especiais. Isso isenta-vos praticamente a todos da responsabilidade de ouvirem a Minha mensagem, quanto mais *recebê-la* (o que é outra questão), e permite-vos acreditar na palavra de outrem em relação a tudo. Não têm de escutar-Me, pois já decidiram que houve outros que Me ouviram sobre todos os temas e é a eles que escutam.

Ao escutarem o que outras pessoas julgam ter-Me ouvido dizer, vocês nem sequer têm de pensar.

É essa a principal razão por que muitas pessoas ignoram, a um nível pessoal, as Minhas mensagens. Se admitirem que estão a receber diretamente as Minhas mensagens tornam-se responsáveis pela sua interpretação. É muito mais seguro e mais fácil aceitar a interpretação de outros (mesmo outros que tenham vivido há dois mil anos) do que procurar interpretar a mensagem que muito provavelmente estarão a receber neste preciso instante.

Convido-te no entanto para uma nova forma de comunicação com Deus: uma comunicação bilateral. Na verdade, foste tu quem Me convidou, pois Eu dirigi-Me a ti, nesta forma, neste preciso instante, em *resposta ao teu chamamento*.

Por que é que certas pessoas, Cristo por exemplo, parecem ouvir mais do que Tu dizes que outras?

Porque certas pessoas estão realmente dispostas a escutar. Estão dispostas a ouvir e a manter aberta a comunicação mesmo quando ela parece assustadora, disparatada, ou absolutamente errada.

Devemos dar ouvidos a Deus mesmo quando o que está a ser dito parece errado?

Sobretudo quando parece errado. Se acharem que têm razão acerca de tudo, quem é que precisa de falar com Deus?

Coragem, age com base em tudo o que sabes. Mas repara que é isso que todos vocês têm feito desde o princípio dos tempos. E vê em que estado se encontra o mundo. É óbvio que vos escapou alguma coisa. Existe, claramente, algo que não entendem. Aquilo que entendem deve parecer-vos certo porque "certo" é um termo que usam para designar algo com que concordam. O que vos escapou parecer-vos-á, portanto, numa primeira análise, "errado".

A única maneira de avançar nesta questão é perguntando a vós mesmos: "Que aconteceria se tudo o que eu considerava 'errado' afinal estivesse 'certo'?" Qualquer grande cientista sabe isso. Quando aquilo que está a fazer não dá resultado, um cientista põe de lado todas as hipóteses e começa tudo de novo. Todas as grandes descobertas resultaram de uma disposição para não se estar certo. E é isso que vos faz falta.

Não podem conhecer Deus enquanto não deixarem de dizer a vós mesmos que já conhecem Deus. Só podem ouvir Deus quando deixarem de pensar que já ouviram Deus.

Só posso dizer-vos a Minha Verdade quando vocês deixarem de dizer-Me a vossa.

Mas a minha verdade sobre Deus vem de Ti.

Quem é que disse isso?

Outros.

Que outros?

Líderes. Pastores. Rabinos. Padres. Livros. A Bíblia, caramba!

Não são fontes fidedignas.

Não são?

Não.

Então qual é?

Escuta os teus sentimentos. Escuta o que te dizem os teus Pensamentos Mais Sublimes. Escuta a tua experiência. Sempre que algum deles diferir do que ouviste dos teus mestres, ou leste nos teus livros, esquece as palavras. *As palavras são o menos fiável dos transmissores da Verdade*.

POR QUE É QUE DEUS NÃO SE REVELA?

Há tanta coisa que quero dizer-Te, tenho tantas perguntas para fazer. Não sei por onde começar.

Por exemplo, por que é que Tu não te revelas? Se realmente existe um Deus, e tu és esse Deus, por que razão não te revelas de uma forma que todos possamos entender?

Já o fiz muitas vezes. Estou a fazê-lo novamente neste momento.

Não. Refiro-me a um tipo de revelação incontestável, inegável.

Como, por exemplo?

Como aparecer agora diante dos meus olhos.

Estou a fazê-lo.

Onde?

Para onde quer que olhes.

Não; de uma maneira indesmentível. De maneira que homem algum possa contestar.

Que maneira seria essa? Em que forma ou feição gostarias que Eu aparecesse?

Na forma ou feição que realmente tenhas.

Isso seria impossível pois não tenho forma ou feição que possam entender. Podia adotar uma forma ou uma feição que vocês pudessem entender, mas depois todos partiriam do princípio de que o que tinham visto era a única forma ou feição de Deus em vez de uma forma ou feição de Deus - uma de muitas. As pessoas acreditam que Eu sou como elas me veem e não como aquilo que não veem. Mas Eu sou o Grande Invisível, não aquilo que Me obrigo a ser em determinado momento. De certo modo, sou o que não sou. É do não-ser que Eu provenho e ao qual sempre regresso.

No entanto, quando apareço de uma determinada forma ou outra - uma forma na qual acho que as pessoas podem entender-Me - as pessoas atribuem-Me essa forma para todo o sempre.

E caso aparecesse noutra forma qualquer, a quaisquer outras pessoas, as primeiras diriam que Eu não tinha aparecido às segundas, pois não teria para as segundas o mesmo aspeto que para as primeiras, nem lhes diria as mesmas coisas - por isso, como poderia ter sido Eu?

Como vês, não interessa a forma ou a maneira como Eu me revelo - seja qual for a maneira que escolha e seja qual for a forma que adote, nenhuma delas será incontestável.

Mas se fizesses alguma coisa que provasse, sem sombra de dúvida, a veracidade da Tua existência...

…haveria ainda assim quem dissesse que era obra do Diabo, ou fruto da imaginação de alguém. Ou efeito de qualquer outra causa que não Eu.

Se Eu me revelasse como Deus Omnipotente, Rei do Céu e da Terra, e movesse montanhas para O provar, haveria quem dissesse "Deve ter sido o Satanás."

E é assim que deve ser, pois Deus não se revela na sua Essência Divina a partir, ou através, de uma observação exterior, mas por meio da experiência interior. E quando a experiência interior revelou essa Essência Divina, a observação exterior não é necessária. E se a observação exterior for necessária, é porque a experiência interior não é possível.

Se houver, portanto, um pedido de revelação, esse pedido não poderá ser satisfeito, pois o ato de pedir é uma afirmação do que não existe; que nada de Deus está agora a ser revelado. Essa afirmação produz a experiência. Pois o teu pensamento acerca de qualquer coisa é criativo, e a tua palavra é produtiva, e o teu pensamento e a tua palavra juntos são extremamente eficazes na criação da tua realidade. Daí a necessidade de saberes que Deus não está agora a revelar-se pois se estivesse tu não Lhe pedirias para o fazer.

Isso significa que não posso pedir nada que deseje? Estás a dizer que rezar por algo, faz é com que esse algo nos seja negado?

Essa é uma questão que tem sido colocada ao longo dos séculos - e, sempre que foi feita, obteve resposta. Vocês, porém, não ouviram a resposta, ou não querem acreditar nela.

Respondo novamente à pergunta, em termos atuais, na linguagem de hoje, ou seja: Não terão aquilo que pedirem, nem podem ter tudo o que querem. Isso porque o vosso próprio pedido é uma afirmação de carência e o facto de dizerem que querem alguma coisa só serve para originar precisamente essa experiência - o querer - na vossa realidade.

Por conseguinte, a prece correta nunca é uma prece de súplica mas sim de gratidão.

Quando agradecem a Deus antecipadamente por aquilo que decidem experienciar na vossa realidade, estão, com efeito, a admitir que isso existe… efetivamente. O reconhecimento é, pois, a mais forte afirmação de Deus; uma certeza de que, mesmo antes de pedirem, Eu já atendi o pedido.

Portanto, nunca supliquem. *Agradeçam*.

Mas e se eu me mostro grato a Deus antecipadamente por algo e isso nunca se realiza? Pode levar à desilusão, ao ressentimento.

A gratidão não pode ser usada como um instrumento para manipular Deus, um instrumento para enganar o universo. Não podes mentir a ti mesmo.

A tua mente sabe quais são os teus pensamentos verdadeiros. Se estiveres a dizer "Obrigado meu Deus por isto e por aquilo", sabendo com toda a clareza que isso não existe na tua realidade presente, não ficarás à espera que Deus seja menos claro que tu e que, portanto, faça isso por ti.

Deus sabe o que tu sabes e aquilo que tu sabes é o que aparece como tua realidade.

Mas então como é que posso mostrar-me verdadeiramente grato por algo que eu sei que não existe?

Fé. Se tiveres fé, por mais pequena que seja, conseguirás mover montanhas. Saberás que esse algo existe porque Eu disse que existe; se Eu o disse, mesmo antes de tu perguntares, é porque terei respondido; porque Eu disse, e disse-o de todas as formas imagináveis através de todos os mestres que possas referir, que, seja o que for que escolheres, escolhendo-o em Meu nome, assim será.

Mesmo assim, muitas pessoas dizem que as suas preces não foram atendidas.

Não há prece - e uma prece nada mais é que uma afirmação fervorosa do que é real - que não seja atendida. Toda a prece - todo o pensamento, toda a afirmação, todo o sentimento - é criativa. Desde que seja fervorosamente afirmada como genuína, manifestar-se-á na tua experiência.

Quando se diz que uma prece não foi ouvida, o que realmente aconteceu foi que o pensamento, palavra ou sentimento mais fervorosamente afirmado tornou-se operativo. Mas o que deves saber - e aí é que está o segredo - é que é sempre o pensamento por detrás do pensamento - aquilo a que poderá chamar-se Pensamento Orientador - que controla.

Se, portanto, imploras e suplicas, parece haver uma hipótese muito mais pequena de experienciares aquilo que julgas estar a escolher, pois o Pensamento Orientador por detrás de todas as súplicas é que não tens agora aquilo que desejas. *Esse Pensamento Orientador torna-se a tua realidade*.

O único Pensamento Orientador capaz de se sobrepor a esse é o pensamento expresso na fé de que Deus concederá tudo o que lhe está a ser pedido, infalivelmente. Há certas pessoas com essa fé, mas são muito poucas.

O ato de rezar torna-se muito mais fácil quando, em vez de ter de acreditar que Deus dirá sempre que sim a tudo o que se lhe peça, uma pessoa percebe intuitivamente que o próprio pedido não é necessário. *Não é nenhum pedido, mas sim uma afirmação de reconhecimento pelo que já existe*.

Quando dizes que uma prece é uma afirmação do que já existe estás a dizer que Deus não faz nada, que tudo o que sucede depois de uma prece é consequência da ação da prece?

Se acreditas que Deus é algum ser omnipotente que ouve todas as preces, diz “sim” a algumas, “não” a outras e “talvez, mas não agora” às restantes, estás enganado. Por que regra então se orientaria esse Deus?

Se acreditas que Deus é o criador e decisor de todas as coisas na tua vida, estás enganado.

Deus é o *observador*, não o criador. E Deus está pronto a ajudar-te a viver a tua vida mas não da maneira que possas imaginar.

A *função* de Deus não é criar, ou descriar, as circunstâncias ou situações da tua vida. Deus criou-te, a ti, à imagem e semelhança de Deus. Tu criaste o resto, através do poder que Deus te concedeu. Deus criou o processo da vida e a própria vida tal como a conheces. No entanto, Deus deu-te um livre-arbítrio para fazeres com a vida aquilo que quiseres.

Nesse sentido, *aquilo que tu queres para ti é a vontade de Deus em relação a ti*.

Vives a tua vida da maneira que vives e Eu não tenho voto na matéria.

É essa a grande ilusão a que se agarraram: que, de uma forma ou outra, Deus se preocupa com o que vocês fazem.

Eu não me preocupo com o que tu fazes e isto é uma coisa que te custa ouvir. Mas tu preocupas-te com o que os teus filhos fazem quando os mandas lá para fora brincar? Faz-te alguma diferença que eles joguem à bola, às escondidas ou à agarrada? Não, não faz, porque sabes que eles estão em perfeita segurança. Colocaste-os num ambiente que consideras aprazível e muito adequado.

Claro que tens sempre a esperança de que não se *magoem*. E, se se magoarem, estarás sempre pronto a ajudá-los, a tratar deles, para que voltem a sentir-se seguros, a ser novamente felizes, para irem outra vez lá para fora brincar no dia seguinte. Mas, no dia seguinte, também não te fará diferença que joguem às escondidas ou à agarrada.

Dir-lhes-ás, claro, quais são os jogos mais perigosos, mas não podes impedir que os teus filhos façam coisas perigosas. Não podes fazê-lo sempre. Nem eternamente. Em todos os momentos desde que nascem até que morrem. Sábio é o pai que tem consciência disso. Contudo, o pai nunca deixa de se preocupar com o desfecho. É esta dicotomia - não se preocupar profundamente com o processo mas preocupar-se profundamente com o resultado - que melhor ilustra a dicotomia de Deus.

Mas, de certo modo, Deus nem sequer se preocupa com o desfecho. Com o desfecho final. Isso porque o desfecho final está assegurado. E esta é a segunda grande ilusão do homem: que o desfecho da vida esteja em dúvida.

Foi esta dúvida quanto ao desfecho final que criou o vosso maior inimigo, o medo. Pois se duvidam do desfecho têm de duvidar do Criador - têm de duvidar de Deus. E se duvidam de Deus têm de viver toda a vossa vida com medo e culpa.

Se duvidam dos propósitos de Deus - e da capacidade de Deus para produzir esse resultado final - como poderão alguma vez sentir-se descansados? Como poderão verdadeiramente encontrar a paz?

No entanto, Deus tem plenos poderes para fazer com que os propósitos condigam com os resultados. Vocês não conseguem, nem querem, acreditar nisto (mesmo afirmando que Deus é todo-poderoso) e por isso criaram na vossa imaginação um poder igual a Deus de modo a arranjarem uma forma de oposição à vontade de Deus. E assim criaram, na vossa mitologia, o ser a que chamam “Diabo”. Até imaginaram um Deus em guerra com esse ser (julgando que Deus resolve os problemas à vossa maneira). Finalmente, imaginaram mesmo que Deus pudesse perder essa guerra.

Todas essas coisas violam tudo o que afirmam saber a respeito de Deus, mas não faz mal. Vivem a vossa ilusão e por isso sentem medo, tudo graças à vossa decisão de duvidar de Deus.

Mas, e se tu tomasses uma nova decisão? Qual seria, nesse caso, o resultado?

Eis o que te digo: viverias como viveu o Buda. Como viveu Jesus. Como viveram todos os santos já por vós idolatrados.

Mas, tal como sucedeu com a maioria desses santos, as pessoas não te entenderiam. E quando tentasses explicar a tua sensação de paz, a tua alegria na vida, o teu êxtase interior, eles ouviriam as tuas palavras mas não as escutariam. Tentariam repetir as tuas palavras, mas acrescentando-lhes outras.

Interrogar-se-iam como poderias tu ter aquilo que eles não conseguiam encontrar. E depois sentir-se-iam invejosos. Em breve, a inveja transformar-se-ia em raiva e, na sua fúria, tentariam convencer-te de que eras tu quem não entendia Deus.

E se não lograssem despojar-te da tua alegria, procurariam fazer-te mal, tão grande seria a raiva deles. E quando lhes dissesses que isso não tinha importância, que nem mesmo a morte consegue destruir a alegria ou alterar a tua verdade, o mais certo era matarem-te. Depois, ao verem a serenidade com que aceitavas a morte, chamar-te-iam santo e voltariam a amar-te.

Pois é da natureza humana amar, em seguida destruir e depois amar de novo aquilo que mais se preza.

EXISTEM APENAS DUAS EMOÇÕES: MEDO OU AMOR

Mas porquê? Por que fazemos isso?

Todas as ações humanas são motivadas, ao nível mais íntimo, por uma de duas emoções - medo ou amor. Na verdade, existem apenas duas

emoções - apenas duas palavras na linguagem da alma. São os extremos opostos da grandiosa polaridade que Eu criei quando fiz o universo, e o vosso mundo, tal como hoje o conhecem.

São os dois pontos - o Alfa e o Ómega - que permitem a existência do sistema a que vocês chamam "relatividade". Sem esses dois pontos, sem essas duas ideias sobre as coisas, nenhuma outra ideia poderia existir.

Todos os pensamentos humanos e todas as ações humanas assentam no amor ou no medo. Não há mais nenhuma motivação humana e todas as outras ideias nada mais são que derivações destas duas. São apenas versões diferentes - variantes sobre o mesmo tema.

Pensa bem e verás que é verdade. É a isso que Eu chamo o Pensamento Orientador. Um pensamento que pode ser de amor ou de medo. É o pensamento *por detrás* do pensamento por detrás do pensamento. É o primeiro pensamento. A força primordial. A energia pura que aciona o motor da experiência humana. E é assim que o comportamento humano produz experiência repetida após experiência repetida; é por isso que os seres humanos amam, em seguida destroem e depois tornam a amar: existe sempre a oscilação de um sentimento para o outro. Amor gera medo, gera amor, gera medo…

…E o motivo encontra-se na primeira mentira - a mentira que vocês defendem como sendo a verdade acerca de Deus -, que não se pode confiar em Deus, que não se pode estar dependente do amor de Deus, que a aceitação de Deus não é incondicional, que o desfecho final está, portanto, em dúvida. Pois se não podem contar com o amor de *Deus*, um amor permanente, com o amor de quem é que hão-de poder contar? Se Deus vos ignora e se afasta quando vocês não se portam bem, como não hão-de os simples mortais fazer o mesmo?

…E é assim que no momento em que proclamam o vosso amor mais sublime acolhem o vosso medo mais profundo.

Pois a primeira coisa que te preocupa depois de dizeres “Amo-te” é se terás a mesma resposta. E se a tiveres passas de imediato a preocupar-te com a hipótese de vires a perder o amor que acabas de encontrar. E, assim, toda a ação se transforma numa reação - defesa contra a perda - *mesmo quando procuras defender-te contra a perda de Deus*.

Mas se soubesses Quem Tu És - que és o ser mais magnífico, mais espantoso, mais esplêndido que Deus criou -, nunca terias medo. Pois quem poderia rejeitar tão sublime magnificência? Nem mesmo Deus seria capaz de ver um defeito numa criatura dessas.

Mas não sabes Quem Tu És e julgas-te muitíssimo inferior. E onde foste buscar a ideia de que és muito menos importante do que és? Às únicas pessoas em quem acreditaste no que se refere a todas as coisas. *Ao teu pai e à tua mãe*.

São as pessoas que mais te amam. Por que iriam mentir-te? No entanto, não te disseram eles que tu és demasiado isto e não suficientemente bom naquilo? Não te recordaram vezes sem conta que devias ouvir e calar? Não te repreenderam nalguns dos momentos da tua maior exuberância? E não te encorajaram a pores de lado algumas das tuas mais ousadas fantasias?

Foram essas as mensagens que recebeste, e embora não cumpram os critérios, não sendo, portanto, mensagens de Deus, podiam muito bem sê-lo, pois sem dúvida provieram dos deuses do teu universo.

Foram os teus pais que te ensinaram que o amor é condicional - já muitas vezes sentiste na pele as suas condições - e é essa a experiência que levas para as tuas próprias relações amorosas.

É também a experiência que trazes para Mim.

Dessa experiência tiras as tuas próprias conclusões a Meu respeito. Nesse contexto, expressas a tua verdade. “Deus é um Deus de amor”, dizes,

"mas se infringirmos os Seus mandamentos Ele castigar-nos-á com a exclusão eterna, condenando-nos para todo o sempre".

Pois não tiveste a experiência da exclusão dos teus próprios pais? Não conheces a dor das suas condenações? Como podes então imaginar que, Comigo, seria diferente?

Esqueceste o que era ser-se amado de forma incondicional. Não te lembras da experiência do amor de Deus. E, por isso, tentas imaginar como será o amor de Deus baseado naquilo que vês do amor no mundo.

Projetaste em Deus o papel de "progenitor" e por isso vê-lO como um Deus que julga, recompensa ou castiga com base no que Ele sente em relação ao que tu tens andado a fazer. Mas essa é uma visão simplista de Deus, assente na vossa mitologia. Não tem nada a ver com Quem Eu Sou.

Tendo, por conseguinte, criado todo um sistema mental relativo a Deus baseado na experiência humana, e não nas verdades espirituais, crias depois toda uma realidade em torno do amor. É uma realidade assente no medo, enraizada no conceito de um Deus temível, vingativo. É o Pensamento Orientador que está errado, mas negar esse pensamento seria pôr em causa toda a vossa teologia. E embora a nova teologia com que a substituas seja realmente a tua salvação, *não consegues aceitá-la porque o conceito de um Deus não temível, que não julgará, e que não tem motivos para castigar é, simplesmente, demasiado grandioso para se enquadrar mesmo na ideia mais sublime que tens de Quem e O Que Deus É*.

Essa realidade de um amor assente no medo domina a tua experiência com esse amor; na verdade, cria-a. É que não só te vês a receber um amor condicional como também te observas a dá-lo da mesma forma. E mesmo quando te retrais, te esquivas e apresentas as tuas condições, uma parte de ti mesmo sabe que o amor não é realmente isso. Ainda assim, pareces incapaz de alterar a forma como o dedicas. Aprendeste com o sofrimento, dizes para contigo mesmo, e diabos te levem se vais permitir-te ficar de novo numa situação vulnerável. A verdade, porém, é que diabos te levem se o não fizeres.

[Devido às tuas próprias ideias (erradas) sobre o amor, condenas-te a nunca vires a senti-lo em toda a sua pureza. Assim como te condenas a nunca vires a conhecer-Me como Eu realmente sou. Até o fazeres. Pois não poderás negar-Me eternamente e o momento da nossa Reconciliação chegará.]

Todas as ações fruto dos seres humanos, e não apenas as ligadas ao seu relacionamento, têm como base o amor ou o medo. Decisões que afetam os negócios, a indústria, a política, a religião, a educação dos jovens, a agenda social das vossas nações, as metas económicas da vossa sociedade, opções envolvendo guerra, paz, ataque, defesa, agressão, submissão; resoluções ambiciosas ou despojadas, de amealhamento ou partilha, de união ou divisão - toda e qualquer opção livre que venham a tomar resulta de um dos dois únicos pensamentos que existem: um pensamento de amor ou um pensamento de medo.

O medo é a energia que contrai, fecha, isola, foge, esconde, amealha, faz mal.

O amor é a energia que expande, abre, liberta, fica, revela, partilha, cura.

O medo envolve os nossos corpos com roupagens, o amor permite-nos andar desnudos. O medo pega-se e agarra-se a tudo o que temos, o amor despoja-se de tudo isso. O medo cerca-nos, o amor enlaça-nos. O medo prende, o amor liberta. O medo infeta, o amor alivia. O medo agride, o amor apazigua.

Qualquer pensamento, palavra ou ação humana assenta numa destas emoções. Nada podes fazer quanto a isso pois não tens outras hipóteses de escolha. Mas o teu livre-arbítrio permite-te escolher entre as duas.

Dito assim parece tão fácil e no entanto, no momento da decisão, o medo vence mais frequentemente. Porquê?

Ensinaram-vos a viver com medo. Falaram-vos da sobrevivência dos mais aptos, da vitória dos mais fortes e do êxito dos mais espertos. Muito pouco se fala do triunfo dos mais afetuosos. E, por isso, esforçam-se por serem os mais aptos, os mais fortes, os mais espertos - de uma forma ou outra - e se, numa dada situação, se veem como algo menos que isso temem vir a perder, pois disseram-vos que ser menos é ser-se vencido.

E por isso, claro, escolhem a ação movida pelo medo, pois foi o que vos ensinaram. Eu, porém, ensino-vos o seguinte: se escolherem a ação movida pelo amor farão mais do que sobreviver, mais do que vencer, mais do que obter êxito. Nesse caso experienciarão a plena glória de Quem Realmente São e quem podem ser.

Para o fazerem devem pôr de lado os ensinamentos dos vossos tutores bem-intencionados, mal informados e terrenos, e *ouvir os ensinamentos daqueles cuja sabedoria provém de outra fonte*.

Há entre vós muitos desses Mestres, como sempre houve, pois Eu não vos deixarei sem aqueles que podem mostrar-vos, ensinar-vos, orientar-vos e recordar-vos essas verdades.

Contudo, não é ninguém de fora que melhor vo-las recordará, mas sim a vossa voz interior. É esse o primeiro instrumento que Eu uso por ser o mais acessível.

A voz interior é a que mais alto faz ouvir as Minhas palavras, pois é a que está mais próxima de ti.

É a voz que te diz se todas as outras coisas são verdadeiras ou falsas, certas ou erradas, boas ou más, pelas vossas definições. É o radar que traça a rota, guia o navio, orienta a viagem - assim tu o permitas.

É a voz que te diz neste momento se as próprias palavras que estás a ler são palavras de amor ou palavras de medo. Por esse padrão, podes concluir se são palavras para serem ouvidas ou para serem ignoradas.

QUEM EU SOU E QUEM EU POSSO SER

Disseste que se eu escolher sempre a ação movida pelo amor experienciarei a plena glória de quem eu sou e quem posso ser. Podes explicar melhor, por favor?

Existe apenas um propósito para a vida, ou seja, que tu e tudo aquilo que vive experienciem a mais plena glória.

Tudo o mais que disseres, pensares ou fizeres, está subordinado a essa função. Não há mais nada para a tua alma fazer e mais nada que a tua alma queira fazer.

A maravilha desse propósito é ser infindável. Um fim é uma limitação e o propósito de Deus não conhece tal fronteira. Se, num dado momento, vieres a sentir que atingiste a tua mais plena glória, logo nesse preciso instante imaginarás uma glória ainda maior a atingir. Quanto mais fores mais podes tornar-te e quanto mais te tornares mais ainda poderás vir a ser.

O segredo mais profundo é que a vida não é um processo de descoberta mas sim um processo de criação.

Não estás a descobrir-te a ti mesmo, mas a criar-te de novo. Procura, portanto, não descobrir Quem És mas sim definir Quem Queres Ser.

Há quem diga que a vida é uma escola, que estamos cá para termos determinadas lições, que quando nos "formarmos" podemos dedicar-nos a buscas mais sublimes, já não agrilhoados pelo corpo. É isso?

Trata-se de outra parte da vossa mitologia baseada na experiência humana.

A vida não é uma escola?

Não.

Não estamos aqui para aprender?

Não.

Então para que estamos nós cá?

Para recordar e recriar Quem São.

Já to disse muitas vezes. Não acreditas em Mim. Mas é assim que deve ser. A verdade é que se não te criares como Quem Tu És isso não poderá acontecer.

Agora baralhaste-me. Voltemos a essa questão da escola. Ouvi dizer a vários mestres que a vida é uma escola e sinto-me francamente chocado ao ouvir-Te negar isso.

A escola é um sítio onde tu vais se houver algo que não saibas e queiras saber. Não é um sítio onde vais se já sabes uma coisa e queres simplesmente *experienciar a tua sapiência*.

A vida (como lhe chamas) é uma oportunidade que tens de saber *experiencialmente* aquilo que já sabes *conceptualmente*. Para isso, não precisas de aprender nada. Precisas apenas de recordar o que já sabes e agir com base nisso.

Acho que não percebi bem.

Comecemos por aqui: a alma - a tua alma - sabe, durante o tempo todo, tudo o que há para saber. Nada lhe é ocultado, nada lhe é desconhecido. Contudo, não basta saber. A alma procura *experienciar*.

Podes saber que és generoso, mas se não *fizeres* algo que revele generosidade dispões apenas de um conceito. Podes saber que és amável,

mas se não *fizeres* uma amabilidade a alguém nada mais terás que uma ideia sobre ti mesmo.

O único desejo da tua alma é transformar o seu mais grandioso conceito sobre si mesma na sua maior experiência. Até o conceito se tornar experiência existe apenas especulação. Eu tenho especulado sobre Mim Mesmo durante muito tempo. Mais tempo do que tu e Eu, juntos, possamos imaginar. Mais do que a idade deste universo vezes a idade do universo. Já vês portanto quão jovem - quão nova - é a Minha experiência de Mim Mesmo!

Baralhaste-me outra vez. A tua experiência de Ti Mesmo?

Sim. Deixa-me explicar-te da seguinte maneira:

No princípio, O Que É era tudo o que havia e não havia *mais nada*. Contudo, Tudo O Que É não podia conhecer-Se a si mesmo - porque Tudo O Que É é tudo o que havia e não havia mais nada. Donde, Tudo O Que É… não era. Pois, na ausência de algo mais, Tudo O Que É não é.

É este o grande É/Não É a que os místicos se referiram desde o princípio dos tempos.

Ora, Tudo O Que É sabia que era tudo o que havia - mas isso não era o suficiente, pois podia apenas conhecer a sua total magnificência *conceptualmente* e não *experiencialmente*. No entanto, a experiência de si mesmo era o que mais ansiava porque queria saber como era sentir-Se assim tão magnificente.

Mas era impossível dado que o próprio termo “magnificente” é um termo relativo. Tudo O Que É não podia saber como era sentir-Se magnificente enquanto aquilo que não é não se revelasse. Na ausência daquilo que não é, aquilo que É não é.

Estás a perceber?

Acho que sim. Continua.

Muito bem. A única coisa que Tudo O Que É sabia era que não havia mais nada. E por isso nunca podia, nem viria, a conhecer-se a partir de um ponto de referência exterior a Si mesmo. Tal ponto não existia. Existia apenas um ponto de referência que era o único local interior. O "É/Não É". O Sou-Não Sou.

Não obstante, o Tudo de Tudo decidiu conhecer-se *experiencialmente*.

Essa energia - essa energia pura, invisível, inaudível, inobservável e, por conseguinte, totalmente desconhecida - decidiu experienciar-Se como total magnificência que era. Para o fazer, percebeu que teria de usar um ponto de referência *interior*.

Deduziu, corretamente, que qualquer parte de Si mesmo teria necessariamente de ser menor que o todo e que, portanto, se muito simplesmente se dividisse a Si mesmo em partes, cada parte, sendo menor que o todo, podia olhar para o resto de Si mesmo e ver magnificência.

E assim, Tudo O Que É dividiu-Se - tornando-Se, num momento glorioso, o que é *isto* e o que é *aquilo*. Pela primeira vez, *isto* e *aquilo* existiram bem separados um do outro. E, no entanto, existiam ambos simultaneamente. Tal como tudo o que não era *nem uma coisa nem outra*.

Dessa forma, passaram a existir, subitamente, *três elementos*: o que está *aqui*, o que está *ali* e o que não está *nem aqui nem ali* - mas que deve existir para que o aqui e o ali existam.

É o nada que suporta o tudo. É o não espaço que suporta o espaço. É o todo que suporta as partes.

Consegues perceber isso?

Estás a acompanhar o raciocínio?

Por acaso, acho que sim. Por incrível que pareça, usaste uma ilustração tão clara que julgo estar a entender perfeitamente.

Vou então prosseguir. Ora esse nada que suporta o tudo é aquilo a que certas pessoas chamam Deus. Mas não se trata também de uma definição exata pois sugere que há qualquer coisa que Deus não é - nomeadamente, tudo o que não é "nada". Mas Eu sou *Todas As Coisas* - visíveis e não visíveis - portanto essa descrição de Mim como o Grande Invisível - a Coisa-Nenhuma ou o Espaço-Entre, uma definição mística basicamente oriental de Deus, não é mais exata que a descrição prática basicamente ocidental de Deus como tudo o que é visível. Os que acreditam que Deus é Tudo O Que É e Tudo O Que Não É são os que entenderam corretamente.

Ora, ao criar o "aqui" e o "ali", Deus permitiu que Deus se conhecesse a Si mesmo. No momento desta grande explosão vinda do interior, Deus criou a *relatividade* - a maior dádiva que Deus jamais fez a Si mesmo. Por conseguinte, a *relação* é a maior dádiva que Deus vos deu, tema que será analisado ao pormenor mais adiante.

Temos, portanto, que a partir da Coisa-Nenhuma surgiu o Tudo - um evento espiritual totalmente compatível, aliás, com o que os vossos cientistas chamam Teoria do *Big Bang*.

Com a entrada em ação dos elementos do tudo, criou-se o tempo, pois uma coisa estava primeiro *aqui*, depois estava *ali* - e o período gasto a *ir* de aqui para ali era mensurável.

Quando as partes visíveis de Si mesmo começaram a definir-se, "relativas" umas às outras, o mesmo sucedeu às partes invisíveis.

Deus sabia que para o amor existir - e conhecer-se a si mesmo como amor puro - teria também de existir o seu exato oposto. Por isso Deus criou propositadamente a grande polaridade - o oposto absoluto do amor - tudo o que o amor não é - aquilo a que agora se chama medo. Existindo o medo, o amor já podia existir *enquanto algo capaz de ser experienciado*.

É a esta *criação de dualidade* entre o amor e o seu oposto que os humanos se referem nas suas diversas mitologias como o nascimento do mal, a queda de Adão, a revolta de Satanás, e por aí fora.

Tal como decidiram personificar o amor puro na figura a que chamam Deus, personificaram o medo abjeto na figura a que chamam Diabo.

Alguns, na Terra, criaram mitologias assaz elaboradas em torno desse evento, repletas de cenários de batalhas e guerra, soldados angélicos e guerreiros diabólicos, as forças do bem e do mal, da luz e das trevas. Essa mitologia foi a primeira tentativa da Humanidade para entender, e explicar aos outros de uma forma que eles pudessem entender, *uma ocorrência cósmica da qual a alma humana tem profunda consciência mas que a mente tem grande dificuldade em conceber*.

Ao transformar o universo numa versão dividida de Si mesmo, Deus criou, a partir da energia pura, tudo o que agora existe - visível e invisível.

Por outras palavras, não foi apenas o universo físico que dessa forma foi criado, *mas também o universo metafísico*. A parte de Deus que constitui a segunda metade da equação Sou/Não Sou também explodiu num número infinito de unidades mais pequenas que o todo. É a essas unidades de energia que vocês chamam *espíritos*.

Nalgumas das vossas crenças religiosas afirma-se que “Deus-Pai” tem muitos espíritos filhos. Esse paralelo com as experiências humanas de uma vida que se multiplica a si mesma parece ser a única forma de levar as massas a acreditar no conceito de súbita aparição - a súbita existência de incontáveis espíritos no “Reino dos Céus”.

Neste caso, os vossos contos e histórias míticas não estão muito longe da suprema realidade - pois os incontáveis espíritos que compõem a totalidade de Mim são mesmo, num sentido cósmico, a Minha progénie.

O Meu propósito divino, ao dividir-Me, foi criar suficientes partes de Mim para que pudesse conhecer-Me *experiencialmente*. O Criador só tem

uma forma de Se conhecer experiencialmente como Criador, ou seja, criando. E assim, dei a cada uma das incontáveis partes de Mim (a todos os Meus espíritos filhos) *o mesmo poder de criar* que Eu possuo como todo.

É a isso que as vossas religiões se referem ao dizerem que foram criados à "imagem e semelhança de Deus". O que não significa, como alguns já afirmaram, que os nossos corpos físicos se assemelhem (embora Deus possa adotar, para um determinado efeito, qualquer forma física que queira). Significa, isso sim, que a nossa essência é a mesma. Somos feitos do mesmo estofo. SOMOS o "mesmo estofo"! Com as mesmas características e capacidades - incluindo a capacidade de criar uma realidade física a partir do próprio ar.

O meu propósito ao criar-vos, Minha progénie espiritual, foi o de conhecer-Me como Deus. Não tenho como fazê-lo a não ser através de vós. Poder-se-á então dizer (e já foi dito, muitas vezes) que o Meu propósito para convosco é que venham a conhecer-se como *sendo Eu*.

Parece algo espantosamente simples e no entanto torna-se muito complexo - porque existe apenas uma maneira de vocês se conhecerem como sendo Eu... ou seja, *começando* por se conhecerem como *não sendo Eu*. Agora tenta compreender isto - faz um esforço de concentração - porque a coisa torna-se muito complicada. Estás pronto?

Acho que sim.

Ótimo. Lembra-te que foste tu que pediste esta explicação. Há anos que esperas por ela. Pediste-a em termos laicos, não em doutrinas teológicas ou teorias científicas.

CONHECER E EXPERIENCIAR

Sim... eu sei o que pedi.

E como pediste assim receberás.

Bom, para manter as coisas simples, usarei o vosso modelo mitológico de filhos de Deus como base para a explicação, por se tratar de um modelo com o qual estás familiarizado - e em muitos aspetos não está assim tão longe da verdade. Voltemos pois à forma como este processo de autoconhecimento deve desenrolar-se.

Eu tinha uma maneira de fazer com que todos os Meus filhos espirituais se conhecessem como partes de Mim - bastava, muito simplesmente, dizer-lhes. Foi o que Eu fiz. Mas a verdade é que o Espírito não se contentou em conhecer-Se apenas como Deus, ou parte de Deus, ou filhos de Deus, ou herdeiros do reino (qualquer que seja a mitologia que queiras Usar).

Como já referi, conhecer algo e *experienciá-lo* são duas coisas diferentes. O espírito ansiava por se conhecer experiencialmente (tal como Eu ansiara!). A consciência conceptual não vos bastava. Por isso engendrei um plano. A ideia mais extraordinária de todo o universo - e também a mais espetacular colaboração. Digo colaboração porque *todos vocês estão nele envolvidos Comigo.*

Segundo o plano, vocês, enquanto puro espírito, entrariam no recém-criado universo físico. Isso porque a fisicalidade é a única forma de se conhecer *experiencialmente* aquilo que se conhece conceptualmente. É, com efeito, o motivo por que criei o cosmo físico - e o sistema de relatividade que o rege a ele e a toda a criação.

Uma vez dentro do universo físico, vocês, Meus filhos espirituais, poderiam experienciar aquilo que conhecem de vós mesmos - mas, primeiro, tinham de *vir a conhecer o oposto*. Para explicar isso de uma forma simples, não podes conhecer-te como alto enquanto, e se, não tiveres conhecimento do baixo. Não podes experienciar a parte de ti mesmo a que chamas gorda se não vieres também a conhecer a magra.

Segundo a lógica mais pura, não podes experienciar-te como aquilo que és enquanto não encontrares aquilo que *não és*. É este o objetivo da teoria da relatividade e de toda a vida física. É através daquilo que *não és* que se faz a definição de ti próprio.

Ora, no caso do supremo conhecimento - do conhecimento de ti mesmo como Criador - não podes experienciar-te como criador enquanto, e se, não *criares*. E não podes criar-te enquanto não te *descriares*. De certa forma, primeiro tens de "não ser" para seres. Percebes?

Acho que sim...

Concentra-te.

Claro que não tens hipótese de não seres quem e aquilo que és - *é-lo*, pura e simplesmente (um espírito puro e criativo), sempre o foste e sempre o serás. Fizeste, portanto, o que devias fazer a seguir. *Obrigaste-te a esquecer* Quem Tu Realmente És.

Ao entrares no universo físico, *abandonaste a tua remembrança de ti mesmo*. Isso permite-te *optar* por seres Quem Tu És em lugar de apenas seguires com a corrente, por assim dizer.

É no ato de optares por ser, em lugar de apenas ouvires dizerem-te que és, uma parte de Deus, que tu próprio tens a *experiência* de deteres todas as opções, ou seja, por definição, aquilo que Deus é. Contudo, como é que podes optar sobre algo em relação ao qual não existe outra opção? Não podes não ser Meu filho, por mais que te esforces - mas *podes esquecer*.

És, sempre foste, e sempre serás, uma parte *divina do todo divino, um membro do corpo*. É por isso que o ato de reunir o todo, de regressar a Deus, se chama remembrança. Optas efetivamente por re-membrar Quem Realmente És ou agregar as diversas partes de ti mesmo para experienciares o teu todo… - ou seja, o Meu Todo.

A tua função na Terra não é, portanto, *aprender* (porque já sabes} mas sim *re-membrar* Quem Tu És. E re-membrares quem todos os outros são. É por isso que uma boa parte da tua função é fazer lembrar aos outros (isto é, recordar-lhes) para que eles possam, também, re-membrar.

É precisamente o que têm feito todos os extraordinários Mestres espirituais. É o vosso único propósito. Ou seja, *o propósito da vossa alma*.

Meu Deus, isso é tão simples - e tão... *simétrico*. Quer dizer, tudo se *encaixa*! De repente tudo *bate certo*! Vejo agora um quadro que nunca tinha imaginado completo.

Ótimo. Isso é ótimo. É o objetivo deste diálogo. Pediste-Me respostas e Eu prometi que tas dava.

Vais transformar este diálogo num livro e tornar as minhas palavras acessíveis a muitas pessoas. Faz parte do teu trabalho. Ora bem, tens muitas dúvidas, muitas perguntas a fazer sobre a vida. Já aqui lançámos as fundações. Preparámos o terreno para outras explicações.

Passemos então às outras perguntas. E não te preocupes. Se houver algo sobre o que acabámos de analisar que ainda não tenhas entendido perfeitamente, verás que em breve se tornará claro para ti.

SABER, EXPERIENCIAR E SER

Há tanta coisa que quero perguntar. Tantas dúvidas. Talvez o melhor seja começar pelas maiores, as óbvias. Como, por exemplo, por que é que o mundo está no estado em que está?

De todas as perguntas que o homem fez a Deus essa foi a mais frequente. Desde o princípio dos tempos que o homem a tem feito. Desde o primeiro momento até este, sempre quiseram saber *porque tem de ser assim*?

Por norma, a questão coloca-se mais ou menos assim: se Deus é a perfeição e o amor, porque criou Deus a peste e a fome, a guerra e a doença, os terramotos, os tornados, os furacões e toda a espécie de catástrofes naturais, o profundo desapontamento pessoal e as calamidades mundiais?

A resposta a essa pergunta encontra-se nos mais profundos mistérios do universo e no mais alto significado da vida.

Eu não revelo a Minha bondade criando à vossa volta apenas aquilo a que vocês chamam perfeição. Não demonstro o Meu amor impedindo-vos de demonstrarem o vosso.

Como já expliquei, não se pode demonstrar amor enquanto não se conseguir demonstrar que não se ama. Uma coisa não pode existir sem o seu oposto, exceto no mundo do absoluto. Contudo, o reino do absoluto não foi suficiente nem para vocês nem para Mim. Eu existi lá, no sempre, e é também de lá que vocês vieram.

No absoluto não há experiência, apenas conhecimento. O conhecimento é um estado divino e no entanto a alegria mais grandiosa está no ser. Ser é algo que só se alcança depois da experiência. A sequência é esta: saber, experienciar, ser. É esta a Santíssima Trindade - o Deus Trinitário.

Deus Pai é o *saber* - o pai de todos os conhecimentos, o criador de todas as experiências, pois não se pode experienciar aquilo que não se conhece.

Deus Filho é o *experienciar*- a encarnação, a representação de tudo aquilo que o Pai sabe de Si mesmo, pois não se pode ser aquilo que não se experienciou.

Deus Espírito Santo é o *ser* - a *desencarnação* de tudo aquilo que o Filho experienciou de Si mesmo; a simples, a delicada quididade apenas possível através da memória do saber e da experiência.

Este ser simples é a beatitude. É o estado em que Deus se encontra depois de se conhecer e experienciar a Si mesmo. Estado pelo qual Deus ansiava no início.

Claro que já te devem ter explicado há muito tempo que a definição pai-filho de Deus nada tem a ver com o género. Utilizo aqui o discurso típico das vossas mais recentes Escrituras, pois escritos sagrados muito mais antigos inseriram esta metáfora num contexto de mãe-filha. Nenhum deles está correto. A tua mente reterá mais facilmente a relação como uma de progenitor-progénie. Ou: aquilo-que-dá-origem-a e aquilo-que-é-originado.

Somando a terceira parte da Trindade temos a seguinte relação:

Aquilo que dá origem a / Aquilo que é originado / Aquilo que é.

Esta realidade trinitária é a assinatura de Deus. É o padrão divino. O três-em-um encontra-se em todo o lado nos domínios do sublime. Não se pode fugir-lhe em questões relacionadas com tempo e espaço, Deus e consciência, ou qualquer das relações transcendentes. Em contrapartida, não encontrarás a Verdade Trinitária em nenhuma das relações inferiores da vida.

A Verdade Trinitária é reconhecida nas relações transcendentes por todo aquele que lida com elas. Alguns dos vossos beatos definiram a Verdade Trinitária como Pai, Filho e Espírito Santo. Alguns dos vossos psiquiatras utilizam os termos “sobreconsciente”, “consciente” e “subconsciente”. Alguns dos vossos espiritualistas dizem mente, corpo e espírito. Alguns dos vossos cientistas dizem energia, matéria e éter. Alguns dos vossos filósofos dizem que uma coisa só é verdadeira quando o for em pensamento, palavra e ato. Quando se referem ao tempo, vocês usam apenas três tempos: passado, presente e futuro. Outrossim, existem apenas três momentos na vossa perceção - antes, agora e depois. Em termos de relações espaciais, seja considerando os pontos do universo ou vários pontos da vossa própria sala, reconhecem o aqui, o ali e o espaço intermédio.

Quanto às relações inferiores, não contemplam quaisquer “espaços intermédios”. Isso porque são sempre díades, enquanto que as relações do domínio superior são, invariavelmente, tríades. Daí haver esquerda-direita, cima-baixo, pequeno-grande, rápido-lento, quente-frio e, a mais importante de todas as díades criadas, masculino-feminino. Não existem *espaços intermédios* nessas díades. Uma coisa é *uma coisa ou outra*, ou uma versão maior ou menor em relação a uma dessas polaridades.

No domínio das relações inferiores, nada concetualizado pode existir sem a concetualização do seu oposto. A maioria das vossas experiências do dia-a-dia tem como fundamento essa realidade.

No domínio das relações sublimes nada do que existe tem um oposto. O Tudo é único e todas as coisas progridem de uma para outra num círculo interminável.

O tempo é um domínio sublime no qual aquilo a que vocês chamam passado, presente e futuro existem *inter-relacionalmente*. Isto é, não são opostos mas sim partes do mesmo todo; etapas da mesma ideia, ciclos da mesma energia, aspetos da mesma Verdade imutável. Se, com base nisso, concluíres que esse passado, presente e futuro existem como um só, e ao mesmo “tempo”, estás certo. (Contudo, agora não é o momento para falarmos disso. Podemos analisá-lo muito mais pormenorizadamente quando estudarmos toda a conceção de tempo - que faremos mais adiante.)

O mundo está da maneira que está porque não podia estar de nenhuma outra maneira e continuar a existir no domínio inferior da fisicalidade. Terramotos e furacões, inundações e tornados e outras coisas a que vocês chamam catástrofes naturais não passam de movimentações dos elementos de uma polaridade para outra. Todo o ciclo nascimento-morte faz parte dessa movimentação. São os ritmos da vida, e tudo o que existe na realidade inferior está sujeito a eles porque *a própria vida é um ritmo*. É uma onda, uma vibração, uma pulsação no próprio âmago de Tudo O Que É.

A doença e o mal-estar são opostos da saúde e do bem-estar e manifestam-se, a vosso mando, na vossa realidade. Não podes estar doente sem, de certa forma, teres contribuído para o estares e podes ficar bom outra vez num instante apenas por decisão tua. Os profundos desgostos pessoais são reações provocadas e as calamidades mundiais resultado da consciência mundial.

A tua pergunta infere que sou Eu quem determina esses acontecimentos, que é por Minha vontade e desejo que eles ocorrem. *Mas Eu não determino que essas coisas aconteçam, limito-me a observar-vos a fazê-las*. E não faço nada para evitá-las, pois fazê-lo seria *contrariar a vossa vontade*. O que, por seu turno, vos privaria da experiência de Deus, experiência que vocês e Eu escolhemos em conjunto.

Não condenes, portanto, tudo o que consideras mau no mundo. Pelo contrário, pergunta a ti mesmo quais foram os teus juízos errados e quais as coisas, se as houver, que desejas fazer para alterares a situação.

Interroga o teu interior, mais do que o exterior, perguntando: "Que parte de mim mesmo desejo experienciar agora, face a esta calamidade? A que aspeto da existência prefiro apelar?" Pois toda a vida existe como instrumento da tua própria criação e todos os seus eventos se apresentam como meras oportunidades para tu decidires ser, e seres, Quem És.

Isto aplica-se a *todas* as almas e por isso já vês que não há vítimas no universo, apenas criadores. Os Mestres que andaram por este mundo sabiam-no, todos eles. Razão pela qual, independentemente do Mestre que cites, nenhum deles se considerou vitimizado - apesar de muitos terem sido verdadeiramente crucificados.

Cada alma é um Mestre - embora algumas não se lembrem das suas origens ou heranças. Cada uma delas, porém, cria a situação e as circunstâncias para o seu propósito mais sublime e para a sua própria mais rápida remembrança - a cada momento chamado presente.

Não julgues, portanto, o trilho cármico percorrido por outrem. *Não invejes o êxito nem te compadeças do fracasso pois, no cômputo da alma, não sabes o que é o êxito ou o fracasso*. Não chames calamidade a uma coisa, ou feliz a um acontecimento, enquanto não descobrires ao certo, ou testemunhares, a forma como são *utilizados*. Pois será a morte uma calamidade se salvar milhares de vidas? E será a vida um acontecimento feliz se apenas causou sofrimento? Mas nem mesmo isso deverás julgar e mantém sempre a tua própria opinião respeitando a dos outros.

Não quer dizer que ignores um pedido de ajuda ou o ensejo da tua própria alma de contribuir para a mudança de alguma situação ou estado.

Não deves é rotular e ajuizar enquanto estiveres a fazer qualquer coisa. Pois cada circunstância é uma dádiva e em cada experiência oculta-se um tesouro.

Houve em tempos uma alma que se conhecia como sendo a luz. Era uma alma nova que, por isso, ansiava pela experiência. “Eu sou a luz”, dizia ela. “Eu sou a luz.” Mas nem todo esse conhecimento e essa proclamação podiam substituir a experiência. E no reino de onde essa alma vinha, luz era tudo o que havia. Todas as almas eram sublimes, todas as almas eram magnificentes e todas cintilavam com o brilho da Minha excelsa luz. E por isso, a pequena alma em questão era como uma vela ao sol. No meio da luz mais radiosa - da qual fazia parte -, não conseguia ver-se a si mesma nem experienciar-se como Quem e O Que Realmente É.

Ora acontece que essa alma ansiava cada vez mais por esse autoconhecimento. E tão grande era a sua ânsia que Eu um dia lhe perguntei:

- Sabes o que deves fazer para satisfazer essa tua ânsia, Pequenina?

- Ah, o quê, Deus? O quê? *Farei seja o que for*! - afirmou a pequena alma.

- Deves separar-te de nós todos - respondi-lhe -, e depois deves cobrir-te de escuridão.

- O que é a escuridão, ó Sagrado? - perguntou a pequena alma.

- Aquilo que tu não és - repliquei, e a alma entendeu.

E foi isso que a alma fez, isolando-se de todos, sim, sim, entrando mesmo num outro domínio. E, nesse domínio, a alma teve o poder de evocar para a sua experiência toda a espécie de escuridão. E assim fez.

Mas, no meio de toda a escuridão, pôs-se a gritar "Pai, Pai, por que me abandonaste?" Tal como vocês fazem nos momentos mais negros. Eu, porém, nunca vos abandonei, estou sempre a vosso lado, pronto a recordar-vos de Quem Realmente São; pronto, sempre pronto, a trazer-vos para casa.

Por conseguinte, sê uma luz na escuridão e não a amaldiçoes.

E não te esqueças de Quem És no momento em que te vires rodeado por aquilo que não és. Mas louva a criação mesmo enquanto procuras alterá-la.

E fica sabendo que aquilo que fazes na altura da tua maior provação pode ser o teu maior triunfo. Pois a experiência que crias é um testemunho de Quem Tu És - Quem Tu Queres Ser.

Contei-te esta história - a parábola da pequena alma e do sol - para que melhor entendas por que é que o mundo está como está e como pode mudar num instante no momento em que todos se lembrarem da verdade divina da sua mais sublime realidade.

Ora há quem diga que a vida é uma escola e que as coisas que se observam e experienciam na vida são ensinamentos. Já antes o disse e volto a dizer-to:

Vocês vieram para esta vida sem nada para aprender - têm apenas de demonstrar aquilo que já sabem. Na demonstração desse saber, pô-lo-ão em prática e criam-se de novo a vós mesmos através da experiência. Desse modo, justificam a vida e dão-lhe um propósito. Desse modo tornam-na sagrada.

O PODER DE MUDAR E O PENSAMENTO ORIGINAL

Estás a dizer que todas as coisas más que nos acontecem são resultado da nossa própria decisão? Que mesmo as calamidades e os desastres mundiais são, de certa forma, criados por nós para que possamos "experienciar o oposto de Quem Somos?" E, se assim for, não haverá uma forma menos dolorosa - menos dolorosa para nós e para os outros - de criar oportunidades para tal experiência?

Fizeste várias perguntas e todas elas são boas. Consideremo-las uma de cada vez.

Não, nem todas as coisas que vos acontecem, e que consideram más, são resultado da vossa própria decisão. Não no plano consciente - aquele a que te referes. São, todas, da vossa própria criação.

Vocês estão *sempre* no processo de *criação*. A todo o momento. Em todos os minutos. Todos os dias. *Como* é que podem criar é algo que veremos mais adiante. Para já, acredita apenas no que te digo - és uma grande máquina da criação e estás a transformar uma nova manifestação literalmente à velocidade que pensas.

Eventos, ocorrências, acontecimentos, situações, circunstâncias - são, todos eles, criados a partir da consciência.

A consciência individual é suficientemente poderosa. Imagina então o tipo de energia criativa que se liberta sempre que duas ou mais se juntam em Meu nome. E a consciência *coletiva*? Caramba, essa é tão poderosa que

consegue criar acontecimentos e situações de importância mundial e consequências planetárias.

Não seria exato afirmar - pelo menos no sentido que *tu* lhe dás - que vocês *escolhem* essas consequências. Nem vocês nem Eu as escolho. Como Eu, vocês estão a observá-las. E a decidir Quem São *em relação a elas*.

No entanto, não há vítimas nem vilões no mundo. Nem tu és uma vítima das decisões de outrem. De certa forma, *todos* vocês criaram aquilo que dizem detestar - e, tendo criado isso, *escolheram-no*.

Trata-se de um nível de raciocínio avançado que, mais tarde ou mais cedo, todos os Mestres atingem. Pois é só quando conseguem aceitar a responsabilidade do todo que podem alcançar o poder de mudar uma parte. Enquanto defenderes a ideia de que existe algo ou alguém "a fazê-lo" por ti retiras a ti mesmo o poder de fazer algo por isso. Só ao afirmares "Eu *fiz* isto" consegues descobrir o poder de mudar.

É muito mais fácil mudar aquilo que estás a fazer do que mudar aquilo que outra pessoa faz.

O primeiro passo para mudar alguma coisa é perceber e admitir que se decidiu que essa coisa seria como é. Se não o admitires a um nível pessoal, fá-lo através da afirmação de que Somos todos Um. Procura então criar a mudança não porque uma coisa está errada mas porque já não constitui um testemunho exato de Quem Tu És.

Existe apenas uma razão para se fazer algo: enquanto testemunho, perante todos, de Quem Somos.

Usada desta maneira, a vida torna-se autocriadora. Usas a vida para te criares como Quem És e como Quem Sempre Quiseste Ser. Existe apenas uma razão para desfazer algo: porque já não constitui um testemunho de Quem Queres Ser. Já não reflete a tua imagem. Já não te representa. (Ou seja, já não te re-presenta…)

Se desejas ser corretamente re-presentado, *deves empenhar-te em mudar tudo aquilo que na tua vida não se enquadra na imagem que desejas projetar para a eternidade*.

No sentido mais lato, todas as coisas "más" que acontecem são resultado da tua escolha. O erro não está em escolhê-las mas sim em chamar-lhes más. Pois, ao chamar-lhes más, estás a chamar mau a ti mesmo visto teres sido tu quem as criou.

É um rótulo que não consegues aceitar, por isso em vez de te rotulares como mau renegas as tuas *próprias criações*. É esta desonestidade intelectual e espiritual que te permite aceitar um mundo no estado em que ele está. Se tivesses de admitir - ou ao menos sentisses uma forte e íntima noção de - *responsabilidade pessoal* pelo mundo, este seria um lugar muitíssimo diferente. Sê-lo-ia certamente se todos se sentissem responsáveis. Por ser tão patentemente óbvio é que isto se torna tão terrivelmente penoso, tão pungentemente irónico.

As calamidades e desastres naturais do mundo - os seus tornados e furacões, vulcões e cheias -, as suas perturbações físicas - não são criadas especificamente por vós. O que é criado por vós é o grau de intensidade com que tais acontecimentos afetam a vossa vida. Acontecem coisas no universo que nem a mais fértil das imaginações poderia conceber terem sido vocês a incentivar ou a dar origem. Tais acontecimentos são criados pela consciência global da humanidade. É o mundo todo, cocriando em conjunto, que produz tais experiências. O que cada um faz, individualmente, é passar por elas, descobrindo, se o há, o significado que têm para si mesmo e Quem e O Que Vocês São em relação a elas.

Por conseguinte, criam, coletiva e individualmente, a vida e as situações por que estão a passar cumprindo o propósito anímico de evoluir.

Perguntaste se não haverá uma forma menos dolorosa de tal processo se desenrolar, e a resposta é sim; contudo, nada na tua experiência extrínseca se alteraria. A forma de reduzir a dor que associas aos

acontecimentos e experiências terrenos - tanto teus como de outros - *é mudar a forma como os encaras*.

Não podes mudar o acontecimento exterior (pois ele foi criado pelo coletivo e ainda não cresceste e o bastante, na tua consciência, para alterares individualmente aquilo que foi criado coletivamente), portanto deves mudar a experiência interior. É esse o caminho a percorrer para se atingir a perfeição na vida.

Nada em si, ou por si só, é doloroso. A dor é resultado de uma ideia errada. Um erro na forma de pensar.

Um Mestre consegue fazer desaparecer a dor mais atroz. Nesse sentido, o Mestre cura.

A dor resulta de um juízo que fizeste sobre uma coisa. Sem esse juízo, a dor desaparece. Um juízo baseia-se, muitas vezes, na experiência anterior. A tua ideia a respeito de uma coisa deriva de uma ideia prévia acerca dessa coisa. A tua ideia prévia resulta de uma ideia ainda mais anterior - e essa de uma outra, e assim por diante, como uma sequência, até recuares ao salão de espelhos a que Eu chamo primeiro pensamento. Todo o pensamento é criativo e não há nenhum que seja mais poderoso que o pensamento original. Por isso é que às vezes também se designa por pecado original.

Pecado original é quando o teu primeiro pensamento sobre uma coisa está errado. Esse erro é então reparado muitas vezes sempre que tens um segundo ou terceiro pensamento sobre uma coisa. Cabe ao Espírito Santo a tarefa de te inspirar para novos conhecimentos que podem libertar-te dos teus erros.

NÃO HÁ "DEVOS" E "NÃO DEVOS" NO MUNDO DE DEUS

Queres dizer que não devo entristecer-me com as crianças que morrem à fome em África, com a violência e a injustiça na América, com o terramoto que mata centenas de pessoas no Brasil?

Não há "devos" ou "não devos" no mundo de Deus. Faz o que queres fazer. Faz o que reflete a tua imagem, o que te representa como uma versão mais grandiosa do teu Eu. Se queres entristecer-te, entristece-te.

Mas não faças juízos, nem condenes, pois não sabes por que razão, e com que finalidade, é que uma coisa acontece.

E lembra-te: aquilo que tu condenas virá a condenar-te, e aquilo que julgares será no que um dia te tornarás.

Em vez disso, procura mudar as coisas - ou apoiar outros que estejam a mudá-las - que já não reflitam a tua mais sublime noção de Quem És. Mesmo assim, abençoa tudo - pois tudo é criação de Deus, através da vivência da vida, e essa é a mais sublime das criações.

Podemos fazer aqui uma pausa para eu recuperar o fôlego? Terei ouvido bem quando disseste que não há "devos" ou "não devos" no mundo de Deus?

Exatamente.

Como é que pode ser? Se os não há no *Teu* mundo onde é que há-de haver?

De facto - onde...?

Repito a pergunta. Onde mais poderá haver "devos" e "não devos" senão no Teu mundo?

Na vossa imaginação.

Mas os que me ensinaram tudo sobre o "certo" e o "errado", o "faz" e o "não faças", o "deves" e o "não deves", disseram-me que todas essas regras tinham sido estabelecidas por *Ti* - por Deus.

Então os que te ensinaram estavam errados. Eu nunca estabeleci um "certo" ou "errado", um "faz" ou um "não faças". Fazê-lo seria despojar-vos por completo da vossa maior dádiva - a oportunidade de fazer o que querem e experienciar os resultados disso, a hipótese de se criarem de novo à imagem e semelhança de Quem Realmente São, o espaço para produzirem uma realidade de um ser cada vez mais sublime baseado na ideia mais grandiosa que fazem daquilo que são capazes.

Dizer que qualquer coisa - um pensamento, uma palavra, uma ação - está "errada", seria o mesmo que dizer-vos para não a fazerem. Dizer-vos para não a fazer seria o mesmo que proibir-vos. Proibir-vos seria limitar-vos. Limitar-vos seria negar-vos a realidade de Quem Vocês Realmente São, bem como a oportunidade de criar e experienciar essa verdade.

Há os que dizem que Eu vos dei o livre-arbítrio e no entanto essas mesmas pessoas afirmam que se não Me obedecerem Eu mando-vos para o Inferno. Que espécie de livre-arbítrio é esse? · Isso não faria de Deus um impostor - já para não falar da verdadeira relação entre nós?

O INFERNO E O MEDO

Bom, agora estamos a entrar noutra área que eu gostava de discutir, essa história toda do Céu e do Inferno. Pelo que estou a perceber, o Inferno é coisa que não existe.

Existe Inferno mas não é o que vocês pensam e não o experienciam pelas razões que vos têm dado.

O que é o Inferno?

É a experiência do pior dos desfechos possíveis das tuas escolhas, decisões e criações. É a consequência natural de qualquer pensamento que Me negue ou que se oponha a que sejas Quem Tu És em relação a Mim.

É a dor que sentes por causa de um juízo errado. Contudo, até mesmo a designação "juízo errado" está incorreta pois essa coisa do "errado" não existe.

O Inferno é o oposto da alegria. É a não realização pessoal. É saberes Quem e O Que Tu És e não conseguires experienciá-lo. É ser menos. É isso o Inferno, e não há maior Inferno que esse para a tua alma.

No entanto, o Inferno não existe como esse *local* que vocês fantasiaram, onde se arde num fogo eterno ou se existe num estado de perpétuo sofrimento. Que interesse poderia Eu ter nisso? Mesmo que Me assaltasse o extraordinariamente ímpio pensamento de que não "mereciam" o Céu, que necessidade tinha Eu de arranjar algum tipo de vingança ou castigo pelos vossos erros? Não seria mais fácil, para Mim, livrar-me pura e simplesmente de vocês? Que parte vingativa de Mim Mesmo exigiria que vos sujeitasse a um sofrimento eterno de um tipo e grau indescritíveis?

Se me responderes que é por uma necessidade de justiça, não bastaria então para isso a simples interdição de se juntarem a Mim no Céu? Será também obrigatório infligir-vos uma dor sem fim?

Digo-te que essa experiência depois da morte, tal como a descreveram nas vossas teologias assentes no medo, não existe. Existe, no entanto, uma experiência anímica tão triste, tão incompleta, tão desgarrada do todo, tão separada da sublime alegria de Deus, que para a tua alma isso será o Inferno. Mas garanto-te que não sou Eu quem vos manda para lá, nem faço com que tal experiência vos seja imposta. São vocês mesmos que criam a experiência sempre que se alheiam do vosso mais sublime pensamento acerca de vós mesmos. Criam pois essa experiência sempre que se negam a vós próprios; sempre que rejeitam Quem e O Que Realmente São.

Contudo, nem mesmo essa experiência é sempiterna. *Não pode ser*, pois o meu propósito não é que vocês estejam separados de Mim para todo o sempre. O que, aliás, seria impossível, pois para isso acontecer não só vocês teriam de negar Quem São como Eu teria de fazer o mesmo. O que jamais farei. E enquanto um de nós mantiver a verdade sobre o Homem, será essa a verdade que prevalece.

Mas se não existe Inferno, quer dizer que eu posso fazer o que quiser, agir como desejar, cometer todos os atos, sem medo de retaliações?

É do *medo* que precisas para seres, fazeres e teres o que está intrinsecamente correto? Tens de ser ameaçado para "seres bom"? E o que é "ser-se bom"? Quem terá, sobre isso, a última palavra? Quem define as linhas orientadoras? Quem é que faz as leis?

Pois Eu te digo: *Tu* és o teu próprio legislador. Tu defines as linhas orientadoras. E és *tu* quem avalia os atos cometidos; os que estás a cometer, pois foste tu a decidir Quem e O Que Realmente És - e Quem Queres Ser. E *tu* és o único capaz de julgar a natureza dos teus atos.

Ninguém mais te julgará, pois por que razão, e de que forma, iria Deus julgar a Sua própria criação e considerá-la má? Se Eu quisesse que vocês fossem perfeitos e fizessem tudo perfeitamente, ter-vos-ia deixado no estado de total perfeição com que nasceram. O objetivo do processo era que vocês se descobrissem, que se *criassem* como verdadeiramente são - como verdadeiramente desejam sê-lo. Mas só conseguiriam sê-lo se tivessem, também, a hipótese de *ser outra coisa*.

Deveria então castigar-vos por terem feito uma opção que Eu próprio vos dei? Se não quisesse que optassem pela segunda alternativa para que havia Eu de criar outra além da primeira?

É uma pergunta que deves fazer a ti mesmo antes de Me atribuíres o papel de um Deus condenador.

A resposta direta à tua pergunta é: sim, podes fazer o que quiseres sem medo de retaliações. Que isso te sirva, no entanto, para perceberes quais serão as consequências.

As consequências são resultados. Desfechos naturais. Não se trata de modo algum, de retaliações ou castigos. Os desfechos são apenas isso. São o que resulta da aplicação natural de leis naturais. São o que acontece, muito previsivelmente, como consequência do que aconteceu.

Toda a vida física se processa segundo as leis naturais. Quando te lembrares dessas leis, e as aplicares, atingirás o conhecimento perfeito da vida ao nível físico.

Aquilo que aos teus olhos parece um castigo - ou a que chamas maldade, ou azar - nada mais é que a autoafirmação de uma lei natural.

Então se eu conhecesse essas leis, e as cumprisse, nunca mais teria um único problema. É isso que me estás a dizer?

Nunca mais experienciarias aquilo a que chamas "problema". Não encararias nenhuma das situações da vida como um problema. Não enfrentarias nenhuma circunstância com inquietação. Acabarias com as preocupações, as dúvidas e o medo. Viverias como, no teu imaginário, viveram Adão e Eva - não como espíritos desencarnados no domínio do absoluto mas como espíritos encarnados no domínio do relativo. Terias, no entanto, toda a liberdade, toda a alegria, toda a paz e toda a sabedoria, entendimento e poder do Espírito que és. Serias um ser plenamente realizado.

É esse o objetivo da tua alma. É esse o seu propósito - realizar-se plenamente enquanto no interior do corpo; tornar-se a *encarnação* de tudo o que realmente é.

É esse o Meu plano para vós. É esse o Meu ideal: vir a realizar-Me através de vós. Para que, desse modo, o conceito se transforme em experiência e Eu possa conhecer-Me *experiencialmente*.

As Leis do Universo são leis que Eu ditei. São leis perfeitas, criando um perfeito funcionamento do mundo físico.

Já viste coisa mais perfeita que um floco de neve? A sua complexidade, o seu desenho, a sua simetria, a sua conformidade consigo mesmo e originalidade em relação a tudo o mais - tudo isso é um mistério. Sentes-te maravilhado diante do milagre de tão espantosa visão da Natureza. Então, se Eu consigo fazer isso com um simples floco de neve, já pensaste no que posso fazer - no que fiz - com o universo?

Se visses a sua simetria, a perfeição do seu desenho - do organismo mais volumoso à partícula mais pequena -, não serias capaz de enquadrá-lo na tua realidade. Nem mesmo agora, com os vislumbres que vais tendo, consegues imaginar ou entender as suas implicações. Mas consegues perceber que há implicações - muito mais complexas e muito mais extraordinárias do que o teu entendimento atual consegue abarcar. O vosso Shakespeare descreveu-o maravilhosamente: *Há mais coisas no Céu e na Terra, Horácio, do que as imaginadas na tua filosofia*.

Então como posso conhecer essas leis? Como posso aprendê-las?

Não é uma questão de aprender mas sim de recordar.

Como posso recordá-las?

Começa pelo recolhimento. Silencia o mundo exterior para que o mundo interior possa trazer-te a visão. Essa introvisão é aquilo que procuras, mas não a terás enquanto estiveres tão profundamente ligado à tua realidade exterior.

Procura, pois, interiorizar o mais possível. E quando não estiveres a fazê-lo, chama essa interioridade ao lidares com o mundo exterior.

Lembra-te deste axioma:

Se não fores por dentro, ficas por fora.

Repete-o na primeira pessoa para o tornares mais pessoal:

Se não
For por dentro
Fico por fora

Tens andado por fora durante toda a tua vida. Mas não és obrigado a fazê-lo, nem nunca foste.

Não há nada que não possas ser. Não há nada que não possas fazer. Não há nada que não possas ter.

Isso parece-me uma promessa mirabolante.

Que outro tipo de promessa esperavas tu que Deus fizesse? Acreditarias em Mim se Eu te prometesse menos que isso?

Durante milhares de anos as pessoas não acreditaram nas promessas de Deus pela razão mais incrível: eram boas de mais para ser verdade. Por isso, escolheram uma promessa menor - um amor menor. Pois a promessa mais sublime de Deus provém do amor mais sublime.

Mas vocês não conseguem conceber um amor perfeito logo uma promessa perfeita é também inconcebível. Tal como o é uma pessoa perfeita. Assim, nem em vós mesmos conseguem acreditar.

Não ser capaz de acreditar em nada disto significa não ser capaz de acreditar em Deus, pois a crença em Deus gera a crença na maior das Suas dádivas - um amor incondicional - e na maior das Suas promessas - um potencial ilimitado.

Posso interromper-te? Detesto interromper Deus quando Ele está lançado... mas já ouvi essa conversa do potencial ilimitado e não bate certo com a experiência humana. Esqueces-te das dificuldades com que uma pessoa normal se defronta - então e os problemas dos que nasceram com limitações mentais ou físicas? O potencial deles é ilimitado?

Vocês assim o escreveram nas vossas próprias Escrituras - de muitas formas e em muitos sítios.

Dá-me um exemplo.

Vai ver o que escreveram no Génesis, capítulo 11, versículo 6, da vossa Bíblia.

Diz: "E o Senhor disse: 'Vede, o povo é um só, e têm, todos, uma única língua; e isto é apenas o começo do que farão: e agora nada do que imaginaram fazer lhes será impossível'."

Sim. Então, acreditas nisso?

Não explica a situação dos fracos, dos enfermos, dos deficientes, dos que estão limitados.

Achas que eles estão limitados, como tu dizes, contra a sua própria vontade? Julgas que uma alma humana defronta os problemas da vida - *quaisquer que sejam* - por acaso?

É essa a tua opinião?

Queres dizer que uma alma escolhe, antecipadamente, o modo de vida que virá a ter?

Não, isso iria gorar o *propósito* do encontro. O propósito é *criares* a tua experiência - e, consequentemente, criares o teu *Eu* - no momento glorioso do presente. Não escolhes, portanto, a vida que terás no futuro.

Podes, todavia, selecionar as pessoas, os lugares e os acontecimentos - as condições e as circunstâncias, os entraves e obstáculos, as oportunidades e opções - com os quais *criarás* a tua experiência. Podes selecionar as cores da tua paleta, os apetrechos para a tua caixa de ferramentas, a maquinaria para a tua loja. O que vieres a criar com eles é lá contigo. É com a vida.

O teu potencial é ilimitado em tudo o que decidires fazer. Não partas do princípio de que uma alma que tenha escolhido encarnar num corpo a que chamas limitado não tenha atingido todo o seu potencial, pois não sabes o que essa alma *estava a tentar fazer*. Não entendes a agenda dela. Não sabes ao certo qual é o seu *intento*.

Por isso, abençoa todas as pessoas e situações, e dá graças. Desse modo confirmas a perfeição da criação divina - e demonstras a tua fé nela. Pois nada acontece por acaso no mundo de Deus e coincidências é coisa que não existe. Nem o mundo é impulsionado por uma escolha aleatória ou algo a que vocês chamam destino.

Se um floco de neve é absolutamente perfeito na sua conceção, não achas que se poderá dizer o mesmo de algo tão admirável como a tua vida?

Mas até Jesus curou os doentes. Para que iria curá-los se o seu estado era assim tão "perfeito"?

Jesus não curou os que curou por considerar imperfeito o seu estado. Curou os que curou porque viu essas almas a pedir-lhe que as curasse como parte do seu processo evolutivo. Viu a perfeição do processo. Apercebeu-se e entendeu o propósito da alma. Se Jesus tivesse achado que todas as doenças, mentais ou físicas, eram imperfeições, não teria Ele muito simplesmente curado, ao mesmo tempo, todos os doentes à face da Terra? Duvidas que Ele pudesse fazê-lo?

Não. Acredito que Ele seria capaz de o fazer.

Ótimo. Agora a mente anseia por saber: Por que é que Ele não o fez? Por que terá Cristo optado por deixar sofrer uns e curar outros? Já agora, por que é que Deus permite sequer que haja sofrimento, seja em que altura for? Essa pergunta já foi feita e a resposta continua a ser a mesma. Existe perfeição no processo - e toda a vida surge por opção. Não é conveniente interferir nessa opção, nem questioná-la. É sobretudo inconveniente condená-la. O que é conveniente é observá-la e, depois, fazer o que quer que deva ser feito para ajudar a alma na procura e na tomada de uma *opção*

mais sublime. Está, portanto, atento às opções de outrem mas sem fazeres juízos. Entende que a opção é perfeita para eles neste momento presente - mas mantém-te preparado para os ajudares caso chegue o momento em que procurem uma nova opção, uma opção diferente - uma opção mais sublime. Entra em comunhão com as outras almas e perceberás os seus propósitos, as suas intenções. Foi isso que Jesus fez com aqueles que curou - e com todos aqueles cujas vidas foram por Ele influenciadas. Jesus curou todos os que vieram até Ele, ou que Lhe enviaram outros pedindo em nome deles. Não fez uma cura aleatória. Isso seria violar uma sagrada lei do Universo:

Deixai que cada alma siga o seu caminho.

"CERTO", "ERRADO" E A EXISTÊNCIA DE PROBLEMAS

Quer isso dizer que não devemos ajudar ninguém sem que nos peçam? Não pode ser, porque então nunca poderíamos ajudar as crianças que morrem à fome na índia, os povos subjugados de África, os pobres ou os oprimidos que há por todo o lado. Acabaria toda a ajuda humanitária, seria proibida toda a forma de caridade. Devemos esperar que um indivíduo nos faça ouvir o seu grito de desespero, ou que toda uma nação nos implore que a ajudemos, para podermos fazer o que está obviamente certo?

Vês, a pergunta responde a si mesma. Se uma coisa está obviamente certa, fá-la. Mas lembra-te do extremo cuidado a aplicar àquilo a que chamas "certo" e "errado".

Uma coisa só está certa ou errada porque tu o dizes. Uma coisa não está intrinsecamente certa ou errada.

Não?

O “estar certo” ou o “estar errado” não é um estado intrínseco, é um juízo subjetivo num sistema de valores pessoais. Através dos teus juízos subjetivos, crias-te a ti mesmo - através dos teus valores pessoais determinas e demonstras Quem Tu És. O mundo existe exatamente da maneira que está para que possas fazer esses juízos. Se o mundo existisse num estado perfeito, o teu processo vital de autocriação chegaria ao fim. Acabaria.

A carreira de um advogado acabaria amanhã se não houvesse mais processos judiciais. A de um médico se não houvesse mais doenças. A de um filósofo se não houvesse mais perguntas.

E a *carreira* de Deus acabaria amanhã se não houvesse mais *problemas*!

Exatamente. Disseste muito bem. Nós, todos nós, deixaríamos de ser criadores se não houvesse mais nada para criar. Nós, todos nós, temos um interesse muito próprio em manter as *coisas como* estão.

Por mais que digamos que gostaríamos de resolver todos os problemas, não nos atrevemos a resolver os problemas todos, pois ficávamos sem nada para fazer.

A vossa indústria de armamento sabe-o muito bem. É por isso que se opõe tenazmente a qualquer tentativa de implantação de uma política de não-agressão - onde quer que seja.

A vossa classe médica também o sabe. É por isso que se opõe categoricamente - deve fazê-lo, tem de fazê-lo pela sua própria sobrevivência - a qualquer nova droga ou cura milagrosas - já para não falar na possibilidade dos próprios milagres.

A vossa comunidade religiosa também o entende claramente. É por isso que ataca regularmente qualquer definição de Deus que não inclua o medo, o julgamento e o castigo, e qualquer definição do Eu que *não englobe a sua própria conceção de único caminho para Deus*.

Se Eu te disser: tu *és* Deus… que acontece à religião? Se Eu te disser: estás curado, que acontece à ciência e à medicina? Se Eu te disser: viverás em paz, que acontece aos pacificadores? Se Eu te disser: o mundo está consertado… que acontece ao mundo?

Que será dos canalizadores?

O mundo está, basicamente, cheio de dois tipos de pessoas: as que te dão as coisas que tu queres e as que consertam coisas. De certo modo, mesmo esses que só te dão as coisas que tu queres - os talhantes, os padeiros, os fabricantes de castiçais - são, também, consertadores. Ter um desejo por algo é, muitas das vezes, ter *necessidade desse algo*. É por isso que se diz que os viciados precisam de um conserto*. Cuidado, portanto, para que o desejo não se transforme em *vício*.

Estás a dizer que o mundo há-de ter sempre problemas? Que realmente *é essa a Tua vontade*?

Estou a dizer que o mundo existe da maneira que existe - tal como um floco de neve existe da maneira que existe - em grande parte porque assim foi decidido. Vocês criaram-no assim - tal como criaram a vossa vida exatamente como ela é.

Eu quero aquilo que vocês querem. No dia em que realmente desejarem pôr termo à fome, não haverá mais fome. Dei-vos todos os meios para o fazerem. Dispõem de todos os instrumentos necessários a essa opção. Não a fizeram. Não porque não possam fazê-la. O mundo pode acabar com a fome amanhã. Vocês optam por não fazer isso.

Afirmam haver razões válidas para que morram à fome quarenta mil pessoas por dia. Não há razões válidas. No entanto, ao mesmo tempo que dizem que nada podem fazer para impedir que morram de fome quarenta mil pessoas por dia, trazem também por dia outras cinquenta mil ao mundo para iniciarem uma nova vida. E é a isso que chamam amor. Que chamam

* Fix, no original, no sentido de "dose". (N. da T.)

plano de Deus. É um plano totalmente desprovido de lógica ou razão, já para não dizer compaixão.

Estou a mostrar-te, em termos crus, que o mundo está da maneira que está porque *vocês assim o decidiram*. Estão sistematicamente a destruir o vosso próprio ambiente e depois acusam os chamados desastres naturais como prova da cruel mistificação de Deus ou das duras ações da Natureza. Impuseram a vós mesmos essa mistificação, mas as vossas ações é que são cruéis.

Nada, mas *nada*, é mais doce que a Natureza. E nada, mas *nada*, tem sido mais cruel para a Natureza que o Homem. Declinam, porém, todo esse envolvimento, negam toda a responsabilidade. A culpa não é vossa, dizem, e nesse ponto têm razão. Não é uma questão de *culpa* mas sim de *decisão*.

Podem decidir acabar, já amanhã, com a destruição das vossas florestas tropicais. Podem decidir acabar com a redução da camada protetora que cobre o vosso planeta. Podem *decidir* não continuar com a atual devastação do engenhoso ecossistema da Terra. Podem tentar reunir de novo os flocos de neve - ou pelo menos fazer parar o seu inexorável degelo -, mas estarão dispostos a fazê-lo…?

Outrossim, podem *acabar*, *amanhã*, *com todas as guerras*. Simplesmente. Facilmente. Basta apenas - o que sempre bastou - que todos estejam de acordo. Contudo, se vocês não conseguem estar de acordo em algo tão basicamente simples como acabar com as mortes entre vós, como podem levantar o punho irado para os céus exigindo ordem na vossa vida?

Eu nada farei por ti que tu não estejas disposto a fazer por ti mesmo. É essa a lei dos profetas.

O mundo está no estado em que está por vossa causa e pelas opções que vocês fizeram - ou deixaram de fazer.

(Não decidir já é uma decisão.)

A Terra está na situação em que está por vossa causa e pelas opções que vocês fizeram - ou deixaram de fazer.

A tua própria vida está como está por tua causa e pelas opções que fizeste - ou deixaste de fazer.

LUTA OU RENDIÇÃO

Mas não fui eu que quis ser atropelado por aquele camião! Não quis ser assaltado por aquele ladrão, ou violada por aquele tarado, dirão alguns. Há pessoas no mundo que dirão isso.

Vocês estão todos na origem das condições que geraram no ladrão o desejo, ou a óbvia necessidade, de roubar. Criaram todos, a consciência que torna a violação possível. É quando veem em *vós mesmos* aquilo que causou o crime que começam, finalmente, a resolver a situação que lhe deu origem.

Alimentem os vossos famintos, deem dignidade aos vossos pobres. Concedam uma oportunidade aos vossos desfavorecidos. Acabem com o preconceito que mantém as massas oprimidas e furiosas, com pouca esperança de um futuro melhor. Ponham de lado os vossos inúteis tabus e restrições sobre a energia sexual - ou melhor, ajudem outros a entenderem verdadeiramente a sua beleza, canalizando-a de forma adequada. Façam essas coisas e darão assim um passo enorme com vista a pôr termo, para sempre, aos assaltos e violações.

Quanto ao chamado “acidente” - o camião que surge na curva, o tijolo que cai do céu - aprendam a receber cada um desses incidentes como uma pequena parte de um mosaico maior. Vieram a este mundo para porem em prática um plano individual referente à vossa própria salvação. Salvação não significa, porém, salvarem-se das tentações do demónio. Demónio é coisa que não existe, e Inferno também não. Estão a salvar-se do oblívio da não realização.

Nesta batalha não podem perder. Não podem fracassar, pois não se trata de nenhuma batalha mas apenas de um processo. Mas, se não o souberem, vê-lo-ão como uma luta constante. Poderão até vir a *acreditar na luta* o tempo suficiente para criarem uma religião à volta dela. Essa religião ensinar-vos-á que *a luta é o principal de tudo*. Um falso ensinamento. Não é lutando que o processo avança. É na rendição que a vitória se alcança.

Os acidentes acontecem porque acontecem. Certos elementos do processo vital reuniram-se de uma certa forma, num dado instante, com certos resultados - resultados que vocês decidem classificar como desastrosos por razões próprias. Talvez não sejam, porém, nada desastrosos dada a agenda da vossa alma.

Digo-te: não há coincidências e nada acontece "por acaso". Todos os acontecimentos e contingências são-te impostos por *ti mesmo* para que possas criar e experienciar Quem Tu Realmente És. Todos os verdadeiros Mestres sabem isso. Razão por que os Mestres místicos se mantêm imperturbáveis em face das piores experiências da vida (como tu as classificarias).

Os grandes professores da vossa religião Cristã entendem isso. Sabem que Jesus não se perturbou com a crucificação, esperou-a. Podia ter-se ido embora mas não foi. Podia ter interrompido o processo em qualquer altura. Tinha poder para isso. Contudo, não o fez. *Permitiu-se ser crucificado* para assim exemplificar a salvação eterna do homem. *Vejam*, disse Ele, *o que Eu consigo fazer*. Olhem para o que é verdadeiro. E saibam que estas coisas, e mais, deverão ser também feitas por vós. Pois Eu não vos disse que sois deuses? Mas não acreditam. Já que não conseguem acreditar em vós mesmos, acreditem em *Mim*.

Tal era a compaixão de Jesus que implorou por uma forma - e criou-a - de fazer ver ao mundo que todos podem ascender aos céus (autorrealização) - quanto mais não seja, através *d'Ele*, pois derrotou a tristeza, e a morte. E também tu poderás fazê-lo.

O maior ensinamento de Cristo não foi que poderão vir a *ter* uma vida eterna - mas que a *têm*; não que poderão *vir a ter* uma irmandade em Deus, *mas que a têm*; não que poderão *vir a ter* o que quer que peçam, mas que *têm*.

Para isso basta *sabê-lo*. Pois tu és o criador da tua realidade e a vida não pode revelar-se senão da forma em que tu *achas* que ela o fará.

Cria-la com o *pensamento*. É esse o primeiro passo na criação. Deus-Pai é o pensamento. O teu pensamento é o progenitor que dá vida a todas as coisas.

É uma das leis que devemos fixar.

Sim.

Podes enunciar-me outras?

Já te enunciei outras. Enunciei-vo-las, todas, desde o princípio dos tempos. Fi-lo vezes sem conta. Enviei-vos professor atrás de professor. Vocês não dão ouvidos aos meus professores. Matam-nos.

Mas *porquê*? Por que matamos os mais santos entre nós? Matamo-los ou desonramo-los, que é a mesma coisa. *Porquê*?

Porque eles se opõem a todo e qualquer pensamento vosso que Me negue. E negar-Me é o que devem fazer se desejam negar-se a vós mesmos.

Para que havia eu de querer negar-Te, *ou* a mim?

Porque tens medo. E porque as Minhas promessas são boas de mais para ser verdade. Porque não consegues aceitar a Verdade suprema. E por isso deves reduzir-te a uma espiritualidade que prega o temor, a dependência e a intolerância em vez do amor, do poder e da aceitação. Estás *cheio* de medo - e o teu maior medo é que a Minha maior promessa possa ser a maior mentira da vida. E por isso crias a maior fantasia de que

és capaz para te defenderes disso: afirmas que qualquer promessa que te confira o poder e te assegure o amor de Deus deve ser a *falsa promessa do Diabo*. Deus nunca faria uma promessa dessas, dizes a ti mesmo, só o Diabo - para te tentar a negares a verdadeira identidade de Deus como temível, julgadora, invejosa, vingativa e punitiva entidade das entidades.

Embora esta descrição se enquadre melhor na definição de um Diabo (se existisse algum), atribuíste *características diabólicas* a Deus para te convenceres a não aceitar as promessas divinas do teu Criador ou as qualidades divinas do Eu.

Tão grande é a força do medo.

PENSAMENTO E EMOÇÃO E O MITO DE ADÃO E EVA

Estou a tentar libertar-me do meu medo. Queres falar-me, uma vez mais, das outras leis?

A Primeira lei é que podes ser, fazer e ter, tudo o que conseguires imaginar. A Segunda lei é que atrais aquilo de que tens medo.

Porquê?

A *emoção* é a força que atrai. Aquilo que mais receares virás a conhecer. Um animal - que consideras uma forma de vida inferior (embora os animais ajam com mais integridade e maior coerência que os seres humanos) - sabe imediatamente se estás com medo dele. As plantas - que consideras uma forma de vida ainda *mais inferior* - reagem muito melhor às pessoas que gostam delas do que às que não lhes ligam importância.

Nada disso acontece por coincidência. Não há coincidências no universo - apenas um desígnio superior; um incrível “floco de neve”.

A emoção é energia em movimento. Quando moves energia crias um efeito. Se moveres energia suficiente, crias matéria. A matéria é energia acumulada, movida de um lado para o outro. Aglutinada. Se manipulares a energia durante o tempo suficiente, e de uma determinada maneira, obténs matéria. Todos os Mestres conhecem esta lei. É a alquimia do universo. O segredo de toda a vida existente.

O pensamento é energia pura. Todo o pensamento que tens, que tiveste e que venhas a ter, é criativo. A energia do teu próprio pensamento nunca morre. Nunca. Abandona o teu ser e dirige-se para o universo, expandindo-se eternamente. Um pensamento é eterno.

Todos os pensamentos se agregam; todos os pensamentos encontram outros pensamentos, entrecruzando-se num espantoso labirinto de energia, formando um desenho sempre diferente de indescritível beleza e inacreditável complexidade.

Energia atrai energia igual - formando (para usar termos simples) "grumos" de energia do mesmo tipo. Quando suficientes "grumos" iguais se entrecruzam - se encontram entre si - "colam-se" uns aos outros (para usar outro termo simples). É, portanto, necessária uma quantidade incalculável de energia igual "colada" para que a matéria se forme. Mas a matéria *formar-se-á* a partir da energia pura. É, com efeito, a única maneira de poder formar-se. Quando a energia se transforma em matéria permanece como matéria durante muito tempo - a menos que a sua construção seja desfeita por uma forma de energia oposta, ou diferente. Ao atuar sobre a matéria, essa energia diferente desagrega-a, libertando a energia pura da qual ela se compunha.

Eis, em termos básicos, a teoria por detrás da vossa bomba atómica. Einstein aproximou-se mais do que qualquer outro ser humano - antes ou depois dele - da descoberta, explicação e funcionamento do segredo da criação do universo.

Agora já deves perceber melhor por que é que as pessoas com uma *mente igual* podem trabalhar em conjunto na criação de uma realidade

melhor. A frase “Onde quer que dois ou mais se reúnam em Meu nome” torna-se muito mais significativa.

É claro que quando *sociedades inteiras* pensam de uma determinada maneira, acontecem muitas vezes as coisas mais espantosas - nem todas necessariamente desejáveis. Por exemplo, uma sociedade que viva com medo dá muitas vezes - *inevitavelmente*, aliás - forma àquilo de que mais medo tem.

Analogamente, grandes comunidades ou congregações descobrem muitas vezes uma força milagrosa no pensamento uníssono (ou aquilo a que certas pessoas chamam simples oração).

Que fique bem claro o seguinte: até mesmo individualmente uma pessoa pode - se o seu pensamento (oração, esperança, desejo, sonho, medo) for suficientemente forte - produzir, dentro ou fora de si mesma, tais resultados. Jesus fazia-o com regularidade. Sabia como manipular a energia e a matéria, como redispô-las, como redistribuí-las, como dominá-las por completo. Muitos Mestres souberam. Muitos sabem-no agora.

Tu podes sabê-lo. Já.

É esse o conhecimento do bem e do mal que Adão e Eva compartilharam. Enquanto eles não perceberam isso, não pôde existir vida *tal como vocês a conhecem*. Adão e Eva - os nomes míticos que vocês manjaram para representar o Primeiro Homem e a Primeira Mulher - foram o Pai e a Mãe da experiência humana.

O que tem sido descrito como a queda de Adão foi, pelo contrário, a sua ascensão - o acontecimento mais importante na história da humanidade, pois, sem ele, o mundo da relatividade não existiria. O ato de Adão e Eva não foi o pecado original mas, na verdade, a primeira bênção. Deviam agradecer-lhes do fundo dos vossos corações - pois, ao serem os primeiros a fazer uma opção “errada”, Adão e Eva geraram a *possibilidade* de se fazer *qualquer opção que seja*.

Na vossa mitologia, fizeram de Eva a "má" - a tentadora que comeu o fruto, o conhecimento do bem e do mal, e que, timidamente, convidou Adão a fazer o mesmo. Esse cenário mitológico permitiu-vos, desde então, fazer da mulher a "perdição" do homem, resultando isso em toda a espécie de realidades deturpadas - já para não falar nas distorcidas visões e confusões sexuais. (Como é que uma pessoa pode sentir-se *tão bem com algo tão mau*?)

Aquilo que mais receares será o que mais te atormentará. O medo atrair-te-á para isso como um íman. Todos os vossos textos sagrados - de qualquer crença ou tradição religiosa que tenham criado - contêm aclara advertência: não temais.

Achas que é por acaso?

1. O pensamento é criativo.
2. O medo atrai uma energia igual.
3. Só existe o amor.

Eh, lá, baralhaste-me com essa terceira. Como é que só pode existir amor se o medo atrai uma energia igual?

O amor é a realidade fundamental. A única. A plena. O sentimento do amor é a vossa experiência de Deus.

Na Verdade suprema, amor é tudo que existe, que existiu, e que sempre existirá. Quando entras no domínio do absoluto, entras no domínio do amor.

O domínio do relativo foi criado para que Eu Me experienciasse. Como já te expliquei. O que não torna *real* o domínio do relativo. Trata-se de uma *realidade criada* que vocês e Eu inventámos e continuamos a inventar - para que possamos conhecer-nos experiencialmente.

Contudo, a criação pode parecer muito real. O seu propósito é parecer tão real que a encaremos como algo que realmente existe. Desse modo,

Deus imaginou criar “algo mais” para além de Si mesmo (embora, em toda a verdade, isso seja impossível dado que Deus é - EU SOU - Tudo O Que É).

Ao criar “algo mais” - nomeadamente o domínio do relativo -, gerei um meio no qual vocês podem decidir ser Deus em lugar de ouvirem apenas dizer que o são; no qual podem experienciar o divino como um ato criativo, em vez de uma concetualização; no qual a pequena vela ao sol - a mais pequenina das almas - pode conhecer-se a si mesma como luz.

O medo é o outro extremo do amor. É a polaridade primeira. Ao criar o domínio do relativo, comecei por criar o oposto de Mim mesmo. Ora, no domínio em que vocês vivem num plano físico, existem apenas *dois locais de existência*: o medo e o amor. Os pensamentos enraizados no medo produzirão um tipo de manifestação no plano físico. Os enraizados no amor produzirão outro.

Os Mestres que andaram pelo mundo são os que descobriram o segredo do universo relativo - e recusaram reconhecer a sua realidade. Em suma, *Mestres são os que escolheram apenas o amor*. *Em todos os casos*. *Em todos os momentos*. *Em todas as situações*. Mesmo ao serem mortos, amaram os seus assassinos. Mesmo ao serem perseguidos, amaram os seus opressores. É algo que tens muita dificuldade em entender, quanto mais em emular. Não obstante, foi o que *todos os Mestres fizeram*. Independentemente da filosofia, da tradição, da religião - foi o que todos os *Mestres fizeram*.

Este exemplo e esta lição têm-vos sido apresentados de forma muito clara. Inúmeras vezes, repetidamente, vos tem sido demonstrado. Ao longo de todas as eras e em todos os locais. Através de todas as vossas vidas e em todos os momentos. O universo serviu-se de todos os meios para vos fazer ver esta Verdade. Em canções e histórias, em poemas e danças, em palavras e em gestos - em imagens em movimento a que vocês chamam filmes e em conjuntos de palavras a que chamam livros.

Foi proclamada do alto da montanha mais alta, ao local mais recôndito chegou o seu sussurro. *Pelos corredores de toda a experiência humana esta Verdade ecoou*: O amor é a solução. *Mas vocês não escutaram*.

Agora vens tu, com este livro, perguntar outra vez a Deus aquilo que Deus já vos disse vezes sem conta, de inúmeras formas. Mas dir-to-ei de novo - *aqui* - no contexto deste livro. Agora escutar-me-ás? Estás realmente disposto a ouvir?

Quem achas tu que te trouxe a esta obra? Como foi que ela te veio parar às mãos? Julgas que Eu não sei o que estou a fazer?

Não há coincidências no universo.

Ouvi o pranto do teu coração. Percebi a ânsia da tua alma. *Sei* o quão profundamente tens desejado a Verdade. Na dor, e na alegria, clamaste por ela. Nas inúmeras súplicas que Me fizeste. Para Eu me *mostrar*. Me *explicar*. Me *revelar*.

Aqui estou a fazê-lo, em termos tão claros que não podes deixar de entender. Numa linguagem tão simples que não te confundirá. Num vocabulário tão comum que não te perderás na verbosidade.

Portanto, mãos à obra. Pergunta-Me tudo. Tudo. Esforçar-Me-ei por te trazer a resposta. Para isso, servir-Me-ei de todo o universo. Fica, pois, atento. Este livro não é, de modo algum, o Meu único instrumento. Poderás fazer uma pergunta e depois pousar este livro. Mas observa. Escuta. A letra da próxima canção que ouvires. A informação contida no próximo artigo que leres. O argumento do próximo filme que vires. O comentário fortuito da próxima pessoa que encontrares. Ou o sussurro do próximo rio, do próximo oceano, a próxima brisa que te acariciar o ouvido - todos esses dispositivos são Meus, todas essas vias Me estão franqueadas. Falar-te-ei se quiseres escutar. Irei até ti se Me convidares. Mostrar-te-ei então que *sempre* estive a teu lado. *De todas as formas*

CAPÍTULO 2

"Mostrar-me-eis o caminho da vida:
Na Vossa presença (gozamos) a plenitude da alegria;
À Vossa direita encontram-se
As delícias eternas."

- Salmo 16:11

É TUDO RELATIVO, É TUDO PARTE DO QUE EXISTE

Durante toda a minha vida procurei o caminho para Deus...

Eu sei que procuraste...

...e agora encontrei-o e não posso acreditar. É como se estivesse aqui sentado, a escrever isto para mim mesmo.

E estás.

Não se parece com o que devia ser um diálogo com Deus.

Queres sinos e apitos? Vou ver o que se pode arranjar.

Sabes, não sabes?, que haverá quem considerará todo este livro uma blasfémia. Sobretudo se continuares a manifestar-te como um engraçadinho.

Deixa-me explicar-te uma coisa. Vocês têm essa ideia de que Deus só se manifesta de uma maneira na vida. É uma ideia muito perigosa.

Impede-vos de O verem na sua globalidade. Se pensas que Deus só olha de uma maneira, só fala de uma maneira ou só *existe* de uma maneira passarás por Mim dia e noite sem me veres. Passarás a vida toda à procura

de Deus sem A encontrares. Porque andas à procura de um *Ele*. Servi-me disto como exemplo.

Diz-se que quem não vê Deus no profano e no sublime está a perder metade da história. É uma grande Verdade.

Deus está na tristeza e no riso, no amargo e no doce. Existe um propósito divino por detrás de todas as coisas - e, por conseguinte, uma presença divina em todas as coisas.

Uma vez comecei a escrever um livro que se chamava *Deus É uma Sanduíche Salame*.

Teria sido um livro muito bom. Fui Eu que te dei essa ideia. Por que é que não o escreveste?

Achei que era uma blasfémia. Ou, no mínimo dos mínimos, terrivelmente irreverente.

Maravilhosamente irreverente, queres tu dizer! Onde foste buscar a ideia de que Deus é apenas "reverente"? Deus é o cima e o baixo. O quente e o frio. A esquerda e a direita. O reverente e o irreverente!

Julgas que Deus não é capaz de rir? Achas que Deus não aprecia uma boa piada? Estás convencido que Deus não tem sentido de humor? Pois fica sabendo que foi Deus que *inventou o humor*.

Deves falar em tom comedido quando te diriges a Mim? Estão-Me vedadas as palavras de calão e a linguagem obscena?

Pois Eu te digo: podes falar Comigo como falarias com o teu melhor amigo. Julgas que existe alguma palavra que Eu ainda não tenha ouvido? Uma cena que não tenha visto? Um som que não conheça?

Pensas que Eu desprezo uns e amo os outros? *Pois fica sabendo que não desprezo nada*. *Nada Me é repulsivo*. *É vida, e vida é a dádiva*, o inefável tesouro, a mais sagrada das coisas sagradas.

Eu sou vida, pois sou o estofo de que a vida *é feita*. Todas as suas facetas têm um propósito divino. Nada existe - *nada* - sem um motivo conhecido e aprovado por Deus.

Como é que pode ser? Então e o mal que tem sido criado pelo homem?

Vocês não podem criar *uma coisa* que seja - um pensamento, um objeto, um acontecimento - nenhuma experiência de *qualquer tipo* - que não se enquadre no plano de Deus, pois o plano de Deus é que criem *tudo* - *todas as coisas* - *que quiserem*. É nessa liberdade que está a experiência de Deus como Deus - *e a experiência para a qual Eu Vos criei*. E à própria vida.

O mal é aquilo a que vocês chamam *mal*. Contudo, até isso Eu amo pois é somente através daquilo a que chamam mal que podem conhecer o bem; somente através daquilo a que chamam obra do Diabo podem conhecer e executar a obra de Deus. Não gosto mais do quente que do frio, do alto que do baixo, da esquerda que da direita. *É tudo relativo*. É tudo parte *do que existe*.

Não amo mais o "bom" que o "mau". *Hitler foi para o Céu*. Quando entenderes isso, entenderás Deus.

Mas eu fui educado na crença de que o bem e o mal existem mesmo, que o certo e o errado são opostos, que certas coisas não estão bem, não estão certas, não são aceitáveis aos olhos de Deus.

Tudo é "aceitável" aos olhos de Deus, pois como não há-de Deus aceitar o que existe? Rejeitar uma coisa é negar a sua existência. Dizer que não está bem é dizer que isso não faz parte de Mim - e isso é impossível.

Todavia, defende as tuas convicções e mantém-te fiel aos teus valores, pois são os valores dos teus pais, dos pais dos teus pais; dos teus amigos e da tua sociedade. Formam a estrutura da tua vida e perdê-los seria desfiar o tecido da tua experiência. No entanto, examina-os um por um. Revê-os peça por peça. Não desmanteles a casa, mas inspeciona cada um dos tijolos e substitui os que parecem estar partidos, os que já não suportam a estrutura.

As tuas ideias quanto ao certo e ao errado são apenas isso - ideias. São os pensamentos que moldam e criam a substância de Quem Tu És. Há apenas um motivo para mudares qualquer uma delas, apenas um propósito em fazer uma alteração. Se não estiveres satisfeito com Quem Tu És.

Só tu podes saber se estás satisfeito. Só tu podes dizer da tua vida - "Esta é a minha criação (filho) na qual estou de pleno agrado." Se os teus valores te convêm, conserva-os. Discute por eles. Luta para os defenderes.

Procura, no entanto, lutar de forma a que não magoes ninguém. A dor não é um ingrediente necessário à cura.

Dizes "mantém-te fiel aos teus valores" e, ao mesmo tempo, afirmas que os nossos valores estão todos errados. Ajuda-me a entender isso.

Eu não disse que os teus valores estavam errados. Mas também não estão certos. São, apenas, juízos. Avaliações. Decisões. São, na sua maioria, decisões tomadas não por ti mas por outra pessoa qualquer. Talvez pelos teus pais. Pela tua religião. Pelos teus mestres, historiadores, políticos.

Muito poucos juízos de valor dos que incorporaste na tua verdade são juízos que tu, tu próprio, fizeste com base na tua experiência pessoal. Todavia, a experiência foi o motivo que cá vos trouxe - e para que, a partir da vossa experiência, se criassem a vós mesmos. *Tu* criaste-te a partir da experiência de *outrem*.

Se o pecado fosse coisa que existisse, isso sê-lo-ia: permitires-te tornar-te aquilo que és por causa da experiência de outrem. É esse o "pecado" que cometeram. Todos vós. Não esperam pela vossa própria experiência, aceitam a experiência de outros como um evangelho (literalmente) e depois, ao encontrarem pela primeira vez a verdadeira experiência, levam para esse encontro a sobrecarga daquilo que acham que já *sabem*.

Se o não fizessem, talvez tivessem uma experiência completamente diferente - uma que vos levasse a admitir os *erros* do vosso mestre ou fonte inicial. Na maioria dos casos, não querem admitir que os vossos pais, as vossas escolas, as vossas religiões, as vossas tradições, as vossas sagradas escrituras estejam errados - por isso renegam a vossa própria experiência em favor daquilo que vos *ensinaram a pensar*.

Não há melhor exemplo disso que a forma como lidam com a sexualidade humana.

Toda a gente sabe que a experiência sexual pode ser a mais amorosa, mais excitante, mais poderosa, mais exultante, mais renovadora, mais revigorante, mais vinculadora, mais íntima, mais unificadora e mais recreativa das experiências *físicas* de que os seres humanos são capazes. Tendo-o descoberto experiencialmente, optaram por aceitar, em vez disso, os anteriores juízos, opiniões e ideias sobre o sexo promulgadas *por outros* - todos os que têm um interesse pessoal na forma como vocês pensam.

Essas opiniões, juízos e ideias são perfeitamente contraditórias da vossa própria experiência mas, como *detestam admitir os erros dos vossos mestres*, convencem-se de que deve ser a vossa experiência que está errada. O resultado foi traírem a vossa verdadeira verdade sobre esta questão - com consequências devastadoras.

Fizeram o mesmo com o dinheiro. Sempre que, na vossa vida, tiveram muito, mas muito dinheiro sentiram-se felizes. Felizes ao recebê-lo e felizes ao gastá-lo. Não havia nada de censurável, nada de mal, nada inerentemente "errado". No entanto, têm tão profundamente incutidos

dentro de vós os ensinamentos de *outros* sobre este assunto que *rejeitaram* a vossa experiência em prol da "verdade".

Tendo adotado essa "verdade" como vossa, formaram pensamentos em torno dela - pensamentos que são *criativos*. Criaram assim uma realidade pessoal em torno do dinheiro que o afasta de vós - pois por que hão-de procurar atrair aquilo que não é bom?

Espantosamente, criaram essa mesma contradição em torno de Deus. Tudo o que o vosso coração sente em relação a Deus vos diz que Deus é bom. Tudo o que os vossos mestres vos ensinam sobre Deus vos diz que Deus é mau. O vosso coração diz-vos que devem amar a Deus sem temor. Os vossos mestres dizem-vos que devem temer a Deus porque Ele é um Deus vingativo. Devem viver com medo da ira de Deus, dizem eles. Devem tremer na Sua presença. Durante toda a vossa vida devem temer o julgamento do Senhor, pois o Senhor é "justo", dizem-vos. E sabe Deus os tormentos que vos aguardam ao defrontarem-se com a terrível justiça do Senhor. Devem, portanto, ser "obedientes" às ordens de Deus. Senão…

Não devem, acima de tudo, fazer perguntas lógicas como por exemplo: "Se Deus queria uma obediência total às Suas Leis porque criou Ele a possibilidade de essas leis serem violadas?" Ah, dir-vos-ão os vossos mestres - porque Deus quis que tivéssemos um "livre-arbítrio". No entanto, que livre-arbítrio é esse que, ao escolhermos uma coisa em vez de outra, ficamos sujeitos à condenação divina? Como é que o "livre-arbítrio" é livre se não é a nossa vontade, mas a de outra pessoa qualquer, que deve ser satisfeita? Os que vos ensinam isso estão a fazer de Deus um hipócrita.

Dizem-vos que Deus é indulgência e compaixão - mas se não apelarem a essa indulgência da "maneira certa" se não se "dirigirem a Deus" corretamente, o vosso apelo não será ouvido, a vossa prece não será atendida. O que nem seria assim tão mau se houvesse apenas uma maneira correta, mas há tantas "maneiras corretas" quantos os mestres que vo-las ensinam.

A maioria de vós passa, portanto, uma grande parte da vida adulta à procura da maneira "certa" de adorar, obedecer e servir a Deus. *A ironia disso tudo é que Eu não quero a vossa adoração, não preciso da vossa obediência e não têm necessidade de servir-Me*.

Tais condutas são as que, historicamente, os monarcas exigiam dos seus súbditos - mais concretamente, os monarcas egocêntricos, inseguros, tiranos. Não são, de forma alguma, exigências de Deus - e acho espantoso que o mundo ainda não tenha descoberto que tais exigências são uma farsa, nada tendo a ver com as necessidades ou desejos da Divindade.

A Divindade não tem necessidades. Tudo O Que É é exatamente isso: tudo o que é. Por conseguinte, nada quer e nada lhe falta - por definição.

Se preferem acreditar num Deus que de certa forma precisa de alguma coisa - e fica tão ofendido se não a obtiver que castiga aqueles de quem esperava obtê-la -, então preferem acreditar num Deus muito inferior a Mim. São, realmente, Filhos de um Deus Menor.

Não, Meus filhos, deixem-Me por favor assegurar-vos de novo, através deste texto, que não tenho necessidades. Não exijo nada.

Isto não significa que Eu não tenha *desejos*. *Desejos* e *necessidades* não são a mesma coisa (embora muitos de vós os tenham tornado sinónimos na vossa vida atual).

O desejo é o início de toda a criação. O primeiro pensamento. Um sentimento grandioso no interior da alma. É Deus a resolver o que vai criar a seguir.

E qual é o desejo de Deus?

Desejo, em primeiro lugar, conhecer-Me e experienciar-Me, em toda a Minha glória - saber Quem Eu Sou. Antes de vos ter inventado - e todos os mundos do universo - era-Me impossível fazê-lo.

Em segundo lugar, desejo que vocês conheçam e experienciem Quem Realmente São, através do poder que vos conferi de se criarem e experienciarem da forma que quiserem.

Em terceiro lugar, desejo que todo o processo da vida seja uma experiência de alegria constante, de criação contínua, de interminável expansão e total realização em cada momento do presente.

Criei um sistema perfeito com o qual tais desejos possam realizar-se. Estão a realizar-se agora - neste preciso instante. A única diferença entre vocês e Eu é que Eu *sei* isso.

No momento em que o souberem (momento esse que pode surgir-vos em qualquer altura) também vocês se sentirão como Eu me sinto sempre: plenamente jubiloso, terno, tolerante, piedoso e grato.

São estas as Cinco Posturas de Deus e, antes de concluirmos esta conversa, mostrar-te-ei como a adoção dessas posturas na tua vida atual podem - *irão* - aproximar-te da Divindade.

Tudo isto é uma resposta muito longa a uma pergunta muito curta.

Sim, mantém-te fiel aos teus valores - enquanto sentires que eles te convêm. Mas procura ver se os valores que *tu* defendes com os teus pensamentos, palavras e ações, trazem para o espaço da tua experiência o melhor e mais elevado conceito em que já te tiveste a ti mesmo.

Examina os teus valores um por um. Trá-los à luz do escrutínio público. Se conseguires dizer ao mundo quem és e aquilo em que acreditas sem embaraços ou hesitações, é porque estás satisfeito contigo mesmo. Não há razão para prolongar muito mais este diálogo Comigo pois criaste um Eu - e uma vida para o Eu - que não necessitam de melhoramentos. Atingiste a perfeição. Pousa o livro.

A minha vida não é perfeita nem está perto de o ser. Eu não sou perfeito. Sou, aliás, um monte de imperfeições. Desejo - por vezes

desejo-o de todo o meu coração - poder corrigir essas imperfeições, saber o que originou os meus comportamentos, o que é que provoca os meus fracassos, o que é que me impede de vencer. Acho que foi por isso que apelei a Ti. Não fui capaz de encontrar as respostas sozinho.

Ainda bem que o fizeste. Estive sempre aqui, para te ajudar. E estou aqui agora. Não tens de encontrar as respostas sozinho. Nunca tiveste de fazê-lo.

No entanto parece-me uma atitude tão... *presunçosa*... eu estar aqui sentado a dialogar Contigo desta maneira - quanto mais imaginar que Tu - *Deus* - me respondes - quer dizer, é de *louco*.

Percebo. Os autores da Bíblia eram todos sãos de espírito mas *tu* és louco.

Os escritores da Bíblia foram testemunhas da vida de Cristo e registaram fielmente aquilo que ouviram e observaram.

Correção: a maioria dos escritores do Novo Testamento nunca conheceram nem viram Jesus nas suas vidas. Viveram muitos anos depois de Jesus deixar a Terra. Não identificariam Jesus de Nazaré se o encontrassem na rua.

Mas...

Os escritores da Bíblia foram grandes crentes e grandes historiadores. Pegaram nas histórias que lhes tinham sido contadas, e aos seus amigos, por outros - os anciãos - de ancião para ancião, até finalmente se obter um registo escrito.

E nem tudo, dos autores da Bíblia, foi incluído no documento final. Já tinham nascido "igrejas" em torno dos ensinamentos de Jesus - e, como acontece sempre e onde quer que as pessoas se congreguem em torno de uma ideia, houve certos indivíduos dentro dessas igrejas, ou enclaves, que

decidiram quais as partes da história de Jesus que iriam ser contadas - e como. Esse processo de seleção e revisão manteve-se ao longo da recolha, da escrita e da publicação dos Evangelhos, e da Bíblia. Mesmo vários séculos depois de os textos originais serem dados à escrita, houve um Supremo Concílio da Igreja que determinou, uma vez mais, quais as doutrinas e verdades que deviam ser incluídas na Bíblia então oficial - e quais as que seria "pernicioso" ou "prematuro" revelar às massas.

E existiram, também, outros textos sagrados - cada um deles escrito em momentos de inspiração por homens perfeitamente comuns, nenhum deles mais louco que tu.

Estás a insinuar - não estás, pois não? - que *estes escritos* poderão vir a tornar-se, um dia, "textos sagrados"?

Meu filho, tudo na vida é sagrado. Nesse contexto, sim, estes textos são sagrados. Mas não vou entrar em jogos de palavras contigo, pois sei a que te referes.

Não, não estou a insinuar que este manuscrito venha um dia a tornar-se um texto sagrado. Pelo menos não durante uns séculos, ou até a linguagem se tornar obsoleta.

O problema é que a linguagem, aqui, é demasiado coloquial, demasiado dialógica, demasiado contemporânea. As pessoas partem do princípio de que se Deus conversasse diretamente convosco não falaria como um sujeito normal. Deveria haver, na linguagem, alguma base unificadora, já para não dizer deificadora. Uma certa dignidade. Uma certa aura divina. Como já disse anteriormente, o problema, em parte, é esse. As pessoas acham que Deus só se "manifesta" de uma única forma. Tudo o que desvirtue essa forma é visto como blasfémia.

Como eu já disse.

Como tu já disseste. Mas passemos ao cerne da questão. Por que é que consideras uma loucura seres capaz de ter um diálogo com Deus? Não acreditas na oração?

Sim, mas isso é diferente. A oração para mim foi, sempre, unilateral. Eu pergunto e Deus permanece imutável.

Deus nunca respondeu a nenhuma oração?

Ah, sim, mas nunca *verbalmente*. Oh, aconteceram-me na vida *todo o tipo* de coisas que me convenceram tratar-se de uma resposta - uma resposta muito direta - às minhas orações. Mas Deus nunca *falou* comigo.

Estou a perceber. Portanto esse Deus em que acreditas - esse Deus pode fazer tudo… só não pode é falar.

***Claro* que Deus pode falar, se quiser. Só não me parece provável que Deus queira falar *comigo*.**

Aí está a raiz de todos os problemas que enfrentas na tua vida - pois não te consideras suficientemente digno de um diálogo que Deus possa ter contigo.

Oh, céus, como hás-de tu ouvir a Minha voz se nem sequer te imaginas suficientemente merecedor de que te falem?

Pois digo-te Eu: estou a realizar um milagre neste preciso instante. Pois não só estou a falar contigo como com todas as pessoas que pegarem neste livro e lerem estas palavras.

Estou agora a falar-lhes, a todos. Sei quem cada um deles é. Sei agora quem descobrirá o caminho até estas palavras - e sei que (tal como com todas as Minhas outras comunicações) alguns conseguirão escutar - e outros apenas ouvir, mas *nada escutarão*.

Bom, isso traz à baila uma outra questão. Já estou a pensar em publicar este livro, neste preciso momento em que está a ser escrito.

Sim. Que "mal" tem isso?

Não irão dizer que inventei esta história toda para dela tirar proveito? Não torna tudo suspeito?

O teu objetivo é escreveres para ganhares muito dinheiro?

Não. Não foi por essa razão que comecei. Iniciei este diálogo no papel porque a minha mente anda, há trinta anos, atormentada por perguntas - perguntas para as quais estou faminto... *ávido* de respostas. A ideia de transformar tudo isto num livro surgiu depois.

Vinda de Mim.

De Ti?

Sim. Não achas que Eu ia permitir que desperdiçasses todas estas maravilhosas perguntas e respostas, pois não?

Não tinha pensado nisso. À partida, só queria respostas para as perguntas, que a frustração acabasse, que a busca chegasse ao fim.

Ótimo. Então deixa de questionar os teus motivos (estás constantemente a fazê-lo) e toca a despachar isto.

CAPÍTULO 3

AS LEIS NÃO PODEM SER INFRINGIDAS NEM IGNORADAS

Bom, tenho uma centena de perguntas. Um milhar. Um milhão. E o problema é que, às vezes, não sei por onde começar.

Basta fazeres uma lista das perguntas. Começar por *uma qualquer*. Vamos, faz já isso. Elabora uma lista das perguntas que te ocorram.

Está bem. Algumas vão parecer muito simples, muito banais.

Deixa-te de juízos derrotistas. Faz a lista.

Está bem. Bom, eis as que me ocorrem neste momento:

1. Quando é que a minha vida irá finalmente entrar nos eixos? Que é preciso para a "pôr em ordem" e alcançar algum êxito, ainda que pequeno? A luta chegará a ter fim?

2. Quando é que vou aprender o suficiente sobre relações humanas para conseguir gozá-las com tranquilidade? Há alguma maneira de se ser feliz nas relações? Deverão elas representar um desafio constante?

3. Por que é que eu, pelos vistos, nunca consigo arranjar dinheiro suficiente na minha vida? Estou condenado a passar o resto dos meus dias a contar os tostões e a fazer contas? Que é que está a impedir-me de realizar, neste campo, todo o meu potencial?

4. Por que não posso fazer na vida aquilo que realmente quero e mesmo assim sobreviver financeiramente?

5. Como posso resolver alguns dos problemas de saúde que enfrento? Tenho sido vítima de doenças crónicas suficientes para preencherem toda uma vida. Por que estou a tê-las, todas, agora?

6. Qual é a lição cármica que deverei aprender aqui? Que estou a tentar atingir?

7. A reencarnação existe? Quantas vidas passadas tive? Que fui eu, nessas vidas? A "dívida cármica" é uma realidade?

8. Por vezes sinto uma grande capacidade mediúnica. É mesmo possível "ser-se médium"? Eu sou? As pessoas que dizem ser médiuns estão a "negociar com o Diabo"?

9. Está correto aceitar dinheiro por fazer o bem? Se eu decidir dedicar-me ao trabalho de cura, no mundo - trabalho de Deus - poderei fazê-lo e, ao mesmo tempo, usufruir de um certo desafogo material? Ou as duas situações são antagónicas?

10. O sexo é permitido? Vá lá - qual é a verdade por detrás dessa experiência humana? O sexo destina-se apenas à procriação, como pregam certas religiões? A verdadeira santidade e iluminação alcançam-se através da negação - ou transmutação - da energia sexual? Podemos ter relações sexuais sem amor? A mera sensação física do ato é motivo suficiente?

11. Por que fizeste do sexo uma experiência humana tão boa, tão arrebatadora, tão intensa, se somos obrigados a manter-nos o mais possível afastados dela? Em que ficamos? Já agora, por que é que todas as coisas divertidas são "imorais, ilegais ou engordam"?

12. Há vida noutros planetas? Temos sido visitados por esses seres? Estamos a ser observados, neste momento? Veremos provas - concretas e irrefutáveis - de vida extraterrestre ainda nos nossos dias? Cada forma de vida tem o seu próprio Deus? És Tu o Deus de todas as coisas?

13. A utopia alguma vez chegará ao planeta Terra? Irá Deus revelar-Se ao povo da Terra, como prometido? A Segunda Vinda será uma realidade? Chegará a haver um Fim do Mundo - ou um apocalipse, como profetizado na Bíblia? Existe uma única religião verdadeira? Se existe, qual é?

Estas são apenas algumas das minhas perguntas. Como disse, tenho mais uma centena delas. Algumas destas perguntas embaraçam-me - parecem tão frívolas. Mas, por favor, responde-me - a uma de cada vez - e vamos "conversar" sobre elas.

Ótimo. Agora já temos um começo. Não peças desculpa por fazeres essas perguntas. São perguntas que os homens e mulheres têm vindo a fazer há centenas de anos. Se as questões fossem assim tão estúpidas, não

teriam sido colocadas tantas vezes por cada geração que passa. Vamos, então, à primeira.

Eu defini Leis Universais que vos possibilitam ter - e criar - exatamente aquilo que escolherem. Essas Leis não podem ser infringidas nem ignoradas. Estás a cumpri-las neste momento ao leres estas palavras. Não podes deixar de cumprir a Lei pois é assim que as coisas funcionam. Não podes afastar-te disso; não podes existir fora dela.

Em todos os momentos da tua vida tens existido *dentro* dela - e tudo o que já experienciaste foi, consequentemente, criado por ti.

Formas uma sociedade com Deus. Partilhas uma aliança eterna. A promessa que te faço é dar-te sempre aquilo que pedires. A tua promessa é perguntar; entender o processo de perguntas e respostas. Já te expliquei, uma vez, esse processo. Fá-lo-ei de novo para que o entendas com toda a clareza.

És um ser triplo. Composto de *corpo, mente e espírito*. Podes chamar-lhes também físico, não físico e metafísico. *Esta é a Santíssima Trindade e tem sido designada por muitos nomes*.

Aquilo que tu és, sou-o Eu. Sou o chamado Três-Em-Um.

Alguns dos vossos teólogos chamaram-lhe Pai, Filho e Espírito Santo.

Os vossos psiquiatras reconheceram este triunvirato e chamaram-lhe consciente, subconsciente e sobreconsciente.

Os vossos filósofos chamaram-lhe id, ego e superego.

A ciência chama-lhe energia, matéria e antimatéria.

Os poetas falam de mente, coração e alma. Os pensadores do New Age referem-se-lhe como corpo, mente e espírito.

O vosso tempo divide-se em passado, presente e futuro. Não será o mesmo que subconsciente, consciente e sobreconsciente?

O espaço divide-se igualmente em três: aqui, ali e o espaço intermédio.

É definir e descrever esse "espaço intermédio" que se torna difícil, elusivo. No momento em que inicias essa definição, ou descrição, o espaço torna-se "aqui" ou "ali". *Sabemos*, no entanto, que esse "espaço intermédio" existe. É o que mantém no lugar o "aqui" e o "ali" - tal como o "agora" mantém no lugar o "antes" e o "depois".

Essas vossas três facetas são, na realidade, três energias. Poderão chamar-lhes *pensamento, palavra e ação*. Juntas, produzem um *resultado* - a que, na vossa linguagem e entendimento, se chama sensação, ou experiência.

A vossa alma (subconsciente, id, espírito, passado, etc.) *é a soma total de todas as sensações que já tiveram* (criaram). A consciência que têm de algumas delas chama-se remembrança. Ao terem uma remembrança, diz-se que estão a remembrar. Ou seja, tornar a juntar. A reagrupar as partes.

Quando reagrupares todas as partes de ti mesmo, terás remembrado Quem Tu Realmente És.

O processo criativo inicia-se com o pensamento - ideia, conceito, visualização. Tudo o que vês já foi, em tempos, uma ideia de outro alguém. Nada existe no teu mundo que não tenha existido primeiro como simples pensamento.

O que se aplica, também, ao universo.

O *pensamento* é o primeiro nível de criação.

A seguir vem a *palavra*. Tudo o que dizes é um pensamento expresso. Sendo criativo, transmite uma energia criativa ao universo. As palavras são mais dinâmicas (donde, como dirão alguns, mais criativas) que o

pensamento, pois estão a um nível de vibração diferente do pensamento. Atingem (mudam, alteram, afetam) o universo com muito maior impacto.

As palavras são o segundo nível de criação.

A seguir vem a *ação*.

Ações são palavras em movimento. Palavras são pensamentos expressos. Pensamentos são ideias formadas. Ideias são energias acumuladas. Energias são forças libertadas. Forças são elementos existentes. Elementos são partículas de Deus, porções de Tudo, a substância de todas as coisas.

Deus é o princípio. A ação é o fim. A ação é Deus a criar - ou Deus experienciado. O teu pensamento sobre ti mesmo é que não és suficientemente bom, suficientemente prodigioso, suficientemente isento de pecado, para seres uma parte de Deus, em associação com Deus. Negaste-o durante tanto tempo que já esqueceste Quem Tu És.

Isso não aconteceu por coincidência, por um acaso. Faz tudo parte do plano divino - pois não poderias afirmar, criar, experienciar Quem Tu És se já o fosses. Primeiro era necessário que te libertasses (renegasses, esquecesses) da ligação Comigo para poderes experienciá-la plenamente criando-a plenamente - ao invocá-la. Pois o teu maior ensejo - o Meu maior desejo - era que te experienciasses como a parte de Mim que tu és. Estás, por conseguinte, no processo de auto-experienciação ao criares-te a ti mesmo de novo em cada momento que passa. Tal como Eu. Através de ti.

Vês a associação? Percebes quais são as suas implicações? Trata-se de uma cooperação sagrada - na verdade, uma comunhão sagrada.

Por isso a tua vida “entrará nos eixos” quando assim o decidires. Até ver, ainda não o fizeste. Tens vindo a procrastinar, a protelar, a adiar, a evitar. Agora está na altura de oficializares e concretizares o que te foi prometido. Para isso, deves acreditar na promessa e vivê-la. *Deves viver a promessa de Deus*.

A promessa de Deus é que tu és filho Dele. Descendente Dela. Seu semelhante. Seu igual.

Ah… aqui é que te assustas. Aceitas as designações "filho Dele", "descendente", "semelhante", mas retrais-te ao chamarem-te "Seu igual". É pedir demais. É demasiada grandeza, demasiado encantamento - demasiada *responsabilidade*. Pois se és o Seu igual significa que nada te está a ser feito - e que todas as coisas são criadas por ti. *Não pode haver mais vítimas nem mais vilões* - apenas resultados do teu pensamento sobre algo.

Pois digo-te Eu: tudo o que vês no teu mundo é o resultado da ideia que disso tens.

Queres que a tua vida entre mesmo "nos eixos"? Então muda a ideia que tens dela. De ti mesmo. Pensa, fala e age como o Deus Que És.

Claro que isso vai separar-te de muitos - da maioria - dos teus companheiros. Vão chamar-te doido. Vão dizer que estás a blasfemar. Podem mesmo vir a ficar fartos de ti e tentar crucificar-te.

Farão isso não por acharem que vives num mundo de ilusões só tuas (há muitos homens suficientemente generosos para te deixarem viver as tuas próprias fantasias), mas porque, mais tarde ou mais cedo, outros serão atraídos para a tua verdade - pelas promessas que ela lhes traz.

É aí que os teus companheiros interferirão - pois é aí que começarás a ameaçá-los. A tua simples verdade, vivida na simplicidade, trará mais beleza, mais conforto, mais paz, mais alegria e mais amor por ti mesmo e pelos demais do que outra coisa qualquer que os teus companheiros terrenos possam conceber.

E essa verdade, adotada, significaria o término das ações deles. O fim do ódio, do medo, do fanatismo e da guerra. O fim das condenações e mortes levadas a cabo em Meu nome. O fim do a-força-é-que-manda, do

poder-que-tudo-compra. O fim da lealdade e vassalagem através do medo. O fim do mundo como eles o conhecem - e como vocês até agora o criaram.

Por isso prepara-te, boa alma. Pois serás aviltada e escarnecida, caluniada e desprezada, e finalmente irão acusar-te, julgar-te e condenar-te - todos à sua maneira - desde o momento em que aceites e adotes a tua causa sagrada - a autorrealização.

Para quê fazê-lo, então?

Porque já não te interessa a aceitação ou aprovação do mundo. Já não estás satisfeito com o que ele te trouxe. Já não te agrada aquilo que trouxe aos outros. Queres acabar com a dor, com o sofrimento, com a ilusão. Já estás farto deste mundo da maneira que ele se encontra. Procuras um mundo novo.

Não o procures mais. Vá, fá-lo *acontecer*.

Podes ajudar-me a compreender melhor como é que isso se faz?

Sim. Começa pelo Pensamento Mais Sublime que tens sobre ti mesmo. Imagina-te como serias se vivesses esse pensamento todos os dias. Imagina o que pensarias, farias e dirias, e como reagirias ao que os demais fazem e dizem.

Vês alguma diferença entre essa imagem e aquilo que pensas, fazes e dizes agora?

Sim. Vejo uma diferença enorme.

Ótimo. É normal, visto sabermos que neste momento não estás a viver a mais sublime visão que tens de ti mesmo. Ora, tendo visto as diferenças entre o ponto em que estás e aquele onde queres estar, começa a mudar - a mudar conscientemente - os teus pensamentos, as tuas palavras e as tuas ações de acordo com a tua visão mais grandiosa.

Isso vai exigir um enorme esforço mental e físico. Implicará uma observação constante, momento a momento, de todos os teus pensamentos, palavras e atos. Envolverá uma tomada de decisão contínua - conscientemente. Todo este processo representa um movimento em bloco rumo à consciência. O que vais descobrir, se aceitares este desafio, é que *passaste metade da tua vida inconsciente*. Ou seja, desconhecendo, a um nível consciente, *o que estás a decidir* sob a forma de pensamentos, palavras e ações, até experienciares as consequências dos mesmos. Depois, ao experienciares tais resultados, negas que os teus pensamentos, palavras e ações tenham tido alguma coisa a ver com eles.

Isto é um pedido para acabares com tal modo de viver inconsciente. É um desafio que a tua alma te vem lançando desde o princípio dos tempos.

Esse tipo de constante observação mental parece-me terrivelmente cansativo...

Pode ser, até se transformar numa segunda natureza. É, de facto, a tua segunda natureza. A primeira é amares de forma incondicional. A segunda é optares por expressar a primeira, a tua verdadeira natureza, de uma forma consciente.

Desculpa, mas esse tipo de constante correção ao que penso, digo e faço não vai transformar-me num "grande chato"?

Nunca. Diferente, sim. Chato, não. Jesus era chato? Não me parece. O Buda era uma companhia enfadonha? As pessoas juntavam-se, suplicavam para estar na sua presença. Ninguém que atingiu a perfeição é chato. Invulgar, talvez. Extraordinário, talvez. Mas nunca chato.

Então... queres que a tua vida "entre nos eixos"? *Começa imediatamente a imaginá-la da forma que queres que ela seja - e dirige-te nessa direção. Analisa cada pensamento, cada palavra e cada ação que não esteja em harmonia com isso. Afasta-te deles*.

Quando tiveres um pensamento que não se enquadre na tua mais sublime visão, *muda para um novo pensamento*, nesse preciso instante. Quando disseres alguma coisa que não se enquadre no mais elevado conceito em que te tenhas, toma nota para não tornares a dizer nada do género. Quando fizeres uma coisa em desacordo com o teu melhor propósito, jura que foi a última vez que a fizeste. E, se puderes, faz as pazes com todos os que nisso estiveram envolvidos.

Já ouvi isso e sempre me insurgi por me parecer uma atitude muito desonesta. Quer dizer, se uma pessoa estiver muito doente, não deve admiti-lo. Se estiver absolutamente falida, nunca deve dizê-lo. Se estiver com uma fúria dos diabos, não deve demonstrá-la. Faz-me lembrar uma piada sobre três sujeitos que foram para o Inferno, um católico, um judeu e um *new ager*. O Diabo perguntou, desdenhosamente, ao católico: "Então, que tal te estás a dar com o calor?", e o católico, a fungar, respondeu: "É uma oferenda que faço." O Diabo perguntou então ao judeu: "E como é que tu te estás a dar com o calor?"; resposta do judeu: "Que mais hei-de esperar senão mais sofrimento?". Finalmente, o Diabo fez a mesma pergunta ao *new ager*. "Calor?" replicou ele a transpirar. "Que calor?"

É uma boa piada. Mas Eu não estou a falar em ignorar o problema ou fingir que ele não existe. Estou a falar de dar conta da situação e depois aplicares-lhe a tua mais sublime verdade.

Se estás falido, estás falido. É escusado mentir acerca disso; aliás, tentar engendrar uma história qualquer para não ter de o admitir, é uma atitude debilitante. Contudo, é o teu pensamento acerca disso - "Estar falido é mau", "Isto é horrível", "Sou má pessoa porque as pessoas boas que trabalham a sério e realmente se esforçam nunca ficam sem dinheiro", etc. - que orienta a forma como experiencias a "falência". São as tuas palavras - "Estou falido", "Não tenho um tostão", "Não tenho dinheiro nenhum" - que ditam o tempo que permaneces falido. São as tuas ações em torno disso - sentires pena de ti mesmo, cair na depressão, não tentar descobrir uma saída porque "Afinal de que vai servir?" - que criam a tua realidade a longo prazo.

A primeira coisa a entender sobre o universo é que não há estados "bons" nem "maus". São apenas isso, estados. Portanto, deixa de fazer juízos de valor.

A segunda coisa a saber é que *todos os estados são temporários*. *Nada é imutável, nada permanece estático. A forma como uma coisa muda depende de ti*.

DAR OUVIDOS À ALMA

Desculpa, mas tenho de Te interromper outra vez. Então e aquela pessoa que está doente mas tem uma fé que move montanhas - e por isso pensa, diz e *acredita*, que vai ficar melhor... mas acaba por morrer seis semanas depois. Como é que *isso* se enquadra nessa história toda do pensamento positivo, da ação construtiva?

Essa é boa. Estás a fazer as perguntas difíceis. Ótimo, não te limitas a aceitar a Minha palavra. Há um aspeto, lá mais para diante, em que terás de aceitar mesmo a Minha palavra - porque acabarás por descobrir que podemos discutir isso eternamente, tu e Eu, até não restar senão uma única coisa a fazer: "experimentá-la ou rejeitá-la". Mas ainda não chegámos lá. Por isso mantenhamos o diálogo, continuemos a conversar…

A pessoa que tem a "fé que move montanhas" e morre seis semanas depois moveu montanhas durante seis semanas.

Talvez para ela tenha sido o bastante. Pode ter decidido, na última hora do último dia: "Está bem, já chega. Agora estou pronto para iniciar uma outra aventura." Talvez os outros não saibam dessa decisão por ela não lhes ter dito. A verdade é que até pode ter tomado essa decisão muito antes - dias, semanas antes - e não ter dito nada aos outros; não ter dito nada a ninguém.

Vocês criaram uma sociedade na qual não é lá muito correto uma pessoa desejar morrer - não muito correto estar de pleno acordo com a

morte. Como não querem morrer, não conseguem imaginar que alguém queira - seja em que circunstâncias for.

Mas há muitas situações nas quais a morte é preferível à vida - sei que entenderás isso se pensares um bocadinho. No entanto, essas verdades não te ocorrem - não são assim tão óbvias - quando fitas o rosto de alguém que prefere morrer. E a pessoa que está a morrer sabe isso. Consegue aperceber-se do grau de aceitação que reina, no quarto, com respeito à sua decisão.

Já reparaste na quantidade de pessoas que esperam que o quarto fique vazio para morrerem? Algumas até têm de dizer aos seus entes queridos: “Não, a sério, vão-se embora. Vão comer qualquer coisa.” Ou “Vai dormir um bocadinho. Eu estou bem. Até amanhã de manhã.” E depois, quando o fiel guardião parte, a alma faz o mesmo, partindo do corpo do guardado.

Se dissessem ao grupo de parentes e amigos “Só desejo morrer”, eles diriam: “Ah, não estás a falar a sério” ou “Ora, deixa-te disso”, ou “Coragem!” ou “Por favor, não me deixes”.

Todos os profissionais de saúde estão treinados para manter as pessoas vivas e não para as manter confortáveis a fim de que possam morrer com dignidade.

Como sabes, para um médico, para uma enfermeira, a morte é um fracasso. Para um amigo ou parente, a morte é uma tragédia. Só para a alma é que a morte é um alívio - uma libertação. O melhor presente que podes dar aos moribundos é deixá-los morrer em paz - sem pensares que devem “resistir”, continuar a sofrer ou a preocupar-se contigo nessa fase crucial das suas vidas.

É o que muitas vezes terá acontecido no caso do homem que diz que vai viver, acredita que vai viver, que até reza para viver: até que, ao nível da alma, tenha “mudado de ideias”. Está agora na altura de largar o corpo, para libertar a alma para outras demandas. Quando a alma toma essa

decisão, nada que o corpo faça pode alterá-la. Nada que a mente pense pode alterá-la. É no momento da morte que ficamos a saber quem é que, no triunvirato corpo-mente-alma, detém o comando.

Durante toda a tua vida julgas que és o teu corpo. Uma parte do tempo achas que és a tua mente. É na altura da morte que descobres Quem Realmente És.

Ora há também momentos em que o corpo e a mente não dão *ouvidos* à alma. Situação que cria, também, o cenário que descreveste. A maior dificuldade que as pessoas têm é ouvir a sua própria alma. (Repara como são poucos os que o fazem.)

Ora acontece muitas vezes que a alma decide que está na altura de deixar o corpo. O corpo e a mente - eternos servos da alma - ouvem isso e inicia-se o processo de desprendimento. Só que a mente (ego) não quer aceitar. Afinal de contas, será o fim da sua existência. Por isso dá instruções ao corpo para que resista à morte. O que o corpo faz com toda a satisfação, pois também não quer morrer. Ao fazerem isso, o corpo e a mente (ego) recebem grande incitamento, grandes elogios do mundo exterior - o mundo da sua criação. Portanto, a estratégia confirma-se.

Ora, nesta altura tudo depende de quão forte é o desejo que a alma tem de partir. Se não houver uma grande urgência, a alma poderá dizer: “Está bem, vocês ganharam. Ficarei convosco mais uns tempos.” Mas se a alma deixar bem claro que ficar não serve os seus mais sublimes propósitos - que já não tem qualquer hipótese de evoluir através daquele corpo - acaba por partir mesmo e nada a deterá - nem nada deverá detê-la.

A alma deixa ficar muito claro que o seu propósito é a evolução. É esse o seu único propósito - e o seu íntimo propósito. Não tem nada a ver com as realizações do corpo ou com o desenvolvimento da mente. Para a alma, nada disso tem importância.

A alma também deixa ficar claro que abandonar o corpo não é nenhuma tragédia. Em muitos aspetos, a tragédia é estar *dentro do corpo*.

Por isso tens de entender que a alma encara toda esta história da morte de uma forma diferente. E, claro, também encara de forma diferente toda esta "história da vida" - e é isso que origina grande parte da frustração e ansiedade que uma pessoa sente na sua vida. A frustração e a ansiedade surgem por não se dar ouvidos à própria alma.

Como é que eu posso ouvir melhor o que a minha alma me diz? Se de facto quem manda é a alma, como é que posso fazer com que o seu gabinete me envie esses memorandos?

A primeira coisa que deves fazer é descobrir, com clareza, qual o objetivo da alma - e deixar de fazer juízos sobre ela.

Eu estou a fazer juízos sobre a minha própria alma?

Constantemente. Acabei de mostrar-te como é que te julgas a ti mesmo por quereres morrer. Também te julgas a ti mesmo por quereres viver - *viver* realmente. Julgas-te a ti mesmo por quereres rir, por quereres chorar, por quereres ganhar, por quereres *perder* - por quereres experienciar a alegria e o amor - é *sobretudo* por isso que te julgas a ti mesmo.

Julgo?

Descobriste, algures, a ideia de que negares a ti mesmo a alegria é um gesto de santidade - que não celebrar a vida é um ato divinal. A negação, disseste a ti mesmo, é uma virtude.

O PROPÓSITO DA ALMA

Estás a dizer que isso é mau?

Não é bom nem mau, é apenas negação. Se te sentes bem depois de te negares a ti mesmo é porque no teu mundo isso é uma virtude. Se te sentires mal, então é um defeito. Na maior parte das vezes, não sabes bem o que é. Negas-te isto ou aquilo porque dizes a ti mesmo que é isso que

deves fazer. Depois dizes que fizeste bem - mas admiras-te por não te *sentires* bem.

Por isso, a primeira coisa a fazer é acabar com esses juízos contra ti mesmo. Descobre qual é o desejo da alma e age de acordo com ele. Age de acordo com a alma.

O que a alma procura é o mais sublime sentimento de amor que possas imaginar. É esse o desejo da alma. É esse o seu propósito. A alma procura o sentimento. Não o conhecimento, mas o sentimento. O conhecimento já ela tem, mas o conhecimento é conceptual. O sentimento é experiencial. A alma quer sentir-se e, dessa forma, conhecer-se *na sua própria experiência*.

O sentimento mais sublime é a experiência de unidade com Tudo O Que É. É esse o grande retorno à Verdade por que a alma anseia. O sentimento do amor- perfeito.

O amor-perfeito está para o sentimento como o branco está para a cor. Muitos julgam que o branco é a *ausência* de cor. Não é. E o conjunto de todas as cores. O branco é todas as outras cores que *existem*, combinadas.

Por isso, o amor não é a ausência de uma emoção (ódio, raiva, luxúria, ciúme, cupidez), mas a soma de todos os sentimentos. O total obtido. O tudo.

Por conseguinte, para a alma experienciar o amor-perfeito tem de experienciar *todos os sentimentos humanos*.

Como posso ter compaixão por aquilo que não entendo? Como posso perdoar noutra pessoa aquilo que nunca experienciei em mim mesmo? Por isso vemos não só a simplicidade como a terrível magnitude da jornada da alma. Percebemos, finalmente, o que ela anda a fazer:

O propósito da alma humana é experienciar tudo - para que possa ser tudo.

Como é que pode ser cima se nunca foi baixo, esquerda se nunca foi direita? Como pode ser quente se não sabe o que é o frio, boa se renegar o mal? Como é óbvio, a alma não pode escolher ser algo se não houver nada por onde escolher. Para a alma experienciar a sua grandiosidade, tem de saber o que *a grandiosidade é*. O que é impossível se existir apenas grandiosidade. E por isso a alma percebe que a grandiosidade só existe no espaço daquilo que não é grandioso. Assim, a alma nunca condena o que não é grandioso mas, pelo contrário, abençoa-o - vendo nisso uma parte de si mesma que deve existir para que outra parte de si mesma se manifeste.

A função da alma é, está claro, fazer com que optemos pela grandiosidade - que escolhamos o melhor de Quem Nós Somos - sem condenar aquilo que não escolhemos.

É uma dura missão, que demora muitas vidas, pois vocês estão habituados a fazer juízos precipitados, a considerar uma coisa "errada" ou má" ou "insuficiente" em lugar de abençoarem o que não escolheram.

Fazem pior que condenar - tentam mesmo fazer mal àquilo que não escolhem. Procuram destruí-lo. Se houver uma pessoa, um local ou uma coisa com que não simpatizem, atacam-na. Se houver uma religião que vá contra a vossa, dizem logo mal dela. Se houver um pensamento que contradiga o vosso, ridicularizam-no. Se houver uma ideia para além da vossa, rejeitam-na; o que é um erro, pois assim só criam metade de um universo.

E nem sequer a vossa metade conseguem entender, tendo, instintivamente, rejeitado a outra.

Isso é tudo muito profundo - e agradeço-Te. Nunca ninguém me disse essas coisas. Pelo menos com tal simplicidade. E estou a tentar entender. A sério, estou mesmo. Ainda assim, há partes que tenho dificuldade em aceitar. Pareces querer dizer, por exemplo, que devemos amar o "errado" para que possamos conhecer o "certo". Que devemos abraçar o Diabo, por assim dizer?

De que outra forma o curam? É claro que o verdadeiro Diabo é coisa que não existe - mas respondo-te com a imagem que usaste.

A cura é o processo de aceitação de tudo para depois se escolher o melhor. Entendes isso? Não podes optar por seres Deus se não tiveres nenhuma *outra* opção.

Eh, calma aí! Quem é que falou em optar por *ser* Deus?

O sentimento mais sublime é o amor-perfeito, não é?

Sim, acho que é.

E consegues arranjar uma melhor definição de Deus?

Não, não consigo.

Bom, a tua alma procura o sentimento mais sublime. Procura experienciar - ser - o amor-perfeito.

Ela é o amor-perfeito - e *sabe-o*. Contudo, deseja fazer mais do que sabê-lo. Deseja *sê-lo na sua experiência*.

Claro que procuras ser Deus! Qual julgas tu que era o teu objetivo?

Não sei. Não tenho a certeza. Acho que nunca pensei nisso nesses termos. Considero-a uma atitude um pouco blasfema.

É interessante que não vejas nada de blasfemo na tentativa de ser como o Diabo, mas que tentar ser como Deus te perturbe…

Só um momento! Quem é que procura ser como o Diabo?

Tu! *Todos vocês*! Até criaram religiões que vos dizem que nasceram em pecado - que são pecadores à nascença - para vos convencerem do

vosso próprio mal. Mas se Eu vos dissesse que nascem de Deus, que são deuses e deusas puros, à nascença - *amor puro* - vocês rejeitar-Me-iam.

Passaram a vossa vida toda a convencer-se de que são maus. Não só que são maus, mas que as coisas que fazem são más. O sexo é mau, o dinheiro é mau, a alegria é má, o poder é mau, ter muito - muito de *qualquer coisa* - é mau. Algumas das vossas religiões até vos levaram a crer que *dançar* é mau, a *música* é má, gozar a *vida* é mau. Não tarda que achem que sorrir é mau, rir é mau, *amar* é mau.

Não, não, meu amigo, podes não ter certezas acerca de muitas coisas mas de uma tens: tu, e quase tudo o que desejas, são *maus*. Tendo feito esse juízo sobre ti mesmo, concluíste que a tua função é *melhorar*.

Pois olha que está certo. É o mesmo destino em todos os acontecimentos - só que existe uma maneira mais rápida, uma via mais curta, um caminho mais direto.

Qual é?

A aceitação de Quem e Aquilo Que Tu És neste momento - e a demonstração disso.

Foi o que Jesus fez. É o caminho do Buda, a via de Krishna, o trilho de todos os Mestres que passaram pelo mundo.

E, analogamente, todos os Mestres tinham a mesma mensagem: aquilo que eu sou, tu és. O que eu posso fazer, tu podes. Estas coisas, e mais, poderás fazer também.

Mas vocês não lhes deram ouvidos. Escolheram, em vez disso, o caminho muito mais difícil de alguém que *pensa* que é o *Diabo*, *daquele que imagina que é mau*.

Dizes que é difícil trilhar o caminho de Cristo, seguir os ensinamentos do Buda, manter acesa a chama de Krishna, ser um Mestre. Mas digo-te Eu: é muito mais difícil negares Quem Tu És do que aceitá-lo.

És bondade, misericórdia, piedade e compreensão. És paz, alegria e luz. És perdão, paciência, força e coragem, estás pronto a ajudar em tempo de necessidade, a consolar em tempo de mágoa, a curar em tempo de chagas, a ensinar em tempo de tumulto. És a sabedoria mais profunda e a verdade mais sublime; a paz mais suprema e o amor mais grandioso. *És* essas coisas. E houve momentos na tua vida em que te conheceste como tal.

Decide agora conhecer-te sempre como tal.

CAPÍTULO 4

NÃO PODEMOS PERDER ESTE JOGO

Ena! Tu inspiras-me!

Bem, se Deus não puder inspirar-te, que diabo há-de poder?

És sempre assim tão desaforado?

Não foi nenhum desaforo. Lê outra vez.

Ah, estou a perceber.

Pois é.

Mas se Eu estivesse a ser desaforado não tinha mal nenhum, pois não?

Sei lá. Estou habituado a que o meu Deus seja um nadinha mais sisudo.

Bom, faz-Me um favor: não tentes retrair-Me. A propósito, faz a ti próprio esse mesmo favor.

É que, por acaso, Eu tenho um grande sentido de humor. Tem mesmo de se ter, quando se vê o que todos vocês fizeram com a vida, não achas? Às vezes tenho mesmo de me rir com isso.

Mas olha, não faz mal porque sei que no fim vai acabar tudo bem.

Que queres dizer com isso?

Que não podem perder este jogo, que não podem errar. Isso não faz parte do plano. Não há como não chegar ao sítio para onde vão. Não há

forma de evitar o ponto de destino. Se Deus é o vosso alvo, estão com sorte porque *Deus é tão grande que não podem falhar*.

Aí é que está, claro, a grande preocupação. A grande preocupação é que, de alguma forma, venhamos a estragar tudo e nunca cheguemos a ver-Te, a estar Contigo.

"Ir para o Céu", queres tu dizer.

Sim. Todos temos medo de ir para o Inferno.

Por isso já lá se colocaram para evitarem ir para lá. Hummm. Uma estratégia interessante.

Lá estás Tu outra vez a ser irreverente.

Não consigo evitar. Toda essa história do Inferno me faz ser mauzinho!

Credo, és mesmo um *brincalhão*.

Levaste este tempo todo a descobrir isso? Tens observado o mundo, ultimamente?

O que me leva a fazer-te outra pergunta. Por que é que Tu não *consertas* o mundo em vez de permitires que ele acabe por destruir-se?

Por que não o fazes tu?

Não tenho esse poder.

Disparate. Tens neste momento o poder e a capacidade para pôr termo, de imediato, à fome mundial, para curar doenças neste preciso instante. E se eu te dissesse que a vossa classe médica *retém curas*, recusa-se a aceitar medicinas e métodos alternativos por ameaçarem a própria

estrutura do ofício "de curar"? Se eu te dissesse que os governos do mundo *não querem* acabar com a fome? Acreditavas em Mim?

Ser-me-ia difícil. Sei que é essa a visão populista, mas não acredito que seja mesmo verdade. Não há médico que queira negar uma cura. Não há político que queira ver morrer o seu povo.

É verdade, nenhum médico *individualmente*. Certo, nenhum político em *particular*. Mas as profissões de médico e de político *institucionalizaram-se* e são as instituições que combatem essas coisas, por vezes de uma forma muito subtil, às vezes até involuntariamente, mas é inevitável que o façam… porque para essas instituições é uma questão de sobrevivência.

E assim, para te dar apenas um exemplo muito simples e óbvio, os médicos do Ocidente negam as técnicas curativas dos médicos do Oriente porque aceitá-las, admitir que certos métodos alternativos poderão trazer curas, seria rasgar o próprio tecido da instituição tal como ela se estruturou.

Não se trata de uma atitude perversa, se bem que insidiosa. A classe profissional não faz isso por ser má. Fá-lo porque está assustada.

Todo o ataque é um pedido de socorro.

Li essa frase em *A Course in Miracles*.*

Fui Eu quem a pôs lá.

Bolas, tens resposta para tudo.

Por falar nisso, ainda mal começámos a entrar nas tuas perguntas. Estávamos a ver como é que a tua vida se ia endireitar. Como ia "entrar nos eixos". Eu estava a falar do processo de criação.

* A Course in Miracles, Foundation for Inner Peace, Penguin Books. (N. da E.)

PENSAMENTO, PALAVRA E AÇÃO

Sim, e eu sempre a interromper-Te.

Não faz mal, mas voltemos então atrás para não perdermos o fio à meada numa coisa tão importante.

A vida é uma criação, não uma descoberta.

Não vives cada dia para descobrires o que ele te reserva, mas sim para o criares. A cada minuto que passa, estás a criar a tua realidade, provavelmente sem disso te aperceberes.

Eis a razão para que assim seja e como se processa:

1. Eu criei-te à imagem e semelhança de Deus.

2. Deus é o criador.

3. Tu és três seres num só. Podes chamar o que quiseres a esses três aspetos do ser: Pai, Filho e Espírito Santo; mente, corpo e espírito; sobreconsciente, consciente e subconsciente.

4. A criação é um processo que provém dessas três partes do teu corpo. Por outras palavras, tu crias a três níveis. Os instrumentos da criação são: o pensamento, a palavra e o ato.

5. Toda a criação começa pelo pensamento (“Provém do Pai”). Toda a criação passa de seguida à palavra (“Pedi e recebereis, falai e ser-vos-á feito”). Toda a criação se concretiza no ato (“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”).

6. Aquilo que pensares, mas que, depois, nunca verbalizares, cria-se a um nível. Aquilo que pensares e que verbalizares cria-se a outro

nível. Aquilo que pensares, verbalizares e *fizeres* torna-se manifesto na tua realidade.

7. Pensar, falar e fazer algo em que verdadeiramente não acredites é impossível. Por conseguinte, o processo de criação deve incluir a crença, ou o saber. Ou seja, a fé absoluta. Isso *ultrapassa* a esperança. É o conhecimento de uma certeza ("Pela fé serás curado"), Por conseguinte, a parte do fazer na criação inclui sempre o saber. É uma clareza ao nível do íntimo, uma certeza total, uma *plena aceitação* de algo como *realidade*.

8. Esse domínio do saber é um domínio de intensa e incrível gratidão. É um agradecimento antecipado. E isso talvez seja a verdadeira chave da criação: estar-se grato antes da, e pela, criação. Esse tomar como certo é não só uma atitude permitida como incentivada. É o *verdadeiro sinal de mestria*. *Todos os Mestres sabem antecipadamente que a ação foi feita*.

9. Louva e desfruta de tudo o que criares, que já criaste. Rejeitar uma parte disso é rejeitar uma parte de ti mesmo. O que for que agora se apresente como parte da tua criação, apossa-te dele, reclama-o, abençoa-o, agradece-o. Procura não o condenares ("Diabos levem isto!"), pois ao condená-lo estás a condenar-te a ti mesmo.

10. Se houver algum aspeto da criação que aches que não te agrada, abençoa-o e limita-te a mudá-lo. Faz uma nova escolha. Suscita uma nova realidade. Pensa um pensamento novo. Diz uma palavra nova. Faz uma coisa nova. Fá-lo com grandiosidade e o resto do mundo seguir-te-á. Pede que assim seja. Faz que assim seja. Diz: "Eu sou a Vida e o Caminho, sigam-me."

É *assim* que se manifesta a vontade de Deus "tanto na Terra como no Céu".

Se é assim tão simples, se precisamos apenas dessas dez etapas, porque é que isso não funciona dessa maneira com mais pessoas?

Funciona dessa maneira com *todos vós*. Alguns estão a utilizar o "sistema" conscientemente, com plena consciência, e outros de forma inconsciente, sem sequer saberem o que estão a fazer.

Uns caminham acordados, outros como sonâmbulos. No entanto, *todos* estão a criar a sua realidade - *a criar*, não a descobrir - servindo-se do poder que Eu vos conferi e do processo que acabo de descrever.

Perguntaste-Me quando é que a tua vida "entraria nos eixos" e Eu dei-te a resposta.

Farás com que a tua vida "entre nos eixos" começando por fazer dela uma ideia muito clara. Pensa no que queres ser, fazer e ter. Pensa as vezes que forem necessárias até o perceberes com toda a clareza. Então, quando tudo estiver bem claro, *não penses em mais nada*. Não imagines nenhuma outra possibilidade.

Corre com todos os pensamentos negativos para fora das tuas construções mentais. Livra-te de todo o pessimismo. Expulsa todas as dúvidas. Rejeita todos os medos. Disciplina a tua mente para que se apegue com firmeza ao pensamento criativo original.

Quando os teus pensamentos forem claros e sólidos, começa a verbaliza-los como verdades. Di-los em voz alta. Usa o poderoso comando que suscita o poder criativo: Eu sou. Afirma-te aos outros. "Eu sou" é o mais poderoso testemunho criativo que existe no universo. Depois da afirmação "Eu sou", tudo o que pensares, tudo o que disseres, irá pôr em movimento essas experiências, suscitando-as, trazendo-as até ti.

O universo não conhece outra forma de funcionamento. Não conhece outra via. O universo reage à afirmação "Eu sou" tal como um génio dentro de uma garrafa.

Dizes "expulsa todas as dúvidas, rejeita todos os medos, livra-te de todo o pessimismo" como se estivesses a dizer "vai buscar-me um pão de forma", mas essas coisas não são assim tão fáceis de fazer. "Corre com todos os pensamentos negativos para fora das tuas construções mentais" é quase como dizer "escala o monte Everest... antes do almoço". É uma ordem e tanto!

Refrear os teus pensamentos, exercer um certo controlo sobre eles, não é tão difícil como pode parecer. (Nem, já agora, escalar o monte Everest.) É tudo uma questão de disciplina. Uma questão de força de vontade.

O primeiro passo é aprender a monitorizar os teus pensamentos; a pensar sobre aquilo em que estás a pensar.

Quando deres por ti a ter pensamentos negativos - pensamentos que negam o mais elevado conceito em que te tens a ti mesmo - pensa outra vez! Quero que o faças, *literalmente*. Se pensares que estás numa situação difícil, numa alhada, e que dela nada de bom pode vir, pensa outra vez. Se pensares que o mundo é um sítio mau, cheio de acontecimentos negativos, pensa outra vez. Se pensares que a tua vida se está a desmoronar e te parecer que nunca mais conseguirás reconstruí-la, pensa outra vez.

Podes treinar-te para fazeres isso. (Repara como te treinaste bem para não o fazeres!)

Obrigado. Nunca me tinham explicado o processo de uma forma tão clara. Quem me dera que fosse assim tão fácil - mas, agora, pelo menos compreendo perfeitamente, acho eu.

Bom, se precisares de uma revisão, dispomos de várias vidas.

CAPÍTULO 5

OS DEZ COMPROMETIMENTOS

Qual é o verdadeiro caminho para Deus? Através da renúncia, como creem alguns yoguis? Ou disso a que se chama sofrimento? O caminho para Deus está no sofrimento e na servidão, como dizem muitos ascetas? Ganhamos a nossa ida para o Céu "sendo bons", como apregoam tantas religiões? Ou somos livres de agir como quisermos, de infringir ou ignorar todas as leis, de pôr de lado quaisquer ensinamentos tradicionais, de nos entregarmos a todas as autoindulgências e assim encontrarmos o Nirvana como afirmam tantos *new agers*? Qual deles é? O dos rígidos padrões morais ou o do faz-o-que-quiseres? Qual deles é? O dos valores tradicionais ou o do vai-te desenrascando? Qual deles é? O dos Dez Mandamentos ou o das Sete Etapas para a Iluminação?

Tens uma grande necessidade que as coisas sejam apenas de uma maneira ou de outra, não tens?... Não poderão ser de todas?

Não sei. Estou a perguntar-Te.

Então responder-te-ei da forma que melhor entenderás - embora te diga, desde já, que a resposta está dentro de ti. Digo-o a todas as pessoas que ouvem as Minhas palavras e procuram a Minha Verdade.

A todo o coração que sinceramente pergunta "Qual é o caminho para Deus?" é mostrado esse caminho. É-lhe dada uma Verdade sinceramente sentida. Vem até Mim pelo caminho do teu coração, não pela jornada da tua mente, pois nela nunca Me encontrarás.

Para verdadeiramente conheceres Deus, tens de estar fora da tua mente.[*]

[*] Jogo de palavras com a expressão to be out of one's mind: não estar bom da cabeça. (N. da E.)

Mas a tua pergunta pede uma resposta e não me esquivarei à impetuosidade do teu interrogatório.

Vou começar por uma afirmação que te deixará assustado - e que talvez fira as suscetibilidades de muitas pessoas: *os Dez Mandamentos não existem*.

Oh, meu Deus, não existem?

Não, não existem. Quem comandaria Eu? A Mim mesmo? E para que seriam necessários tais mandamentos? Tudo o que Eu quero é. *N'est-ce pas*? Qual, então, a necessidade de dar ordens a alguém?

E se Eu emitisse mandamentos não seriam eles automaticamente cumpridos? Como poderia Eu desejar, tão ardentemente, que algo acontecesse a ponto de o ordenar - e depois ficar sentado a ver que isso não acontecia?

Que espécie de rei faria uma coisa dessas? Que espécie de governante?

E contudo fica sabendo: não sou rei nem governante. Sou simplesmente - e reverencialmente - o Criador. Mas o Criador não governa, limita-se a criar, criar - a criar sempre.

Criei-te - abençoei-te - à Minha imagem e semelhança. Fiz-te certas promessas e comprometimentos. Disse-te, em linguagem corrente, como te sentirás quando te tornares uno Comigo.

Tu és, como Moisés foi, um homem que procura ansiosamente a verdade. Também Moisés, tal como tu agora, se postou diante de Mim implorando respostas. "Ó Deus dos Meus Pais" clamou ele. "Deus do meu Deus, digna-Te mostrar-Te. Dá-me um sinal para eu poder dizer ao meu povo. Como podemos saber que somos os escolhidos?"

E Eu dirigi-Me a Moisés, tal como agora Me dirijo a ti, com uma aliança divina - uma promessa eterna - um verdadeiro e sólido compromisso. "Como posso ter a certeza?", perguntou Moisés, suplicantemente. "Porque Eu assim te disse", respondi Eu. "Tens a Palavra de Deus."

E a Palavra de Deus não foi um mandamento mas sim uma aliança. Estes, são, portanto, os…

DEZ COMPROMETIMENTOS

Saberás que trilhaste o caminho para Deus, e *saberás* que *encontraste* Deus, pois haverá estes sinais, estas indicações, estas *mudanças* em ti:

1. Amarás Deus com todo o teu coração, toda a tua mente, toda a tua alma. E não haverá nenhum outro deus colocado à minha frente. Não mais venerarás o amor humano, o êxito, o dinheiro, ou o poder, nem nenhum outro símbolo que venha a existir. Porás de lado essas coisas tal como uma criança põe de lado os brinquedos. Não porque sejam indignas mas porque já te desinteressaste delas.

E saberás que trilhaste o caminho para Deus porque:

2. Não usarás o nome de Deus em vão. Nem Me invocarás por coisas frívolas. Entenderás o *poder* das palavras e dos pensamentos e nem *pensarás* em invocar o nome de Deus de uma forma profana. Não usarás o Meu nome em vão porque *não podes*. Pois o Meu nome - o grande "Eu sou" - *nunca* é usado em vão (isto é, sem consequência), *nem jamais poderá sê-lo*. E quando encontrares Deus *saberás isso*.

E dar-te-ei, também, estes outros sinais:

3. Lembrar-te-ás de guardar um dia para Mim, e chamar-lhe-ás santo. Isso para que não permaneças muito tempo na tua ilusão,

mas te leve a recordar quem e o que tu és. E depois em breve chamarás Sabbath a *todos* os dias, e santos a *todos* os momentos.

4. Honrarás a tua mãe e o teu pai - e saberás que és o Filho de Deus quando honrares o teu Deus Pai/Mãe em todas as coisas que disseres, fizeres ou pensares. E ao honrares o Deus Pai/Mãe, e o teu pai e a tua mãe na Terra (pois eles deram-te a vida), honrarás igualmente *todas as pessoas*.

5. *Sabes* que encontraste Deus quando perceberes que não matarás (ou seja, que não matarás voluntariamente, sem razão). Pois ao entenderes que não podes *acabar* com outra vida numa dada situação (toda a vida é eterna), não decidirás pôr termo a uma determinada encarnação, nem mudar nenhuma energia vital de uma forma para outra sem a mais sagrada justificação. O teu novo respeito pela vida fará com que honres todas as formas de vida - incluindo plantas, árvores e animais - e que as destruas apenas quando for pelo bem mais sublime.

E enviar-te-ei também estes outros sinais para que possas saber que estás no caminho certo:

6. Não profanarás a pureza do amor com deslealdade e enganos pois será um ato adúltero. Prometo-te que, depois de encontrares Deus, *não cometerás esse adultério*.

7. Não tomarás uma coisa que não te pertença, nem enganarás, serás conivente, ou prejudicarás outrem para obteres algo, pois isso seria roubar. Prometo-te que, depois de encontrares Deus, *não roubarás*.

Nem…

8. Afirmarás uma coisa que não é verdade, levantando assim um falso testemunho.

Nem…

9. Cobiçarás a mulher do próximo, pois para que hás-de querer a mulher do próximo quando sabes que tens por esposa todas as outras?

10. Cobiçarás os bens do próximo, pois para que hás-de querer os bens do *próximo* quando sabes que todos os bens podem ser teus e que todos os bens pertencem ao mundo?

Saberás que encontraste o caminho para Deus quando vires estes sinais, pois garanto-te que ninguém que verdadeiramente procure Deus voltará a fazer essas coisas. Seria impossível manter tais comportamentos.

Estas são as tuas liberdades, não as tuas restrições. Estes são os meus *comprometimentos*, não os meus *mandamentos*. Pois Deus não manda naquilo que Deus criou - Deus limita-se a dizer aos filhos de Deus: é assim que sabereis que estão a chegar a casa.

Moisés perguntou com toda a sinceridade: “Como posso saber? Dá-me um sinal.” Moisés fez a mesma pergunta que tu fazes agora. A mesma pergunta que todas as pessoas em todo o lado têm feito desde o princípio dos tempos. A minha resposta é igualmente eterna. Mas nunca foi, nem nunca será, um mandamento. Pois a quem devo Eu dar ordens? E quem devo castigar caso os Meus mandamentos não sejam cumpridos?

Existe apenas Eu.

ILUMINAÇÃO, RENÚNCIA, PAIXÃO E EXPETATIVA

Portanto não tenho de cumprir os Dez Mandamentos para ir para o Céu.

Isso de "ir para o Céu" é coisa que não existe. Existe apenas uma certeza de que já lá estás. Existe uma aceitação, um conhecimento, não um trabalho ou uma luta por isso.

Não podes ir para onde já estás. Para o fazeres, terias de sair de onde estás e isso goraria todo o propósito da viagem.

O engraçado é que a maioria das pessoas julga que têm de sair de onde estão para irem para onde querem estar. E por isso deixam o Céu para irem para o Céu - e passam pelo Inferno.

A Iluminação é saber que não há nenhum lugar para onde ir, nada para fazer e ninguém que tenhas de ser exceto exatamente quem estás a ser neste momento.

Diriges-te para sítio nenhum.

O Céu - como tu lhe chamas - não é um sítio no futuro. É, muito simplesmente, agora… aqui.

Toda a gente diz isso! Toda a gente diz isso! Já estou a dar em doido! Se "o Céu é agora aqui", como é que eu não percebo isso? Por que é que não o sinto? E por que é que o mundo é a barafunda que é?

Compreendo a tua frustração. É quase tão frustrante tentar entender tudo isto como tentar fazer com que alguém o entenda.

Eh, lá! Só um momento. Estás a querer dizer que Deus se sente frustrado?

Quem é que tu achas que inventou a frustração? E julgas que consegues sentir algo que Eu não consiga?

Pois Eu te digo: todas as experiências que tu tens, Eu também tenho. Não vês que estou a experienciar-Me através de ti? Para que julgas então que serviria tudo isto?

Se não fosses tu, Eu não poderia conhecer-Me. Criei-te para que Eu possa saber Quem Sou. Mas não quero destruir todas as ilusões que tens sobre Mim num único capítulo - por isso dir-te-ei que na Minha forma mais sublime, a que chamas Deus, não experiencio a frustração.

Uff! Ainda bem! Por momentos assustaste-me.

Mas não é porque não possa. É simplesmente porque opto por não fazê-lo. A propósito, tu podes fazer a mesma opção.

Bom, frustrado ou não, continuo sem perceber como é que o Céu pode ser agora aqui sem eu dar por isso.

Não podes experienciar aquilo que não sabes. E não sabes que estás no "Céu" neste preciso instante porque não experienciaste isso. Como vês, para ti é um círculo vicioso. Não podes - ainda não descobriste como - experienciar aquilo que não sabes e não sabes aquilo que não experienciaste.

O que a Iluminação te pede para fazer é saber algo que não tenhas experienciado e, por conseguinte, experienciá-lo. O saber abre a porta à experiência - e tu pensas que é ao contrário.

Na verdade, sabes muito mais do que aquilo que experienciaste. Só não sabes que sabes.

Por exemplo, sabes que há um Deus. Mas talvez não saibas que o sabes. Por isso continuas *aí* à espera da experiência. E entretanto vais vivendo-a. Só que estás a tê-la sem saberes - que é o mesmo que não a teres.

Ora bolas, estamos a andar em círculos!

Estamos, sim. E em lugar de andarmos em círculos talvez devêssemos ser o próprio círculo; que não tem de ser vicioso. Pode ser um círculo sublime.

A renúncia faz parte da verdadeira vida espiritual?

Faz, porque, no fim, todo o Espírito renuncia ao que não é real e nada na vida que tu levas é real, salvo a tua relação Comigo. *Contudo, no sentido clássico de autonegação, a renúncia não é necessária*.

Um verdadeiro Mestre não "desiste" de algo. Um verdadeiro Mestre põe-no simplesmente de parte como faria com qualquer outra coisa para a qual já não tivesse uso.

Há quem afirme que deves dominar os teus desejos. Eu digo que deves apenas mudá-los. A primeira prática representa uma rigorosa disciplina, a segunda um deleitoso exercício.

Há quem afirme que, para conheceres Deus, deves dominar todas as paixões terrenas. Basta, porém, entendê-las e aceitá-las. *Aquilo a que resistes persiste*. *Aquilo para que olhas desaparece*.

Os que procuram tão fervorosamente dominar todas as paixões terrenas, muitas vezes esforçam-se tanto que, poderá dizer-se, passa *isso* a ser a sua paixão. Têm uma "paixão por Deus"; uma paixão por conhecê-Lo. Mas paixão é paixão e trocar uma pela outra não a elimina.

Não julgues, portanto, aquilo por que te sentes apaixonado. Basta aperceberes-te da sua existência e veres depois se te convém em relação a quem e o que desejas ser.

Lembra-te que estás permanentemente no ato de te criares a ti mesmo. Estás, a cada momento que passa, a decidir quem e o que tu és. Essa tua decisão baseia-se essencialmente nas escolhas que fazes em relação a quem e aquilo por que te sentes apaixonado.

Muitas vezes, uma pessoa que segue o que vocês chamam caminho espiritual *parece* ter renunciado a toda a paixão terrena, a todo o desejo humano. O que essa pessoa fez foi entendê-lo, ver a ilusão e afastar-se das paixões que não lhe convêm - amando, entretanto, a ilusão por aquilo que ela lhe trouxe: a oportunidade de ser totalmente livre.

A paixão é o amor de transformar a existência em ação. Serve de combustível ao motor da criação. Faz com que as conceções se tornem experiência.

A paixão é a chama que nos estimula a expressar quem nós realmente somos. Nunca renegues a paixão pois isso é renegar Quem Tu És e Quem Realmente Queres Ser.

O renunciador nunca renega a paixão - o renunciador renega simplesmente o apego aos resultados. A paixão é um amor pela feitura. A feitura é a existência, experienciada. Mas o que é que muitas vezes se cria como parte dessa feitura? *A expectativa*.

Viver a vida sem *expectativa* - sem a necessidade de resultados específicos - isso é liberdade. É Santidade. É como *Eu* vivo.

Não estás apegado aos resultados?

De maneira nenhuma. A Minha alegria está no ato de criar, não no desfecho. A renúncia não é uma decisão de renegar a ação. A renúncia é uma decisão de renegar uma necessidade de um determinado resultado. Existe uma enorme diferença.

Podes explicar o quer queres dizer com a afirmação "A paixão é o amor de transformar a existência em ação"?

A quididade é o estado mais sublime da existência. É a essência mais pura. É a feição "agora-não agora", "tudo-não tudo", "sempre-nunca" de Deus.

Existência pura é pura Deus-ência.

Todavia, nunca nos contentámos em apenas ser. Sempre ansiámos por *experienciar* Aquilo Que Somos - e isso requer toda uma outra faceta do divino a que se chama "fazer".

Digamos que és, no âmago do teu maravilhoso Eu, essa faceta divina chamada amor. (Que é, a propósito, a Verdade de ti.) Agora, uma coisa é *ser* amor - e outra muito diferente *fazer algo com amor*. *A alma anseia por fazer algo por si mesma para que talvez possa vir a conhecer-se na sua própria experiência. Por isso tentará realizar o seu mais sublime ideal através da ação*.

É a essa ânsia de fazer isso que se chama paixão. Mata a paixão e matarás Deus. A paixão é Deus a querer saudar-te.

Mas repara que assim que Deus (ou Deus-em-ti) fizer essa coisa com amor, Deus realiza-Se e não precisa de mais nada.

Já o homem sente muitas vezes que precisa de um *retorno* do seu investimento. Se vamos amar alguém, ótimo - mas o melhor é recebermos também algum amor em troca. Uma coisa desse género.

Isso não é paixão. Isso é *expectativa*.

É a maior fonte de infelicidade do homem. É o que o separa de Deus.

O renunciador tenta acabar com essa separação através da experiência a que certos místicos orientais chamaram samadhi. Ou seja, unicidade e união com Deus; junção com e fusão no divino.

O renunciador renuncia, portanto, aos *resultados* - mas nunca, *nunca renuncia* à paixão. Aliás, o Mestre sabe intuitivamente que o caminho é a paixão. A via para a autorrealização.

Mesmo em linguagem terrena, poderá dizer-se com toda a justiça que se não tiveres uma paixão por nada não tens vida nenhuma.

RESISTIR OU OLHAR

Disseste que "aquilo a que resistes persiste e aquilo para que olhas desaparece". Podes explicar?

Não podes resistir a uma coisa à qual não atribuas qualquer realidade. O ato de resistir a algo é o ato de lhe dar vida. Quando resistes a uma energia, estás a coloca-la lá. Quanto mais resistires mais a tornas real - *seja o que for a que estiveres a resistir*.

Aquilo para que abres os teus olhos e vês desaparece. Isto é, *deixa de exibir a sua forma ilusória*.

Se olhares para alguma coisa - se olhares *mesmo* para ela - *verás através dela* e através de qualquer ilusão que ela te dê deixando nos teus olhos nada mais do que a realidade concreta. Em face da realidade concreta, a tua frágil ilusão não tem força nenhuma. Já não pode prender-te por muito tempo na sua garra debilitante. Vês a verdade dessa coisa e a verdade liberta-te.

Mas e se nós não *quisermos* que a coisa para que estamos a olhar desapareça?

Devem querer sempre! Não há nada na vossa realidade a que devam apegar-se. Mas, se *preferirem mesmo* a ilusão da vossa vida à realidade concreta, podem muito simplesmente recriá-la - da mesma forma que já a criaram. Assim, poderão ter na vossa vida aquilo que *decidiram* ter e eliminar dela o que já não desejam experienciar.

Faças o que fizeres, nunca resistas a nada. Se pensares que resistindo vais eliminar alguma coisa pensa bem pois, assim, estás apenas a colocá-la mais firmemente no seu lugar. Não te disse que *todo o pensamento* é criativo?

Mesmo um pensamento que diga que não quero alguma coisa?

Se não a queres, para quê pensar nela? Não penses duas vezes. Se, no entanto, *tiveres* de pensar nela - isto é, se não fores capaz de *não pensar* nela - não lhe resistas. Em vez disso, olha *diretamente* para o que quer que ela seja - aceita a realidade como criação tua - e depois opta por ficares ou não com ela, faz como quiseres.

Que irá ditar essa opção?

Quem e Aquilo que tu pensas que És. E Quem e Aquilo que queres Ser.

É isso que dita *todas* as opções - *toda e qualquer escolha* que fizeste na tua vida. E que virás a fazer.

Então, nesse caso, a vida de um renunciador é um caminho errado?

Isso não é verdade. A *palavra* "renunciador" dá azo a muitas interpretações erradas. Com efeito, *não podes renunciar a nada* - pois aquilo a que *resistes* persiste. O verdadeiro renunciador não renuncia, limita-se a *escolher de forma diferente*. Trata-se de um ato de aproximação a algo, não de afastamento.

Não podes afastar-te de uma coisa, pois ela perseguir-te-á sem tréguas. Não resistas, portanto, à tentação - mas vira-lhe as costas. Volta-te para Mim e afasta-te de tudo o que for diferente de Mim.

Mas fica sabendo que não há caminhos errados - pois, nesta viagem não podes "não chegar" ao sítio para onde vais.

É apenas uma questão de velocidade - meramente uma questão de *quando* lá chegarás -, e no entanto mesmo isso é uma ilusão, pois não existe nenhum *"quando"*, nem existe um *"antes"* ou *"depois"*. Existe apenas o agora; um eterno momento de sempre no qual estás a experienciar-te.

Então qual é o objetivo? Se não há forma de não "chegarmos lá", qual é o objetivo da vida? Para que devemos então preocuparnos com o que fazemos?

Bom, claro que *não devem*. Mas *fazem bem* em estar atentos. Basta repararem em quem e naquilo que estão a ser, a fazer, e a ter, e verem se isso vos convém.

O objetivo da vida não é chegar a um lado qualquer - é perceber que já lá estás e sempre estiveste. Estás, sempre e eternamente, no momento de pura criação. O objetivo da vida é, portanto, criar - quem e aquilo que és e depois experienciá-lo.

CAPÍTULO 6

A RAIZ DO SOFRIMENTO

Então e o sofrimento? Será ele o caminho e a via para chegar a Deus? Há quem diga que é a única via.

Não me agrada o sofrimento e quem o afirmar não Me conhece.

O sofrimento é um aspeto desnecessário da experiência humana. Não apenas desnecessário mas desassisado, incómodo e perigoso para a saúde.

Então por que é que há tanto sofrimento? Por que é que Tu, se és Deus, não acabas com ele, já que Te desagrada tanto?

Já o fiz. Vocês é que se recusam a usar as ferramentas que Eu vos dei para executar essa tarefa.

É que o sofrimento não tem nada a ver com acontecimentos, mas sim com a reação das pessoas a eles.

O que está a acontecer é apenas o que está a acontecer. A forma como vocês encaram isso é outra questão.

Dei-vos as ferramentas com as quais atuar e reagir aos acontecimentos de uma forma que minimiza - que *elimina* - a dor, mas vocês não as utilizaram.

Desculpa lá, mas por que não eliminar os *acontecimentos*?

É uma sugestão muito boa. Infelizmente não tenho nenhum controlo sobre eles.

Não tens nenhum *controlo* sobre os acontecimentos?

Claro que não. Os acontecimentos são ocorrências no tempo e no espaço que vocês provocam por decisão vossa - e Eu jamais interferirei nessas decisões. Fazê-lo seria contrariar o verdadeiro motivo por que vos criei. Mas já te expliquei tudo isso lá atrás.

Há acontecimentos que vocês provocam voluntariamente e outros que atraem para vós - de uma forma mais ou menos inconsciente. Alguns deles - os grandes desastres naturais contam-se entre os que vocês enquadram nesta categoria - são atribuídos ao "destino".

Contudo, até mesmo a palavra "destino" pode significar "de todos os pensamentos em todo o lado"*. Em resumo, a consciência do planeta.

A "consciência coletiva".

Precisamente. Exatamente.

Há quem diga que o mundo está a deteriorar-se a olhos vistos, a nossa ecologia a morrer, o nosso planeta à beira de um terrível desastre geofísico. Terramotos. Vulcões. Talvez até uma inclinação do eixo terrestre. E há outros que dizem que a consciência coletiva pode mudar tudo isso, que podemos salvar a Terra com os nossos pensamentos.

Pensamentos postos em *ação*. Se houver um número suficiente de pessoas, em todo o lado, cientes de que algo deve ser feito para ajudar o ambiente, sim, salvarão a Terra. Mas têm de apressar-se, pois são já muitos os danos causados, durante muito tempo. Vai exigir uma enorme mudança de atitude.

Queres dizer que se não o fizermos, *veremos* a Terra - e os seus habitantes - serem destruídos?

Eu tornei as leis do universo físico bastante claras para que todos as entendessem. Há leis de causa e efeito que têm sido devidamente

* No original *fate* ("from all thoughts everywhere"). (N. da T.)

explicadas aos vossos cientistas, físicos, e, através deles, aos vossos líderes mundiais. Essas leis não precisam de ser aqui novamente enunciadas.

Voltando ao sofrimento - de onde tirámos nós a ideia de que sofrer era *bom*? Que os santos "sofrem em silêncio"?

Os santos "sofrem em silêncio", mas isso não significa que o sofrimento seja uma coisa boa. Os discípulos dos Mestres sofrem em silêncio porque sabem que o sofrimento não é o plano de Deus, mas sim um verdadeiro sinal de que existe ainda algo para *aprender* do plano de Deus, ainda algo para recordar.

O *verdadeiro* Mestre não sofre absolutamente nada em silêncio, apenas parece estar a sofrer sem se queixar. O motivo por que o verdadeiro Mestre não se queixa é que o verdadeiro Mestre *não está a sofrer*, apenas a experienciar um conjunto de circunstâncias que *tu* classificarias como insofrível.

Um Mestre ativo não fala de sofrimento porque um Mestre, na sua prática, *entende claramente o poder da Palavra* - e por isso opta, muito simplesmente, por não dizer uma palavra que seja acerca disso.

Tornamos real aquilo a que prestamos atenção. O Mestre sabe isso. O Mestre estuda as *opções* em relação àquilo que ele decide tornar real.

Todos vocês já o fizeram mais do que uma vez. Não há ninguém que não tenha feito desaparecer uma dor de cabeça, ou tornado menos penosa uma ida ao dentista, *apenas por mera decisão*. Um Mestre limita-se a tomar a mesma decisão acerca de coisas mais importantes.

Mas para quê, sequer, o sofrimento? Para quê até só a *possibilidade* de sofrer?

Não podes conhecer e tornar-te aquilo que és na ausência daquilo que não és, como já te expliquei.

Continuo sem perceber como é que fomos arranjar a ideia de que o sofrimento era *bom*.

Fazes bem em insistir nesse ponto. O conceito original relacionado com o sofrimento em silêncio deturpou-se de tal forma que agora muitos creem (e várias religiões ensinam mesmo isso) que o sofrimento é *bom* e que a alegria é *má*. Por conseguinte, concluíram que se alguém tem um cancro e sofre em silêncio é porque é um santo, ao passo que alguém que tenha (para ir buscar um tema bombástico) uma sexualidade fogosa e a manifeste abertamente é uma pecadora.

Ena, foste buscar mesmo um tema bombástico. E, astuciosamente, trocaste também o género do sujeito. Foi para frisar alguma coisa?

Foi para te mostrar os vossos preconceitos. Vocês não gostam de pensar que as mulheres possam ter uma sexualidade fogosa, quanto mais manifestá-la abertamente.

Preferem ver um homem morrer sem um gemido no campo de batalha do que uma mulher a fazer amor aos gemidos na rua.

E Tu não preferias?

Eu não faço juízos, nem numa situação nem noutra. Mas vocês fazem uma data deles - e estou certo que são os vossos juízos que vos privam da alegria, que são as vossas expectativas que vos tornam infelizes.

Tudo isso, junto, é que vos traz as doenças e, consequentemente, o sofrimento.

Como é que sei se o que Tu estás a dizer é verdade? Como é que sei que é mesmo Deus que está a falar e não a minha imaginação hiperativa?

Já perguntaste isso antes. A Minha resposta é a mesma. Que diferença faz? Mesmo que tudo o que Eu tenha dito esteja "errado", consegues imaginar alguma maneira melhor de viver?

Não.

Nesse caso o "errado" está certo e o "certo" está errado!

Mas dir-te-ei uma coisa para te arrancar a esse dilema: não acredites em nada do que Eu digo. Limita-te a *vivê-lo*. A *experienciá-lo*. Depois vive quaisquer outros paradigmas que desejes formar. Finalmente, analisa a tua *experiência* para encontrares a verdade.

Um dia, se tiveres uma grande coragem, experienciarás um mundo no qual fazer amor é considerado melhor do que fazer a guerra. Nesse dia, rejubilarás.

CAPÍTULO 7

ESCOLHER MAS NÃO QUERER

A vida é tão assustadora. E tão confusa. Quem me dera que as coisas fossem mais claras.

Não há nada de assustador na vida se não te apegares aos resultados.

Ou seja, se não quisermos nada.

Isso mesmo. *Escolhe* mas não queiras.

Isso é fácil para pessoas que não têm ninguém a seu cargo. E se tivermos mulher e filhos?

O trilho do chefe de família foi sempre muito espinhoso. Talvez o mais espinhoso. Como disseste, é fácil "não querer nada" quando se está apenas a tratar de si mesmo. É natural, quando se tem outros entes queridos, querer apenas o melhor para eles.

Custa muito não poder dar-lhes tudo o que gostaríamos que eles tivessem. Uma bela casa, roupas boas, comida suficiente. Sinto que ando há vinte anos a lutar só para conseguir sobreviver. E continuo sem ter nada que se veja.

Estás a falar em termos de riqueza material?

Em termos de apenas algumas das coisas essenciais que um homem gostaria de deixar aos seus filhos. Em termos de certas coisas muito simples que um homem gostaria de proporcionar à sua mulher.

Compreendo. Consideras que a tua função na vida é proporcionar todas essas coisas. Achas que é esse o objetivo da tua vida?

Não sei bem se poria a coisa dessa maneira. Não é esse o *objetivo* da minha vida, mas era bom que pudesse ser, pelo menos, um *subproduto*.

Bom, nesse caso voltemos atrás. Como é que vês a tua vida?

Boa pergunta. Já tive uma data de respostas diferentes ao longo dos anos.

Qual é a tua resposta agora?

É como se tivesse duas respostas para essa pergunta: a resposta que eu *gostaria* de ver e a resposta que estou a ver.

Qual é a resposta que gostarias de ver?

Gostaria de ver a minha vida como uma evolução da minha alma. Gostaria de ver a minha vida como expressão e experienciação da parte de mim mesmo de que mais gosto. A parte de mim mesmo que é compaixão e paciência, entrega e ajuda. A parte de mim mesmo que é feita de sabedoria e sensatez, tolerância e... amor.

Parece que andaste a ler este livro!

Sim, bom, é um belo livro a um nível esotérico, mas estou a tentar descobrir como é que se "praticaliza" tudo isso. Em resposta à tua pergunta, a realidade que eu vejo na minha vida é a de sobrevivência quotidiana.

Ah! E julgas que uma coisa exclui a outra?

Bem...

Achas que o esoterismo exclui a sobrevivência?

A verdade é que eu gostaria de fazer mais do que sobreviver. Tenho *sobrevivido* todos estes anos. Vejo que ainda cá estou mas

gostaria que a luta pela sobrevivência acabasse. Acho que só o viver do dia-a-dia continua a ser uma luta. Gostava de fazer mais do que sobreviver. Gostava de *prosperar*.

E a que chamas tu prosperar?

Ter o suficiente para não precisar de pensar onde é que vou arranjar o dinheiro; não ter de fazer uma enorme ginástica só para pagar a renda ou a conta do telefone. Detesto mostrar-me assim tão materialista, mas do que estamos a falar é da *vida real*, não dessa imagem visionária, espiritualmente romanceada, da vida que vens traçando ao longo deste livro.

Estou a detetar aí uma certa raivazinha?

Mais frustração que raiva. Já ando neste jogo espiritual há mais de vinte anos e vê onde é que isso me levou. A um passo da indigência! E agora acabo de perder o emprego e pelos vistos o fluxo de caixa parou outra vez. Começo a ficar realmente farto de lutar. Tenho quarenta e nove anos e gostava de ter alguma segurança na vida para que pudesse dedicar mais tempo às "coisas de Deus", à "evolução" da alma, etc. É esse o meu sincero desejo, mas não o que a vida me permite...

Bom, fizeste aí uma série de desabafos e creio que estás a falar em nome de todas as pessoas que passam por essa experiência. Vou responder à tua verdade ponto por ponto para que possamos acompanhar facilmente, e dissecar, a resposta.

Não andas "nesse jogo espiritual" há vinte anos, pois ainda mal entraste nele. (A propósito, isto não é nenhuma "sova", é apenas uma constatação da verdade.) Concordarei que durante duas décadas tenhas andado a olhar para ele, a *catrapiscá-lo*, a *experimentá-lo* de vez em quando... mas só recentemente senti a tua sincera - a tua mais sincera - *entrega* ao jogo.

Que fique bem claro que "*estar no jogo espiritual*" *significa dedicares toda a tua mente, todo o teu corpo, toda a tua alma ao processo de autocriação à imagem e semelhança de Deus*.

É esse o processo de autorrealização sobre o qual escreveram os místicos orientais. É o processo de salvação ao qual se dedicou grande parte da teologia ocidental.

Trata-se de um ato de elevada consciencialização que decorre no dia-a-dia, hora-a-hora, momento-a-momento. É, a todo o instante, uma escolha e uma nova escolha. Uma criação em curso. Uma criação consciente. Criação com um objetivo. É o uso das ferramentas da criação, das quais já falámos, e um uso com lucidez e elevados propósitos.

"Jogar o jogo espiritual" é isso. Agora, há quanto tempo andas a fazê-lo?

Ainda nem sequer comecei.

Não vás de um extremo ao outro e não sejas tão duro para contigo mesmo. Tens-te dedicado a esse processo - e estás realmente mais empenhado nele do que queres admitir. Só que não andas a fazer isso há vinte anos - nem nada que se pareça. Mas a verdade é que o importante não é há quanto tempo estás empenhado. Está-lo *neste momento*? Isso é que interessa.

Prossigamos a análise das tuas afirmações. Pedes para vermos "onde é que isso te levou" e descreves-te como estando "a um passo da indigência". Olho para ti e vejo uma coisa muito diferente. Vejo uma pessoa que está a um passo da riqueza! Sentes que estás a um passo do oblívio e eu vejo-te como alguém que está a um passo do Nirvana. Mas, é claro, tudo depende da forma como vês esse teu "passo" - e para que fim estás a trabalhar.

Se o objetivo da tua vida é adquirir aquilo a que chamas segurança, vejo e percebo por que é que te sentes "a um passo da indigência".

Contudo, até esta avaliação pode ser corrigida pois, com o Meu soldo, obterás *todas* as coisas boas - incluindo a experiência de te sentires seguro no mundo físico.

O Meu soldo - a tua retribuição ao "trabalhares para" Mim - proporciona muito mais do que o conforto espiritual. O conforto *físico* também pode ser teu. Mas a ironia disto tudo é que, quando experienciares o tipo de conforto espiritual que o Meu soldo proporciona, a última coisa com que te preocuparás será o conforto físico.

Até o conforto físico dos membros da tua família deixará de ser, para ti, uma preocupação -, pois ao ascenderes a um nível de consciência divina compreenderás que não és responsável por nenhuma outra alma humana e que, embora seja louvável desejar que todas as almas vivam confortavelmente, cada uma delas deve escolher - *está a escolher* - o seu próprio destino neste momento.

Claro que explorar ou destruir deliberadamente outro alguém não é a mais sublime das ações. Tal como é descabido negligenciares as necessidades daqueles que tornaste dependentes de ti.

A tua função é torná-los *independentes*; ensiná-los, o mais rápida e *exaustivamente* possível, a *desenvencilharem-se sem ti*. Não és para eles nenhuma bênção enquanto precisarem de ti para sobreviver. Sê-lo-ás realmente apenas no momento em que eles se aperceberem de que és desnecessário.

No mesmo sentido, o momento mais sublime de Deus é o momento em que tu te apercebes de que *não precisas de nenhum Deus*.

Eu sei, Eu sei… é a antítese de tudo o que te ensinaram. Mas, por outro lado, os teus professores falaram-te de um Deus colérico, um Deus ciumento, um Deus que precisa que precisem dele. E isso não é nenhum Deus, mas um neurótico substituto do que seria uma divindade.

Um verdadeiro Mestre não é o que tem mais alunos, mas o que cria mais Mestres.

Um verdadeiro líder não é o que tem mais seguidores, mas o que cria mais líderes.

Um verdadeiro monarca não é o que tem mais súbditos, mas o que conduz o maior número deles à realeza.

Um verdadeiro professor não é o que possui o maior saber, mas o que faz com que a maioria dos outros o obtenha.

E um verdadeiro Deus não é O que tem mais servos, mas o que serve o maior número de pessoas, tornando assim Deuses todos os outros.

" Eis, portanto, o propósito e a glória de Deus: que os Seus súbditos deixem de sê-lo e que todos venham a conhecê-l'O não como o inatingível mas como o inevitável.

Gostaria que entendessem isto: o vosso destino feliz é *inevitável*. Não podem não ser "salvos". O único Inferno que existe é não sabê-lo.

Por isso agora, como pais, cônjuges e entes queridos, procurem não fazer do vosso amor uma cola que fixa, mas um íman que primeiro atrai e depois vira-se e repele, para que os que se sentem atraídos não comecem a achar que devem colar-se a vocês para sobreviverem. Nada poderia estar mais longe da verdade. Nada poderia ser mais prejudicial para uns e outros.

Deixem que o vosso amor *catapulte* os vossos entes queridos para o mundo - e para a plena experiência de quem eles são. Com isso, estareis a amá-los verdadeiramente.

É bem espinhoso esse trilho do chefe de família. Tem muitas distrações, muitas preocupações terrenas. O asceta não é incomodado por nenhuma delas. Trazem-lhe o pão e a água, dão-lhe a humilde manta em que repousa, e pode dedicar todas as suas horas à prece, à meditação e à

contemplação do divino. Que fácil deve ser ver o divino numa situação dessas! Que tarefa tão simples! Ah, mas deem a um deles mulher e filhos! Vê agora o divino num bebé que precisa de mudar a fralda às três da manhã. Vê o divino numa conta que tem de ser paga no primeiro dia do mês. Reconhece a mão de Deus na doença que leva uma esposa, no emprego que se perde, na febre do filho, na dor dos pais. Agora estamos a falar de santidade.

Entendo o teu desalento. Sei que estás farto da luta. Mas digo-te o seguinte: quando me seguires, a luta desaparece. Vive no teu espaço divino e os acontecimentos, um por um, tornam-se bênçãos.

Como é que eu posso ir para o meu espaço divino se perdi o emprego, a renda tem de ser paga, os miúdos precisam de dentista, e colocar-me no meu espaço altaneiro e filosofal parece-me a forma menos provável de resolver qualquer um destes problemas?

Não Me renegues quando mais precisas de Mim. Chegou a hora do teu maior teste. Chegou a hora da tua maior oportunidade. A oportunidade de comprovares tudo o que aqui foi escrito.

Quando digo "não Me renegues", até pareço esse Deus exigente e neurótico de que falámos. Mas não sou. Podes "renegar-Me" à tua vontade. Eu não me ralo e isso não vai alterar nada entre nós. Estou só a dizê-lo em resposta às tuas perguntas. É quando as coisas se tornam negras que tu mais vezes te esqueces de *Quem És* e das ferramentas que te dei para criares a vida que viesses a escolher.

Está, mais do que nunca, na altura de ires para o teu espaço divino. Primeiro, isso trar-te-á uma enorme paz de espírito - e é de um espírito sereno que fluem as grandes ideias, ideias que podem ser soluções para os maiores problemas que tu próprio imaginas que tens.

Segundo, é no teu espaço divino que o teu Eu se realiza e é esse o propósito - o *único* propósito - da tua alma.

Quando estás no teu espaço divino, sabes e entendes que tudo o que estás a experienciar agora é temporário. Digo-te que o Céu e a Terra passarão mas tu não. Esta perspetiva de eternidade ajuda-te a ver as coisas como elas realmente são.

Podes definir estas situações e circunstâncias atuais como elas realmente são: temporárias e temporais. Podes, depois, utilizá-las como ferramentas - pois é isso que elas são, ferramentas temporárias, temporais - na criação da realidade atual.

Quem julgas tu que és? Em relação à experiência a que chamaste perder-um-emprego, quem julgas que és? E, talvez mais corretamente, quem julgas tu que *Eu sou*? Achas que esse é um problema demasiado grande para Eu resolver? Sair dessa embrulhada será um milagre demasiado grande para Mim? Compreendo que possas achá-lo demasiado grande para tu resolveres, mesmo com as ferramentas que te dei - mas achas mesmo que é demasiado grande para Mim?

Sei, racionalmente, que nenhum problema é demasiado grande para Deus. Mas, emocionalmente, acho que não tenho bem a certeza. Não que Tu *consigas* resolvê-lo mas que o *desejes*.

Entendo. É, portanto, uma questão de fé.

Sim.

Não questionas a Minha capacidade, duvidas apenas do meu desejo.

PROGRAMAÇÃO MENTAL

Entende que eu ainda vivo segundo essa teologia que afirma dever existir aqui, algures, uma lição que tenho de aprender. Ainda não sei ao certo se devo ter uma solução. Se calhar estou destinado a

ter este problema. Talvez seja um desses "testes" a que a minha teologia se está sempre a referir. Por isso receio que este problema possa não ser resolvido. Que seja um desses com que Tu vais pôr-me à prova...

Talvez seja agora uma boa altura para analisarmos uma vez mais a forma como Eu interajo contigo, pois julgas que é uma questão de desejo Meu e eu digo-te que é uma questão de desejo *teu*.

Eu quero para ti o que *tu* queres para ti mesmo. Nada mais, nada menos. Não estou aqui sentado a fazer um juízo, pedido por pedido, a ver se algo te deve ser ou não concedido.

A minha lei é a lei de causa e efeito, não a lei do Vamos Ver. Não há *nada* que não possas ter se assim o decidires. Mesmo antes de pedires, já Eu to terei dado. Acreditas?

Não. Desculpa, mas já vi muitas preces não serem atendidas.

Não peças desculpa. Mantém-te é sempre com a verdade - a verdade da tua experiência. Eu entendo isso. Respeito isso. Por Mim está bem.

Ótimo, porque *não* acredito que obterei tudo aquilo que pedir. A minha vida não tem sido uma prova disso. Aliás, *raramente* obtenho o que peço. Quando isso acontece, acho que tenho uma sorte danada.

Ora aí está uma interessante escolha de palavras. Pelos vistos, tens uma opção. Na tua vida, tanto podes ter uma sorte danada como uma sorte abençoada. Eu preferia que tivesses uma sorte abençoada - mas, claro, não vou interferir nas tuas decisões.

Mas digo-te: Obténs *sempre* o que crias e estás *sempre a criar*.

Eu não faço juízos sobre as decisões que tomas, limito-me a dar-te o poder para que tomes mais - e mais, e mais, sempre mais. Se não gostas do

que acabaste de criar, *faz nova escolha*. A minha função, como Deus, *é dar-te sempre essa oportunidade*.

Agora dizes-me que não obtiveste sempre aquilo que querias. Mas Eu estou aqui para te dizer que obtiveste sempre aquilo que suscitaste.

A tua vida é sempre uma consequência dos teus pensamentos acerca dela - incluindo esse, obviamente criativo, de que raramente obténs o que queres.

Ora, no exemplo em análise, vês-te como a vítima na situação da perda do emprego. A verdade, porém, é que já não queres esse emprego. Deixaste de levantar-te de manhã com entusiasmo e começaste a levantar-te com apreensão. Deixaste de sentir-te feliz com o teu trabalho e começaste a sentir revolta. Até começaste a imaginar *fazer outra coisa qualquer*.

Achas que essas coisas não significam nada? Estás a subestimar a tua capacidade. Pois Eu digo-te: *a tua vida resulta das tuas intenções para com ela*.

Por isso, qual é a tua intenção agora? Tencionas provar a tua teoria de que a vida raramente te traz aquilo que tu queres? Ou tencionas demonstrar Quem Tu Realmente És e Quem Eu Sou?

Sinto-me desgostoso. Repreendido. Envergonhado.

De que te serve isso? Por que não admitir apenas a verdade quando a ouves e seguir nessa direção? Não tens necessidade de te autorrecriminares. Basta analisares as decisões que tomaste e decidir melhor.

Mas por que é que eu tenho sempre esta tendência para as decisões negativas? E para depois me autorrecriminar por isso?

De que estavas à espera? Disseram-te, desde pequenino, que eras "mau", Admites ter nascido no "pecado". O sentimento de culpa é uma reação aprendida. Disseram-te para te sentires culpado de coisas que fizeste antes mesmo de poderes fazer alguma coisa. Ensinaram-te a ter vergonha por teres nascido menos que perfeito.

Esse suposto estado de imperfeição no qual, segundo vos disseram, vocês vieram ao mundo é aquilo a que os vossos teólogos têm o desplante de chamar pecado original. E é pecado original - mas não vosso. É o primeiro pecado que vos é infligido por um mundo que não sabe nada de Deus se julga que Deus ia - ou podia - criar algo imperfeito.

Algumas das vossas religiões fundamentaram doutrinas inteiras em torno dessa conceção errada. E é o que isso é, *literalmente*: *uma conceção errada*. *Pois tudo o que eu concebo - tudo aquilo a que dou vida - é perfeito; um reflexo perfeito da própria perfeição, feito à Minha imagem e semelhança*.

Todavia, para justificarem a ideia de um Deus punitivo, as vossas religiões precisaram de criar algo com que Eu me enfurecesse. Para que até mesmo as pessoas que levavam vidas exemplares precisassem, de certo modo, de ser salvas. Se não precisam de ser salvas de si mesmas, então precisam de ser salvas da sua própria *imperfeição embutida*. Assim (afirmam essas religiões) o melhor é vocês fazerem alguma coisa quanto a isso - e depressa - ou vão direitinhos para o Inferno.

O que, no fim, poderá não fazer nada para apaziguar um Deus esquisito, vingativo e colérico, mas dá vida a religiões esquisitas, vingativas e coléricas. É assim que elas se perpetuam. É assim que o poder permanece concentrado nas mãos de uns poucos em lugar de ser experienciado por todos.

É claro que optas constantemente pelo pensamento mais inferior, pela ideia mais modesta, pelo conceito mais medíocre de ti mesmo e do teu poder, já para não falar de Mim e do Meu. *Ensinaram-te a fazer isso*.

Meu Deus, como é que posso desfazer o ensinamento?

Boa pergunta e dirigida justamente à pessoa indicada!

Podes fazer isso lendo e relendo este livro. Lê-o as vezes que forem necessárias. Até compreenderes todas as passagens. Até estares familiarizado com todas as palavras. Quando conseguires citar excertos a outras pessoas, quando, em plena situação de crise, fores capaz de lembrar-te das suas frases, então terás "desfeito o ensinamento".

Mas ainda há tanta coisa que quero perguntar-Te, tanta coisa que quero saber.

Sem dúvida. Começaste por um longo rol de perguntas. Vamos voltar a ele?

CAPÍTULO 8

AS RELAÇÕES

Quando é que aprenderei o suficiente sobre relações para conseguir vivê-las sem problemas? Há alguma maneira de ser feliz nas relações? Deverão elas ser um desafio constante?

Não tens nada a aprender sobre relações. Tens apenas de demonstrar aquilo que já sabes.

Há uma maneira de se ser feliz nas relações, que é utilizá-las para o fim com que foram criadas e não para o que tu lhes destinaste.

As relações são um desafio constante; estão constantemente a exigir-te que cries, que expresses e experiencies facetas de ti mesmo cada vez mais elevadas, imagens de ti mesmo cada vez mais sublimes, versões de ti mesmo sempre mais grandiosas. Não há situação em que possas fazê-lo de forma mais imediata, com maior impacte e mais imaculadamente que nas relações. Com efeito, sem elas, não podes fazer *nada disso*.

É somente através das relações com outras pessoas, lugares e acontecimentos que podes sequer existir (como uma porção cógnita, como um *algo* identificável) no universo. Lembra-te, na ausência do demais tu não és. Só és o que és em relação a outra coisa que não é. É o que se passa no mundo do relativo, em oposição ao mundo do absoluto - onde Eu resido.

Quando o entenderes claramente, quando o admitires no teu íntimo, louvarás intuitivamente toda e qualquer experiência, todos os encontros humanos e, sobretudo, as relações humanas, pois encará-las-ás como construtivas, no sentido mais sublime do termo. Verás que podem ser usadas, devem ser usadas, estão a ser usadas (quer queiras quer não) para *construírem* Quem Tu Realmente És.

Essa construção pode ser uma obra magnífica da tua própria conceção consciente ou uma mera configuração casual. Podes decidir ser uma pessoa

que resultou apenas daquilo que aconteceu, ou daquilo que decidiste *ser e fazer* acerca do que aconteceu. É na última hipótese que a criação do Eu se torna consciente. É na segunda experiência que o Eu se realiza.

Louva, portanto, todas as relações e encara cada uma delas como especial e formativa de Quem Tu És - e agora decide ser.

Mas a tua pergunta tem a ver com relações humanas de carácter romântico e compreendo isso. Permite-me pois que me dirija, específica e exaustivamente, às relações amorosas - essas coisas que continuam a dar-te tantos problemas!

Quando as relações amorosas fracassam (as relações nunca fracassam verdadeiramente a não ser no sentido estritamente humano de não darem o resultado que vocês querem), fracassam porque foram iniciadas pelo motivo errado.

(Claro que "errado" é um termo relativo significando que algo está a ser comparado com o que é "certo" - seja lá o que *isso* for! Na vossa linguagem, seria mais exato dizer "as relações fracassam - mudam - mais frequentemente quando são iniciadas por motivos não totalmente favoráveis ou conducentes à sua sobrevivência".)

A maioria das pessoas entra nas relações de olho naquilo que pode retirar delas e não no que vai lá pôr.

O propósito de uma relação é decidir qual a parte de ti mesmo que gostarias de ver "exibida", não a parte do outro que podes conquistar e manter.

Só pode haver um único propósito para as relações - e para tudo na vida: ser e decidir Quem Tu Realmente És.

É muito romântico dizer que não eras "nada" até esse alguém especial ter aparecido na tua vida, mas não é verdade. O pior é que exerce sobre o

outro uma pressão enorme para ser toda a espécie de coisas que ele, ou ela, não é.

Não querendo "desiludir-te", estão a esforçar-se terrivelmente para serem e fazerem essas coisas até já não poderem mais. Já não conseguem completar o quadro que deles fizeste. Já não conseguem desempenhar os papéis que lhes foram atribuídos. Cresce o ressentimento. A seguir vem a raiva.

Finalmente, para se salvarem a si mesmos (e à relação), esses outros especiais começam a reclamar os seus verdadeiros eus, agindo mais de acordo com Quem Eles Realmente São. Altura em que vocês dizem que eles estão "realmente mudados".

É muito romântico dizer que agora que esse outro especial entrou na vossa vida vocês se sentem completos. *Contudo, o propósito da relação não é ter outra pessoa que possa completar-te mas sim com a qual possas partilhar a tua plenitude.*

É aqui que está o paradoxo de todas as relações humanas: não tens necessidade de um alguém especial para experienciares, plenamente, Quem Tu És, e… sem esse alguém não és nada.

É, simultaneamente, o mistério e o fascínio, a frustração e a alegria, da experiência humana. É preciso um profundo entendimento e uma disponibilidade total para se viver dentro deste paradoxo de uma forma que faça sentido. Vejo que são poucas as pessoas que o fazem. A maioria entra na fase formativa das relações transbordante de expectativa, de energia sexual, com um coração aberto e uma alma feliz, ainda que ansiosa.

Algures entre os quarenta e os sessenta (na maior parte dos casos acontece mais cedo do que mais tarde) já desistiram do vosso maior sonho, puseram de parte as maiores esperanças, contentaram-se com a mais humilde das expectativas - ou mesmo nada.

O problema é tão básico, tão simples, e, contudo, tão tragicamente mal interpretado: o vosso maior sonho, o vosso mais alto ideal e a vossa mais preciosa esperança estiveram sempre relacionados com o vosso adorado outro e não com o vosso adorado *Eu*. O teste à vossa relação tem a ver com a forma como o outro correspondeu aos *teus* ideais e como tu te viste a ti mesmo a corresponder aos *dele* ou *dela*. Só que o único teste verdadeiro tem a ver com a forma como tu correspondes aos *teus*.

As relações são *sagradas* pois proporcionam a maior oportunidade da vida - a sua única oportunidade, aliás - ao criarem e produzirem a experiência da tua mais elevada concetualização do Eu. As relações fracassam quando as encaras como a maior oportunidade da vida para criares e produzires a tua mais elevada concetualização de *outrem*.

Deixa que cada pessoa envolvida na relação se preocupe com o *Eu* - o que o *Eu* está a ser, a fazer e a ter; o que o *Eu* está a querer, a pedir, a dar; o que o *Eu* está a procurar, a criar, a experienciar, e todas as relações cumprirão, de forma magnífica, o seu objetivo - e o dos seus participantes!

Deixa que, numa relação, cada um se preocupe não com o outro mas apenas, só e unicamente com o Eu.

Parece um estranho ensinamento pois disseram-te que na relação mais perfeita uma pessoa preocupa-se apenas com a outra. Mas Eu digo-te o seguinte: a tua concentração no outro - a tua *obsessão* com o outro - é o que faz com que as relações fracassem.

Que está o outro a ser? Que está o outro a fazer? Que está o outro a ter? Que está o outro a dizer? A querer? A exigir? Que está o outro a pensar? A esperar? A planear?

O Mestre sabe que não interessa o que o outro está a ser, a fazer, a ter, a dizer, a querer, a exigir. Não interessa o que o outro está a pensar, a esperar, a planear. Só interessa aquilo que *tu* estás a ser em *relação* a isso.

A pessoa mais amorosa é a egocêntrica.

Isso *é* um ensinamento radical...

Não se o analisares cuidadosamente. Se não conseguires amar-te a ti mesmo não podes amar outra pessoa. Muita gente comete o erro de procurar o amor por si mesmo através do amor por outrem. Claro que não se apercebem de que estão a fazer isso. Não se trata de um ato consciente. É o que se passa na mente. Nas profundezas da mente. Naquilo a que vocês chamam o subconsciente. E pensam: "Se eu conseguir amar os outros, eles amar-me-ão. Tornar-me-ei assim uma pessoa amorável e, por isso, capaz de me amar a *mim*."

O oposto disto é o grande número de pessoas que se detestam a si mesmas por acharem que não há ninguém que as ame. É uma doença - é quando as pessoas vão de facto "mal de amores", pois a verdade é que os outros *amam-nas*, mas isso não interessa. Por muitas que sejam as pessoas que lhes confessem o seu amor, nunca é suficiente.

Primeiro, não acreditam. Acham que estão a manipulá-las - a tentar obter qualquer coisa. (Como é possível que gostem delas por aquilo que realmente são? Não. Deve haver aí um engano qualquer. Devem querer alguma coisa! Agora, o que será que querem?)

Põem-se a pensar, a tentar descobrir por que é que alguém há-de gostar realmente delas. Por isso não acreditam e empreendem uma campanha para vos obrigar a *prová-lo*. Têm de provar que gostam delas. Para tal, poderão pedir-vos que comecem a mudar o vosso comportamento.

Depois, se finalmente algo as leva a acreditar que os outros *podem* amá-las, começam logo a preocupar-se com o tempo que conseguirão *conservar* esse amor. Por isso, para manterem o vosso amor, começam a alterar o comportamento *delas*.

O resultado é duas pessoas perderem-se literalmente numa relação. Entram nela esperando encontrar-se a si mesmas e em vez disso perdem-se.

Esta perda do Eu numa relação é o que causa a maior parte da amargura nesses casais.

Duas pessoas juntam-se numa união esperando que o todo venha a ser maior que a soma das partes e acabam por descobrir que é menor. Sentem-se menos do que eram quando estavam solteiras. Menos capazes, menos aptas, menos desejáveis, menos atraentes, menos alegres, menos realizadas.

Tudo isso porque *são* menos. Abdicaram de quase tudo o que são para estarem - e manterem-se - nessa relação.

O objetivo das relações nunca foi esse. Contudo, é assim que elas são vividas por um número de pessoas muito superior ao que possas imaginar.

Porquê? Porquê?

Porque as pessoas perderam o contacto (se é que alguma vez o *tiveram*) com O propósito das relações.

Quando deixam de se ver como almas sagradas numa jornada sagrada não conseguem perceber qual é o propósito, a razão por detrás de todas as relações.

A alma veio para o corpo, e o corpo para a vida, para se cumprir a evolução. Estás a *evoluir*, a *transformar-te*. E serves-te da tua relação com *todas as coisas* para decidires aquilo em que te vais transformar.

Foi com essa função que vieste ao mundo. É essa a alegria da criação do Eu. Do conhecimento do Eu. De te transformares, conscientemente, naquilo que desejas ser. É o que se entende por autoconsciência.

Trouxeste o teu Eu para o mundo relativo para que possas dispor das ferramentas com as quais irás conhecer e experienciar Quem Tu Realmente És. Quem Tu És é o ser que tu próprio crias em relação a tudo o mais que te rodeia. As tuas relações pessoais são os elementos mais importantes

neste processo. As tuas relações pessoais são, por conseguinte, solo sagrado. Não têm praticamente nada a ver com as outras mas, dado que envolvem outra pessoa, têm tudo a ver com elas.

É a dicotomia divina. O círculo fechado. Por isso não é assim tão radical afirmar: "Abençoados os egocêntricos pois conhecerão a Deus." Talvez não seja um mau objetivo na tua vida conheceres a faceta mais sublime do teu Eu e manteres-te centrado nela.

A tua primeira relação deve ser, portanto, contigo mesmo. Deves primeiro aprender a respeitar, estimar e amar o teu Eu.

Deves primeiro considerar-te digno para poderes considerar digna outra pessoa. Deves primeiro considerar-te abençoado para poderes considerar abençoada outra pessoa. Deves primeiro considerar-te sagrado para poderes descobrir a sacralidade existente noutra pessoa.

Se colocas o carro à frente dos bois - como muitas religiões te dizem para fazeres - e aceitas o outro como sagrado antes de o fazeres a ti mesmo, um dia ressentir-te-ás com isso. Se há coisa que não consegues admitir é que alguém seja *mais sagrado que tu*. No entanto, as vossas religiões obrigam-vos a considerar outros mais sagrados que vós. E fazem-no - por uns tempos. Depois crucificam-nos.

Crucificaram (de uma forma ou outra) todos os Meus Mestres, não apenas Um. E fizeram-no não por eles serem mais sagrados mas porque vocês *assim os levaram a ser*.

Os meus Mestres trouxeram, todos eles, a mesma mensagem: não "Eu sou mais sagrado que tu" mas sim "Tu és tão sagrado como eu." É esta a mensagem que vocês não foram capazes de ouvir; a verdade que não foram capazes de aceitar. E é por isso que nunca conseguem apaixonar-se verdadeiramente, totalmente, uns pelos outros. Nunca se apaixonaram, verdadeiramente, totalmente, por vós mesmos.

E eis o que te digo: concentra-te, agora e sempre, em ti mesmo. Vê com atenção aquilo que *tu* estás a ser, a fazer e a ter a cada instante que passa e não o que está a acontecer com o outro.

Não é na ação do outro mas na forma como tu reages que encontrarás a salvação.

Já percebi, mas de certa forma isso dá a ideia que não devemos importar-nos com o que os outros nos fazem numa relação. Podem fazer tudo o que quiserem que enquanto mantivermos o nosso equilíbrio, permanecermos centrados no nosso Eu, e em todas essas coisas boas, nada nos afetará. Mas os outros *afetam-nos*. As suas ações por vezes magoam-nos mesmo. É quando o ressentimento se instala numa relação que eu não sei o que fazer. É muito bonito dizer "ignora, não lhe dês importância", mas falar é fácil. Eu fico *realmente* magoado com palavras e ações de outras pessoas nas minhas relações.

Há-de chegar o dia em que não ficas. O dia em que descobrires - e entenderes - o verdadeiro significado das relações; a sua verdadeira razão de ser.

É por te teres esquecido disso que reages assim. Mas não tem importância. Faz parte do processo de crescimento. Faz parte da evolução. É o trabalho da alma que tu procuras numa relação mas que exige uma grande compreensão, um enorme esforço de memória. Até te lembrares disso - e te lembrares também, depois, de como usar a relação como ferramenta na criação do Eu -, deves trabalhar ao nível em que te encontras. O nível da compreensão, o nível da boa-vontade, o nível da remembrança.

E por isso há coisas que podes fazer quando reages com desgosto e mágoa àquilo que outra pessoa está a ser, a dizer ou a fazer. A primeira é admitir com sinceridade para contigo mesmo e com a outra pessoa o que estás exatamente a sentir. O que muitos de vocês têm medo de fazer por acharem que, com isso, vão dar uma "má imagem". Algures, bem no vosso íntimo, percebem que se calhar é ridículo estarem "a sentir-se assim". Se

calhar é uma mesquinhice. São “superiores a isso”. Mas não conseguem evitá-lo. Continuam a *sentir-se assim*.

Só há uma coisa a fazer: devem respeitar os vossos sentimentos, pois respeitar os vossos sentimentos significa respeitarem-se a vós mesmos. E devem amar o próximo como a vós mesmos. Como hão-de entender e respeitar os sentimentos de outrem se não conseguem respeitar os sentimentos que se encontram dentro de vós?

A primeira pergunta que se coloca em qualquer processo interativo é: ora bem, Quem Sou Eu, e Quem Quero Eu Ser, em relação a isso?

Muitas vezes não te lembras de Quem Tu És e não sabes Quem Tu Queres Ser enquanto não experimentares algumas maneiras de ser. Razão por que é tão importante respeitares os teus verdadeiros sentimentos.

Se o teu primeiro sentimento é negativo, muitas das vezes basta teres o sentimento para te retraíres. É quando tens a raiva, tens o desgosto, tens a repulsa, tens a fúria, possuis o sentimento de quereres “magoar também”, que podes desfazer-te desses primeiros sentimentos como “não Quem Tu Queres Ser”.

Mestra é aquela que já passou por suficientes experiências dessas para saber antecipadamente quais serão as suas decisões finais. Ela não precisa de “experimentar” nada. Já usou antes essas roupas e sabe que *não lhe ficam bem*; não são o estilo “dela”. E como a vida de um Mestre é dedicada à constante autorrealização de quem se *conhece como é*, tais sentimentos desajustados jamais a afetarão.

É por isso que os Mestres se mantêm imperturbáveis em face daquilo a que os outros chamam calamidade. Um Mestre louva a calamidade pois o Mestre sabe que das sementes da catástrofe (e de todas as experiências) surge o crescimento do Eu. E o segundo propósito da vida do Mestre é crescer sempre. Pois uma vez plenamente realizado o Eu*, nada mais há a fazer senão engrandece-lo*.

É nessa fase que se passa do trabalho da alma ao trabalho de Deus, pois é isso que Eu pretendo!

Partirei do princípio, no caso desta conversa, de que ainda estás empenhado no trabalho da alma. Ainda estás a tentar realizar (tornar "real") Quem Tu Realmente És. A vida (Eu) dar-te-á imensas oportunidades para o criares (lembra-te que a vida não é um processo de descoberta, a vida é um processo de criação).

Podes criar Quem Tu És vezes sem conta. Na realidade é isso que fazes - todos os dias. Todavia, no pé em que as coisas estão, nem sempre reages da mesma maneira. Em face de uma experiência exterior semelhante, num dia poderás decidir mostrar-te paciente, afetuoso e tolerante em relação a ela e no dia seguinte optar por reagir com raiva, azedume e tristeza.

Mestre é aquele que tem sempre a mesma reação - e essa reação é sempre a escolha mais sublime.

Nisso o Mestre é iminentemente previsível. Em contrapartida, o discípulo é totalmente imprevisível. Vê-se logo como é que alguém se está a portar nessa busca da perfeição reparando apenas na forma mais ou menos previsível com que faz a escolha mais sublime ao responder ou reagir a qualquer situação.

Claro que isto nos levanta a questão: qual é a escolha mais sublime?

Pergunta em torno da qual têm girado as filosofias e teologias do homem desde o princípio dos tempos. Se a pergunta realmente te interessa, já estás na busca da perfeição. Pois a verdade é que muita gente ainda continua interessada noutra totalmente diferente. Não a de qual é a escolha mais sublime mas sim a mais lucrativa. Ou, como é que posso perder menos?

Quando a vida é vivida numa perspetiva de controlo de riscos ou otimização dos lucros, o seu verdadeiro benefício sai lograd o. Perde-se a oportunidade. Não se aproveita a *chance*. Pois uma vida vivida dessa

maneira é uma vida assente no medo - e essa vida dá uma ideia errada de ti mesmo.

Porque tu não és medo, tu és amor. Amor que não precisa de proteção, amor que não pode ser perdido. Mas nunca te aperceberás disso na tua experiência se continuares constantemente a responder à segunda pergunta e não à primeira, pois só uma pessoa convencida de que há *algo a ganhar ou a perder* é que faz a segunda. E só uma pessoa que encara a vida de uma forma diferente, que se vê a si mesma como um ser mais sublime, que sabe que o que está em jogo não é ganhar ou perder mas apenas amar ou não conseguir amar - só essa pessoa faz a primeira.

Aquele que faz a segunda pergunta diz: "Eu sou o meu corpo". Aquela que faz a primeira diz: "Eu sou a minha alma".

Sim, sim, deixai que todos os que têm ouvidos oiçam, escutem. Pois Eu vos digo: no momento mais crítico de todas as relações humanas existe apenas uma pergunta:

Que faria o amor agora?

Para a vossa alma, nenhuma outra pergunta é relevante, nenhuma outra pergunta é significativa, nenhuma outra pergunta tem importância.

Chegamos agora a um ponto de interpretação muito delicado, pois este princípio de ação inspirada pelo amor tem sido largamente mal-entendido - e foi esse mal-entendido que levou aos ressentimentos e raivas da vida, e que, por seu turno, fez com que tantos se afastassem do caminho.

Há séculos que vos dizem que as ações inspiradas pelo amor provêm da decisão de ser, fazer e ter tudo aquilo que proporcione a outrem o maior dos bens.

Eu, porém, digo-te o seguinte: a escolha mais sublime é aquela que proporciona o maior dos bens *a ti mesmo*.

Como sucede com todas as profundas verdades espirituais, esta afirmação dá imediatamente azo a uma interpretação errónea. O mistério esclarece-se um bocadinho no momento em que se decide qual é o maior "bem" que se pode fazer a si mesmo. E quando se faz a escolha verdadeiramente mais sublime, o mistério desaparece, o círculo completa-se e o maior dos bens para ti passa a ser o maior dos bens para outrem.

Talvez esta verdade leve umas vidas a ser entendida - e ainda mais vidas a ser adotada -, pois gira em torno de outra ainda maior: o que fizeres por ti mesmo faz pelo próximo. O que fizeres pelo próximo faz por ti mesmo.

Isso porque tu e o próximo são um só. E *isso* porque…

Só existes tu.

Todos os Mestres que percorreram o vosso planeta a pregaram. ("Na verdade, na verdade vos digo que o que fizestes a um dos mais humildes dos meus irmãos fizestes a mim."). Tem permanecido, porém, para a maioria das pessoas, como uma nobre verdade esotérica, de *pouca utilidade prática*. Com efeito, ela é, das verdades "esotéricas" de todos os tempos, a mais aplicável na prática.

É importante recordar esta verdade nas relações pois, sem ela, as relações serão muitos difíceis.

Voltemos às aplicações práticas desta sabedoria e afastemo-nos, por ora, do seu carácter puramente espiritual, esotérico.

Tantas foram as vezes que, sob a influência de velhos preceitos, pessoas - bem-intencionadas e muitas delas muito religiosas - fizeram, nas suas relações, o que achavam ser o melhor para o outro. Infelizmente, o que isso gerou em muitos casos (na *maioria* dos casos) foi o constante abuso por parte desse outro. O constante desprezo. A constante desarmonia na relação.

Por fim, a pessoa que tenta fazer pela outra "o que está certo" - pronta a perdoar, a mostrar compaixão, a ignorar permanentemente certos problemas e atitudes - acaba por sentir-se revoltada, furiosa e desconfiada, até de Deus. Pois como pode um Deus justo exigir tão infindável padecimento, angústia e sacrifício, mesmo em nome do amor?

A resposta é: Deus não faz isso. Deus pede-vos apenas que se *incluam* no grupo dos que vocês amam.

Deus vai mais longe. Deus propõe - *recomenda* - que se coloquem em primeiro lugar.

Faço-o sabendo perfeitamente que alguns chamarão a isto blasfémia, não se tratando por conseguinte de palavras Minhas, e que outros farão o que ainda é pior: *aceitá-las* como Minhas e interpretá-las erradamente ou deturpá-las para melhor servirem os seus próprios interesses; para justificarem atos ímpios.

Pois Eu digo-te - colocares-te em primeiro lugar *no sem tido mais sublime* nunca leva a um ato ímpio.

Se, por conseguinte, deste por ti num ato ímpio em resultado de teres feito o que é melhor para ti, a confusão não está no facto de te teres colocado em primeiro lugar, mas sim na má interpretação daquilo que é melhor para ti.

Claro que determinar o que é melhor para ti exigirá que determines também o que é que estás a tentar fazer. É um passo importante que muita gente ignora. Que "pretendes" tu? Qual é o teu objetivo na vida? Sem respostas a estas perguntas, a questão do que é "melhor" em quaisquer situações que se coloquem continuará por esclarecer.

Em termos práticos - deixando novamente de lado os aspetos esotéricos -, se procurares o que é melhor para ti nessas situações em que és vítima de abuso, o mínimo que podes fazer é pôr cobro ao abuso. E isso

será bom tanto para ti como para o abusador. *Pois até mesmo um abusador é vítima de abuso quando lhe permitem continuar a abusar*.

Isso não faz bem ao abusador, faz-lhe é mal. Pois se o abusador vê que o seu abuso é tolerado, qual foi a lição que aprendeu? Mas se o abusador vir que o seu abuso não será mais tolerado, que lhe foi então permitido descobrir?

Por conseguinte, tratar os outros com amor não significa necessariamente permitir-lhes que façam tudo o que querem.

Os pais cedo aprendem isto com os filhos. Os adultos não o aprendem assim tão rapidamente com outros adultos, nem os países uns com os outros.

Não se pode deixar que os déspotas levem a melhor, mas sim fazê-los acabar com o seu despotismo. O amor por si mesmo, e *o amor pelo déspota*, assim o exige.

É esta a resposta à tua pergunta: "Se só existe amor, como é que o homem justifica a guerra?"

Por vezes o homem tem de ir para a guerra para fazer a mais magnânima das afirmações sobre o homem: aquele que abomina a guerra.

Há alturas em que tens de abdicar de Quem Tu És para seres Quem Tu És.

Houve Mestres que pregaram: não podes ter tudo enquanto não estiveres disposto a *abdicar de tudo*.

Por conseguinte, para te "teres" a ti mesmo como homem de paz talvez tenhas de abdicar da ideia que tens de ti mesmo como homem que nunca vai para a guerra. A História exigiu dos homens decisões dessas.

O mesmo se passa nas relações mais individuais e mais íntimas. A vida pode exigir-te, mais do que uma vez, que proves Quem És revelando uma faceta de Quem Não És.

O que não é difícil de entender para quem já viveu alguns anos, embora, para os idealisticamente jovens, possa parecer a maior das contradições. Numa retrospetiva mais adulta, aproxima-se mais da dicotomia divina.

Não significa que, nas relações humanas, quando nos ofendem devamos "ofender também". (E também não significa que se faça isso nas relações entre países.) Significa apenas que deixar que outra pessoa inflija um sofrimento constante pode não ser a atitude mais amorosa a tomar - para si mesmo e para essa outra pessoa.

O que deitará por terra algumas teses pacifistas, segundo as quais o amor mais sublime não exige nenhuma reação enérgica àquilo que se considera um mal.

Aqui a discussão torna-se de novo esotérica, pois nenhuma análise séria desta afirmação pode ignorar a palavra "mal" e os juízos de valor que ela acarreta. Na verdade, o mal não existe, há apenas fenómenos objetivos e experiências. No entanto, o vosso próprio objetivo na vida exige que façam uma seleção a partir de um leque crescente de fenómenos infindáveis dos quais uns quantos são considerados maus -, pois se não o fizerem não podem considerar-se a vocês mesmos, nem a mais nada, bons - e por isso não podem conhecer, ou criar, o vosso Eu.

É por aquilo a que chamam mau que vocês se definem - e por aquilo a que chamam bom.

O maior mal seria, por conseguinte, afirmar que não existem coisas más.

Existes nesta vida no mundo do relativo, onde uma coisa só pode existir relativamente a outra. O que representa, ao mesmo tempo, a função

e o propósito das relações: fornecer um campo de experiências dentro do qual podes encontrar-te, definir-te e - se assim o decidires - recriares continuamente Quem Tu És.

Decidir ser como Deus não significa decidir ser um mártir. E seguramente não significa que decidas ser uma vítima.

No teu caminho para a perfeição - quando são eliminadas quaisquer possibilidades de mágoa, dano e perda -, convém que reconheças a mágoa, o dano e a perda como parte da tua experiência e definas Quem Tu És em relação a isso.

Sim, as coisas que os outros pensam, dizem ou fazem *irão* por vezes magoar-te - até isso deixar de acontecer. O que mais depressa te levará de um ponto ao outro é a total sinceridade - estares disposto a analisar, admitir e afirmar exatamente o que sentes em relação a algo.

Diz a tua verdade - bondosamente, mas de uma forma plena e total. Vive a tua verdade, tranquilamente, mas de uma forma plena e coerente. Muda a tua verdade, serena e rapidamente, quando a tua experiência te fizer ver as coisas com uma outra clareza.

Ninguém em seu juízo perfeito, muito menos Deus, te dirá, quando estás magoado numa relação, para "te afastares dela, para a ignorares". Se estás *agora a sofrer* é tarde de mais para conseguires ignorá-la. A tua tarefa agora é definir o que isso *significa* - e demonstrá-lo. Pois, ao fazê-lo, decides tornar-te Quem Tu Procuras Ser.

Então *não tenho* de ser a esposa sofredora, o marido humilhado ou a vítima das minhas relações para torna-las sagradas ou para me tornar simpático aos olhos de Deus.

Credo, claro que não.

E *não tenho* de suportar afrontas à minha dignidade, ofensas ao meu orgulho, danos à minha mente e mágoas no peito para poder

afirmar que "dei o meu melhor" numa relação; que "fiz o meu dever", "cumpri a minha obrigação" aos olhos de Deus e dos homens.

Nem pensar.

RELAÇÕES SEM OBRIGAÇÕES

Então peço-Te, meu Deus, que me digas - que promessas devo fazer numa relação, que acordos devo cumprir? Quais as obrigações que uma relação acarreta? Que linhas orientadoras devo procurar?

A resposta é a resposta que não és capaz de ouvir - pois deixa-te sem linhas orientadoras e torna nulo e inválido qualquer acordo no momento em que o fazes. A resposta é: não tens *nenhuma* obrigação. Nem nas relações nem em nada na vida.

Nenhuma obrigação?

Nenhuma obrigação. Nem nenhuma restrição ou limitação, nem nenhuma linha orientadora ou regra. Nem estás vinculado por nenhuma circunstância ou situação, nem restringido por nenhum código ou lei. Nem és punível por nenhuma ofensa, *nem capaz* de as cometer - pois, aos olhos de Deus, não existe nada que seja "ofensivo".

Já ouvi falar disso - desse tipo de religião do "não há regras". Isso é anarquia espiritual. Não entendo como é que pode funcionar.

Não tem como *não poder* - se estás interessado no processo de criação de ti mesmo. Se, por outro lado, te julgas interessado em iniciar a tarefa de tentares ser o que outra pessoa quer que tu sejas, a ausência de regras ou linhas orientadoras poderá efetivamente dificultar as coisas.

Contudo, a mente pensante anseia por perguntar: se Deus quer que eu seja de uma determinada maneira por que é que Ele *não me criou logo assim, dessa maneira*? Para quê toda esta luta para "superar" quem sou

para poder tornar-me aquilo que Deus quer que eu seja? É isso que a mente questionadora exige saber - e com todo o direito, pois é uma pergunta que se impõe.

Os teólogos levaram-vos a acreditar que Eu vos criei inferiores a Mim para que vos fosse dada a oportunidade de mudarem e tornarem-se iguais a Mim, contra todas as dificuldades - e, devo acrescentar, contra *todas as tendências naturais que eu supostamente vos terei dado*.

Entre essas ditas tendências naturais conta-se a tendência para pecar. Ensinam-vos que *nasceram* no pecado, que *morrerão* no pecado e que pecar faz parte da vossa *natureza*.

Uma das vossas religiões até prega que não *podem fazer nada contra isso*. As vossas próprias ações são irrelevantes e insignificativas. É uma arrogância pensar que por alguma ação que cometam possam "ir para o Céu". Existe apenas um caminho para o Céu (salvação), que é através não das vossas próprias ações mas das graças que vos foram concedidas por Deus ao aceitarem o Filho d'Ele como vosso intermediário.

Quando isso for feito estarão "salvos". Até lá, nada que façam - nem a vida que levem, as decisões que tomem, nada do que empreenderem por vontade própria num esforço para se tornarem melhores ou dignos - terá qualquer efeito, trará qualquer resultado. Vocês são *incapazes* de se dignificarem porque são, inerentemente, indignos. Foram *criados* assim.

Porquê? Só Deus sabe. Talvez Ele tenha cometido um erro. Talvez não tenha percebido bem. Talvez Ele gostasse de poder tornar a fazer tudo de novo. Mas já está feito. Que se há-de fazer…

Estás a brincar comigo…

Não. Vocês é que estão a brincar *Comigo*. Afirmam que Eu, Deus, fiz seres inerentemente imperfeitos e depois lhes exigi que fossem perfeitos ou enfrentariam a condenação.

Afirmam que numa dada altura, tinha já o mundo uns milhares de anos, Eu me desleixei dizendo que a partir dali vocês não tinham *necessariamente* de ser bons, bastava sentirem-se maus quando não estavam a ser bons e aceitar como vosso salvador o Único que podia ser *sempre* perfeito, satisfazendo assim a Minha avidez de perfeição. Afirmam que o Meu Filho - o Perfeito - vos salvou da vossa própria imperfeição - a imperfeição que *Eu vos dei*.

Por outras palavras, o Filho de Deus salvou-vos *daquilo que o Pai d'Ele fez*.

É assim que descrevem - muitos de vós - a Minha obra.

Então, *quem é que está a brincar com quem*?

É a segunda vez neste livro que pareces estar a lançar um ataque frontal ao Cristianismo fundamentalista. Estou admirado.

Tu é que escolheste o termo "ataque". Eu estou apenas a abordar o assunto. E o assunto, já agora, não é o "Cristianismo fundamentalista" como lhe chamaste. É toda a natureza de Deus e da relação de Deus com o homem.

A questão vem à baila porque estávamos a falar de obrigações - nas relações e na própria vida.

Não consegues acreditar numa relação livre de obrigações porque não consegues aceitar quem e aquilo que tu realmente és. Chamas "anarquia espiritual" a uma vida de total liberdade. Eu considero-a a grande promessa de Deus.

Só no contexto dessa promessa é que o plano de Deus pode ser executado.

Não tens *nenhuma* obrigação nas relações. Tens apenas oportunidades.

A oportunidade, não a obrigação, é a pedra angular da religião, a base de toda a espiritualidade. Enquanto vires a coisa ao contrário não conseguirás entender.

A relação - a tua relação com todas as coisas - foi criada para ser a tua ferramenta perfeita no trabalho da alma. Por isso é que todas as relações humanas são solo sagrado. Por isso é que todas as relações pessoais são sagradas.

Nisso, muitas igrejas estão corretas. O casamento é um sacramento. Mas não por causa das suas obrigações sagradas. É-lo pela sua incomparável oportunidade.

Numa relação, nunca faças nada por obrigação. O que quer que faças, fá-lo pela gloriosa oportunidade que essa relação te dá para definires, e seres, Quem Tu Realmente És.

Entendo isso - mas, nas minhas relações, está-me sempre a acontecer desistir quando as coisas se complicam. O resultado foi ter tido uma série de relações nas quais me convenci, infantilmente, que seria a única. Parece que não sei como manter uma relação. Achas que algum dia aprenderei? Que tenho de fazer para o conseguir?

Falas como se manter uma relação se tratasse de um êxito. Tenta não confundir longevidade com competência. Lembra-te que a tua função neste mundo não é ver quanto tempo podes manter-te numa relação mas sim definir, e experienciar, Quem Tu Realmente És.

Não é uma justificação para as relações de curta duração - mas também não há nenhum requisito para as duradoiras.

Contudo, não havendo tais requisitos, convém que se diga: as relações duradoiras representam efetivamente ótimas oportunidades para o crescimento *mútuo*, a expressão *mútua* e a realização *mútua* - o que é, só por si, gratificante.

Eu sei, eu sei! Quer dizer, sempre achei que fosse assim. Então como é que eu lá chego?

Primeiro, certifica-te de que entras numa relação pelos motivos certos. (Estou a usar aqui o "certo" como um termo relativo. Ou seja, "certo" em relação ao propósito mais amplo que rege a tua vida.)

Como já antes referi, a maioria das pessoas continua a entrar nas relações pelos motivos "errados" - para acabar com a solidão, preencher um vazio, em busca do amor ou de alguém para amar - e esses são alguns dos melhores motivos.

Outras fazem-no para lisonjearem o seu ego, acabarem com depressões, melhorarem a sua vida sexual, recuperarem de uma relação anterior ou, por incrível que pareça, para se livrarem do tédio.

Nenhum desses motivos resultará e, a menos que pelo caminho algo sofra uma mudança drástica, a relação também não.

Eu não entrei nas minhas relações por nenhum desses motivos.

Isso é discutível. Não me parece que saibas por que é que entraste nelas. Não me parece que tenhas pensado segundo esta perspetiva. Não me parece que tenhas entrado nas tuas relações com um propósito em mente. Acho que entraste nelas porque te "apaixonaste".

Foi exatamente isso.

E não me parece que tenhas analisado cuidadosamente o motivo por que "te apaixonaste". A que estavas tu a reagir? Que necessidade, ou conjunto de necessidades, estavas a satisfazer?

Para a maioria das pessoas, o amor é uma satisfação de uma necessidade.

Toda a gente tem necessidades. Tu necessitas disto, o outro necessita daquilo. Ambos veem no outro uma hipótese de satisfação da necessidade. Por isso acordam - tacitamente - numa troca. Eu dou-te o que tenho se tu me deres o que tens.

É uma transação. Mas não lhe chamam isso. Não dizem "Eu troco-te muito", dizem "Eu amo-te muito" e é aí que começa o desapontamento.

Já explicaste isso.

Sim, e tu já o fizeste - não uma mas várias vezes.

Às vezes parece-me que este livro anda às voltas, a bater no mesmo ponto vezes sem conta.

Mais ou menos como a vida.

Touché.

O que se passa é que estás a fazer as perguntas e Eu limito-Me a responder a elas. Se fizeres a mesma pergunta de três maneiras diferentes, sou obrigado a continuar a responder.

Se calhar estou sempre com a esperança de que dês uma resposta diferente. Tiras muito do romance às relações quando te faço perguntas sobre elas. Que *mal* tem uma pessoa ficar perdidamente apaixonada sem ter de *pensar* nisso?

Nenhum. Apaixona-te dessa maneira por quantas pessoas quiseres. *Mas se é para formares com elas uma relação para toda a vida, talvez seja melhor acrescentares-lhe uma reflexãozinha*.

Por outro lado, se gostas de andar a saltitar de relação em relação - ou, pior ainda, de te manteres numa por achares que "és obrigado" e vives depois uma vida de íntimo desespero - se gostas de repetir esses esquemas do passado, continua a fazer o que sempre fizeste.

Está bem, está bem, já percebi. Caramba, Tu és implacável, não és?

O problema da verdade é esse. A verdade é implacável. Não nos dá tréguas. Está sempre a atacar-nos, de todos os lados, a mostrar-nos a realidade. Pode ser uma maçada.

Está bem. Então eu quero arranjar as ferramentas para uma relação duradoira - e tu dizes que entrar nas relações de forma objetiva é uma delas.

Sim. Certifica-te de que tu e a tua companheira estão de acordo quanto ao objetivo.

Se ambos concordarem, a um nível consciente, que o objetivo da vossa relação é criar uma oportunidade, não uma obrigação - uma oportunidade para o crescimento, para a plena autoexpressão, para elevarem as vossas vidas ao seu mais alto potencial, para sararem qualquer pensamento falso ou ideia menor que possam ter tido sobre vós mesmos, e para o supremo reencontro com Deus através da comunhão das vossas duas almas - se fizerem esses votos em vez dos que costumam fazer - a relação iniciou-se com bons augúrios. Arrancou com o pé direito. É um começo muito bom.

Mesmo assim não há nenhuma garantia de êxito.

Se queres garantias na vida então não queres a própria vida. Queres é ensaios de um guião que já foi escrito.

A vida, pela sua natureza, não *pode* ter garantias, ou sairia frustrado todo o seu propósito.

Está bem. Percebi. Então agora que tenho a minha relação nesse "começo muito bom", que faço para mantê-la?

Capacita-te e entende que haverá obstáculos e tempos difíceis.

Não tentes evitá-los. Acolhe-os. Com gratidão. Encara-os como magníficas dádivas divinas; gloriosas oportunidades para fazeres aquilo que te propuseste fazer na relação - e na *vida*.

Faz um grande esforço para, nessas alturas, não veres o outro como inimigo ou adversário.

Aliás, procura não veres ninguém, nem nada, como o inimigo - nem mesmo o problema. Domina a técnica de encarar todos os problemas como oportunidades. Oportunidades para…

…Já sei, já sei - "seres e definires Quem Tu Realmente És".

Exatamente! Estás a perceber! *Estás* a perceber!

Parece-me uma vida muito chata.

Então estás a ser demasiado modesto nas tuas aspirações. Alarga os teus horizontes. Estende o teu campo de visão. Vê mais em ti do que achas que há para ver. Vê mais na tua companheira, também.

Nunca prejudicarão a vossa relação - nem ninguém - ao verem no outro mais do que ele vos está a mostrar. Porque há mais para ver. Muito mais.

É apenas o medo que os impede de vo-lo mostrarem. Se os outros perceberem que tu os vês como algo mais, sentir-se-ão confiantes para te mostrarem aquilo que tu claramente já estás a ver.

As pessoas tendem a corresponder às expectativas que delas temos.

É mais ou menos isso. Não me agrada, aqui, o termo "expectativas". A expectativa *destrói* as relações. Digamos que as pessoas tendem a ver em si aquilo que vimos nelas. Quanto mais grandiosa for a nossa visão, maior

será a sua prontidão em admitir e revelar a faceta de si próprias que *nós lhes mostrámos*.

Não é assim que funcionam todas as relações verdadeiramente abençoadas? Não faz parte do processo de cura - o processo pelo qual damos às pessoas autorização para se "livrarem" de todo e qualquer pensamento falso que tenham tido sobre si próprias?

Não é o que Eu estou aqui a fazer, neste livro, por *ti*?

É.

E é essa a função de Deus. A função da alma é despertar-te. A função de Deus é despertar *todos os outros*.

Fazemo-lo vendo os outros como Quem Eles São - recordando-lhes Quem Eles São.

Podes fazê-lo de duas maneiras - recordando-lhes Quem Eles São (muito difícil porque eles não acreditam em ti) e recordando Quem Tu És (muito mais fácil porque não precisas da *crença* deles, apenas da tua). Demonstrando-o constantemente, acabas por recordar aos outros Quem Eles São, pois eles ver-se-ão em ti.

Muitos Mestres foram enviados à Terra para demonstrarem a Verdade Eterna. Outros, como João Baptista, foram enviados como mensageiros proclamando a Verdade em termos calorosos, falando de Deus com inconfundível clareza.

Esses mensageiros especiais foram dotados com uma extraordinária capacidade de introvisão e o poder muito especial de ver e aceitar a Verdade Eterna mais a aptidão de explicarem ideias complexas de uma forma que pode ser, e é, entendida pelas massas.

Tu és um desses mensageiros.

Sou?

És. Acreditas?

É uma coisa tão difícil de admitir. Quero dizer, todos nós, queremos ser especiais...

...todos vocês são especiais...

...e é aí que entra o ego - pelo menos comigo é assim - a tentar fazer com que nos sintamos de certa forma "escolhidos" para uma missão gloriosa. Tenho de estar sempre a combater esse ego, a tentar purificar e repurificar todos os meus pensamentos, palavras e atos para me alhear do enaltecimento pessoal. É, portanto, muito difícil ouvir o que estás a dizer porque sei que desafia o meu ego, e passei toda a minha vida a lutar com ele.

Eu sei que passaste.

E nem sempre com bons resultados.

Custa-me imenso ter de admiti-lo.

No entanto, sempre que te dirigiste a Deus, o teu ego ficou de fora. Muitas foram as noites em que, suplicantemente, imploraste por uma visão mais clara, pediste aos céus uma revelação interior, não para te enriqueceres, ou te cobrires de glória, mas pela intensa pureza de uma simples ânsia de *saber*.

Sim.

E prometeste-Me, muitas vezes, que se viesses a saber passarias o resto da tua vida - todos os momentos do teu dia - a partilhar a Verdade Eterna com os outros... não por uma necessidade de fama, mas pelo mais profundo desejo do teu coração de acabar com a dor e o sofrimento do próximo; de trazer alegria e contentamento, de ajudar e tratar; de

restabelecer nos outros o vínculo com o sentido de associação com Deus que tu sempre tiveste.

Sim. Sim.

E por isso escolhi-te para seres Meu mensageiro. Tu e muitos outros. Porque agora, nos tempos que se aproximam, o mundo vai precisar que muitas trombetas façam soar o seu chamamento. O mundo vai precisar de muitas vozes que falem as palavras da verdade e de cura pelas quais tantos milhões anseiam. O mundo vai precisar de muitos corações unidos; no trabalho da alma e preparados para o trabalho de Deus.

Podes afirmar com toda a sinceridade que não estás ciente disso?

Não.

Podes negar com toda a firmeza que foi para isso que vieste ao mundo?

Não.

Estás então pronto, com este livro, a escolher e expressar a tua própria Verdade Eterna e a anunciar e proclamar a glória da Minha?

Tenho de incluir no livro esta última parte?

Não *tens* de fazer nada. Lembra-te, na nossa relação tu não tens obrigações. Apenas oportunidade. Não será esta a oportunidade pela qual esperaste toda a vida? Não te entregaste a esta missão - e aos devidos preparativos - logo *nos primeiros anos da juventude*?

Sim.

Então não faças aquilo a que és obrigado, mas sim o que tens oportunidade de fazer.

Quanto ao incluíres tudo isto no livro, por que não? Julgas que Eu quero que sejas um mensageiro incógnito?

Não, acho que não.

É preciso muita coragem para alguém se anunciar como homem de Deus. Sabes que o mundo te aceitará muito mais facilmente como praticamente quase tudo - mas como homem de Deus?! Um vero *mensageiro*? Todos os meus mensageiros foram enxovalhados. Longe de se cobrirem de glória, tiveram foi uma data de desgostos.

Estás disposto a isso? Custa-te dizer a verdade sobre Mim? Estás pronto a aceitar o escárnio dos outros? Estás preparado para abdicar da glória na Terra pela maior glorificação da alma plenamente realizada?

De repente estás a fazer com que tudo isso pareça muito difícil, Deus.

Queres que te iluda?

Bem, podíamos animar um bocadinho as coisas.

Eh, Eu sou todo pela *animação*! Por que não encerramos este capítulo com uma anedota?

Boa ideia. Tens alguma?

Não, mas tu tens. Conta-Me aquela da menina que está a fazer um desenho…

Ah, sim, essa. Está bem. Bom, uma mãe entra um dia na cozinha e encontra a pequenita à mesa, lápis de cor por todo o lado, profundamente concentrada num desenho livre que está a fazer. "Ena, que estás a desenhar?", perguntou a mãe. "É um retrato de Deus, mamã", respondeu a linda garotinha com um brilho nos olhos. "Isso é muito bonito, minha querida", replicou a mãe, tentando esclarecê-la, "mas olha que ninguém sabe como Deus é."

"Bom", chilreou a garotinha, "se me deixares *acabar*..."

Ora aí está uma bela anedotazinha. Sabes o que é mais bonito? A garotinha nunca duvidou que soubesse exatamente como havia de retratar-Me!

Sim.

Agora vou contar-te Eu uma história e com ela encerramos este capítulo.

Está bem.

Houve em tempos um homem que de repente deu por si a passar várias horas por semana a escrever um livro. Dia após dia lá pegava no bloco e na caneta - às vezes a meio da noite - para apontar uma nova ideia. Finalmente alguém lhe perguntou o que andava a fazer.

"Oh", respondeu ele, "a passar para o papel uma longa conversa que estou a ter com Deus."

"Isso é muito bonito", redarguiu o amigo complacentemente, "mas olha que ninguém sabe realmente ao certo o que Deus diria." - "Bom", replicou o homem com um largo sorriso, "*se me deixarem acabar*."

CAPÍTULO 9

SERES QUEM TU REALMENTE ÉS

Talvez aches isso fácil, essa história do "seres Quem Tu Realmente És", mas é a coisa mais difícil que farás na tua vida. Aliás, se calhar até nem consegues. Poucas são as pessoas que o fazem. Não numa vida. Não em muitas.

Então para quê tentar? Para quê entrar na luta? Qual é a necessidade? Por que não viver apenas a vida como se ela fosse o que aparentemente é - um mero exercício em insignificância que não nos leva a lado nenhum em especial, um jogo que não podemos perder seja qual for a forma como joguemos, um processo que, no fim, conduzirá todos nós ao mesmo resultado? Dizes que não há Inferno, não há castigo, não há hipótese de perder, então para que havemos de nos dar ao trabalho de tentar ganhar? Qual é o incentivo, dado que é assim tão difícil chegarmos ao ponto onde Tu afirmas que estamos a tentar chegar? Por que não encaramos a vida com otimismo e esquecemos toda essa história da santidade e do "seres Quem Tu Realmente És"?

Caramba, *estamos* irritados não estamos?

Pois, estou farto de tentar, tentar, tentar, para depois Tu vires dizer-me que vai ser muito difícil e que afinal só um num milhão consegue lá chegar.

Sim, vejo que estás farto. Deixa-Me ver se consigo ajudar-te. Primeiro gostaria de salientar que tu já encaraste tudo isto "com otimismo". Julgas que é a primeira tentativa que fazes?

Não faço ideia.

Não te parece que já passaste por isto?

Às vezes.

Pois passaste. Muitas vezes.

Quantas?

Muitas vezes.

Isso é para me encorajar?

É para te inspirar.

Como?

Primeiro, tira-te a preocupação. Introduz o elemento de "infalibilidade" de que há pouco falaste. Garante-te que a intenção é não falhares. Que terás *todas as hipóteses que quiseres e precisares*. Podes recomeçar quantas vezes forem necessárias. Se chegares à etapa seguinte, se evoluíres para o nível seguinte, é porque *queres*, não por *seres obrigado*.

Não és *obrigado* a fazer nada! Se gostares da vida nesse nível, se achares que essa experiência é para ti a mais gratificante, podes repeti-la vezes sem conta! Aliás, já a tiveste vezes sem conta - exatamente por esse motivo! *Gostas muito de dramatizar*. *Adoras sofrer*. Adoras o "não saber", o mistério, o *suspense*! Adoras tudo isso! Razão por que estás *aqui*!

Estás a gozar comigo?

Eu ia gozar com uma coisa destas?

Sei lá. Não sei com que é que Deus goza.

Com isto não. Está demasiado próximo da Verdade, demasiado próximo do Supremo Conhecimento. Nunca gozo com "explicações". Já muitas pessoas brincaram com a tua mente sobre isto. Não estou aqui para te confundir. Estou aqui para ajudar-te a ver as coisas com mais clareza.

Então clarifica. Estás a dizer que estou aqui porque *quero*?

Claro que sim.

Fui eu que *decidi* estar?

Sim.

E tomei essa decisão muitas vezes?

Muitas.

Quantas?

Lá estamos nós outra vez. Queres um número exato?

Dá-me só uma estimativa aproximada. Estamos a falar de meia dúzia de vezes ou dezenas?

Centenas.

Centenas? Eu já vivi *centenas de vidas*?

Sim.

E só consegui chegar a este ponto?

O que é uma boa caminhada, por sinal.

Ah, *é*?

Com certeza. Pois se em vidas passadas até mataste pessoas.

Qual é o problema? Tu mesmo disseste que às vezes a guerra é necessária para acabar com o mal.

Vamos ter de esclarecer isso, pois estou a ver que essa afirmação tem sido empregue e mal empregue - tal como tu estás a fazer agora - para tentar justificar todo o tipo de ações, ou racionalizar todo o tipo de loucuras.

Pelos mais altos padrões que observei na humanidade, o ato de matar nunca pode ser justificado como um meio de expressar a raiva, soltar a hostilidade, "corrigir um erro" ou punir um infrator. A afirmação de que a guerra por vezes é necessária para acabar com o mal aplica-se - pois vocês assim o determinaram. Convencionaram, na criação do Eu, que o respeito pela vida humana é, e deve ser, um valor primordial. Agrada-Me a vossa decisão, pois não criei a vida para que ela fosse destruída.

É o respeito pela *vida* que por vezes faz com que a guerra seja necessária, pois é através da guerra contra o mal iminente, é através da defesa contra uma ameaça imediata a *outra* vida, que vocês se afirmam como Quem São em relação a isso.

Têm um direito ao abrigo da mais sublime lei moral - têm, com efeito, uma obrigação segundo essa lei - de impedir a agressão de outrem, ou de vós mesmos.

Isto não significa que matar como castigo, como retaliação, ou como meio de resolver pequenas divergências seja correto.

Caramba, no teu passado, mataste em duelos pelo afeto de uma *mulher* e chamaste a isso *defender a tua honra* quando era precisamente a honra que estavas a *perder*. É um absurdo usar a força mortífera como *solução de uma disputa*. Ainda hoje muitos homens continuam a usar a força - uma força que mata - para resolverem conflitos ridículos.

Atingindo o cúmulo da hipocrisia, alguns até matam *em nome de Deus* - e essa é a maior das blasfémias, pois não representa Quem Vocês São.

Ah, então sempre há alguma coisa errada no ato de matar.

Voltemos atrás. Não há nada de “errado” em coisa nenhuma. “Errado” é um termo relativo, indicando o oposto daquilo que vocês consideram “certo”.

Mas o que é o “certo”? Consegues ser verdadeiramente objetivo nestas questões? Ou serão o “certo” e o “errado” apenas definições aplicadas por vocês a acontecimentos e circunstâncias consoante o que sentem em relação a eles?

E o que é, diz-me lá, que constitui a base da vossa decisão? A vossa própria experiência? Não. Na maioria dos casos, decidiram aceitar a decisão de *outrem*. Alguém que nasceu primeiro e que, presumivelmente, terá mais conhecimentos. Muito poucas das tuas decisões diárias sobre o que está “certo” ou “errado” são feitas por ti, com base no teu conhecimento.

Isto aplica-se sobretudo aos assuntos importantes. Com efeito, quanto mais importante for o assunto, menos provável será dares ouvidos à tua experiência e mais prontamente pareces transformar em tuas as ideias de outrem.

O que explica o facto de teres desistido praticamente por completo de controlar certas áreas da tua vida e certas questões que se levantam dentro da experiência humana.

Essas áreas e questões incluem muitas das vezes os assuntos mais vitais para a tua alma: a natureza de Deus, a natureza da verdadeira moralidade, a questão da suprema realidade, as questões de vida e morte relacionados com a guerra, a medicina, o aborto, a eutanásia, toda a soma e substância dos valores pessoais, estruturas, juízos. São questões que a maioria dos homens relegou, delegando noutros. Não querem tomar as vossas próprias decisões sobre elas.

“Alguém que decida! Eu alinho, eu alinho!”, gritam. “Alguém que me diga o que está certo e errado!”

É por isso, já agora, que as religiões são tão populares. Quase não interessa o sistema de crença desde que seja firme, sólido, claro naquilo que espera dos seus seguidores, e rígido. Dadas tais características, encontramos pessoas que acreditam em quase tudo. O mais estranho comportamento e crença pode ser - foi - atribuído a Deus. É a vontade de Deus, afirmam. A palavra de Deus.

E há os que acreditam nisso. Felizmente. Porque, como deves calcular, isso elimina a necessidade de pensar.

Agora, reflitamos sobre o ato de matar. Haverá alguma razão justificável para se matar alguma coisa? Pensa nisso. Verás que não precisas de nenhuma autoridade de fora para te orientar, nenhuma fonte mais alta para te dar as respostas. Se pensares nisso, se analisares o que sentes a respeito disso, as respostas ser-te-ão óbvias e agirás de acordo com elas. É o que se chama agir por orientação própria. É quando ages por orientação de outrem que te metes em sarilhos. Devem os estados e nações usar o genocídio para atingirem os seus objetivos políticos? Devem as religiões fazê-lo para imporem os seus imperativos teológicos? Devem as sociedades servir-se disso como resposta aos que infringem as leis do comportamento?

Matar será um remédio político adequado, um persuasor espiritual ou um solucionador de problemas sociais?

Agora, matar é algo que possas fazer se alguém te quiser matar a *ti*? Servir-te-ias da tua força mortífera para defenderes a vida de um ente querido? De alguém que nem sequer conheces?

Será a melhor arma de *defesa* contra os que estão dispostos a matar se não houver outra forma de os deter?

Há alguma diferença entre matar e assassinar?

O Estado faz-te crer que matar para cumprir uma agenda meramente política é perfeitamente justificável. Aliás, o Estado *precisa* que acredites na palavra dele para existir como entidade de poder.

As religiões fazem-te crer que matar para divulgar e manter o conhecimento e adesão à sua verdade é perfeitamente justificável. Aliás, as religiões *exigem* que acredites na palavra delas para existirem como entidade de poder.

A sociedade faz-te crer que matar para punir os que cometem certos crimes (que se alteraram ao longo dos anos) é perfeitamente justificável. Aliás, a sociedade tem de fazer-te acreditar na palavra dela para existir como entidade de poder.

Achas que estas posições estão corretas? Acreditaste na palavra de outrem? Que tem o teu Eu a dizer?

Não há "certo" ou "errado" nestas questões.

Mas, através das tuas decisões, pintas um retrato de Quem Tu És.

Com efeito, através das suas decisões os vossos estados e nações já pintaram tais quadros. Através das suas decisões, as vossas religiões criaram imagens duradoiras, indeléveis. Através das suas decisões, as vossas sociedades também produziram os seus autorretratos. Estás satisfeito com esses quadros? São essas as imagens que desejas criar? Esses retratos representam Quem Tu És? Sê cuidadoso com estas questões. Elas poderão exigir-te que penses.

Pensar dá trabalho. Fazer juízos de valor é difícil. Coloca-te na criação pura, pois haverá muitas vezes em que terás de dizer "*Não sei. Não sei mesmo*." Contudo, mesmo assim, terás de decidir. E terás de *optar*. Terás de fazer uma opção arbitrária.

Tal opção - uma decisão que não provém de *nenhum conhecimento prévio* - chama-se *criação pura*. E o indivíduo tem conhecimento, perfeito

conhecimento, de que é na tomada de tais decisões que se está a criar o *Eu*.

A maioria de vós não está interessada em tão importante tarefa. A maioria prefere deixar isso ao cuidado de outros. E por isso não são seres autocriados mas sim criaturas afeitas - seres criados por outrem.

Depois, quando os outros vos dizem como devem sentir-se e isso contradiz diretamente a forma como se sentem, experienciam um profundo conflito interior. Algo no vosso íntimo vos diz que o que os outros vos disseram *não é Quem Vocês São*. Agora, qual é a solução para isso? Que fazer?

A primeira coisa que fazem é ir ter com os vossos teólogos - as pessoas que, afinal, vos colocaram nessa situação. Dirigem-se aos vossos sacerdotes e rabinos, pastores e mestres, e eles dizem-vos para *deixarem de dar ouvidos* a vós mesmos. Os piores tentarão mesmo convencer-vos a fazê-lo através do *medo*; amedrontam-vos para que vocês ignorem aquilo que intuitivamente *sabem*.

Falar-vos-ão do Diabo, de Satanás, de demónios e espíritos malignos, do Inferno e da condenação, e de todas as coisas assustadoras de que se lembrem para vos levarem a perceber o quanto estava *errado* aquilo que vocês intuitivamente sabiam e sentiam e que o único local onde encontrarão algum conforto é no pensamento *deles*, no ideal *deles*, na teologia *deles*, nas definições *deles* de certo e errado e na conceção *deles* de Quem Vocês São.

A sedução, neste caso, é tal que para obterem a aprovação imediata basta *concordarem*. Concordem e serão imediatamente aprovados. Alguns chegarão mesmo a cantar em altos berros, dançando e agitando os braços em aleluia!

É difícil resistir. A tal aprovação, tal júbilo por vocês terem visto a luz; por terem sido *salvos*!

Tais manifestações raramente caracterizam as escolhas interiores. Raramente se festejam as decisões de seguir a verdade pessoal. Muito pelo contrário, aliás. Os outros não só serão incapazes de festejá-las como poderão mesmo ridicularizar-vos. O quê? Estás a pensar por ti mesmo? Estás a decidir sozinho? Estás a aplicar as tuas próprias bitolas, os teus *próprios juízos, os teus próprios valores? Mas quem é que tu pensas que és*?

E essa é, de facto, precisamente a pergunta a que tu estás a responder.

Mas a tarefa deve ser feita em grande isolamento. Praticamente sem recompensas, sem aprovações, talvez sem ninguém dar por isso.

E fazes-me então uma pergunta muito acertada: para quê continuar? Para quê enveredar sequer por tal caminho? Que há a ganhar em seguir essa via? Onde está o incentivo? Qual é a razão?

A razão é ridiculamente simples:

NÃO HÁ MAIS NADA PARA FAZER.

Que queres dizer com isso?

Que é a única solução. Não há mais nada para fazer. De facto não há mais nada que tu possas fazer. Vais fazer o que estás a fazer durante o resto da tua vida - tal como o tens vindo a fazer desde que nasceste. A única questão é saber se o farás de forma consciente ou inconsciente.

É que não podes desembarcar da viagem, percebes? Embarcaste nela antes de nasceres. O nascimento é apenas um sinal de que a viagem se iniciou.

Portanto a pergunta não é: para quê enveredar por tal caminho? Já enveredaste. Fizeste-o com o primeiro batimento do teu coração. A pergunta é: Desejo trilhar este caminho de forma consciente ou inconsciente? Com consciência disso ou sem ela? Como causa da minha experiência ou por efeito dela?

Durante a maior parte da tua vida vives pelo efeito das tuas experiências. Agora convidam-te a tornares-te a causa delas. É o que se chama vivência consciente. É o que se chama *caminhar em consciência*.

Ora, como já referi, muitos de vocês fizeram já uma boa caminhada. Não foram pequenos os vossos progressos. Portanto, não deves achar que depois de todas essas vidas "só" chegaste a este ponto. Alguns de vocês são criaturas extremamente evoluídas, com uma noção muito sólida de si mesmas. Sabem Quem São e sabem o que querem vir a ser. Mais, até sabem como irão consegui-lo.

É bom sinal. Uma firme indicação.

De quê?

Do facto de agora lhes restarem muito poucas vidas.

Isso é bom?

Claro que é - para ti. E é-lo porque tu assim o dizes. Ainda não há muito tempo, o que querias era ficar aqui. Agora só queres partir. É muito bom sinal.

Não há muito tempo mataste coisas - insetos, plantas, árvores, animais, pessoas -, agora não consegues matar seja o que for sem saberes exatamente o que estás a fazer e porquê. É muito bom sinal.

Não há muito tempo vivias a tua vida como se ela não tivesse nenhum objetivo. Agora sabes que não tem nenhum objetivo para além daquele que tu lhe dás. Isso é muito bom sinal.

Não há muito tempo imploraste ao universo que te trouxesse a Verdade. Agora proclamas ao universo a tua verdade. E isso é muito bom sinal.

Não há muito tempo procuraste ser rico e famoso. Agora procuras ser simplesmente, e maravilhosamente, *tu mesmo*.

E não há muito tempo *receavas-Me*. Agora amas-Me, o suficiente para Me considerares teu igual.

Todas essas coisas são sinais muito, *muito bons*.

Céus!... Fazes-me sentir bem.

E *deves* sentir-te bem. Quem emprega a palavra "Céus" numa frase não pode ser assim tão mau.

Tens mesmo sentido de humor, não tens?

Eu *inventei* o humor!

Sim, já me explicaste isso. Muito bem, portanto a razão para se continuar é que não há mais nada para fazer. É o que se passa comigo.

Precisamente.

Então deixa-me perguntar-Te: será que as coisas ao menos se tornam mais fáceis?

Oh, meu querido amigo - nem imaginas como são mais fáceis para ti agora do que há três vidas.

Sim, sim - tornam-se mais fáceis. Quanto mais recordares, quanto mais fores capaz de experienciar, quanto mais souberes, por assim dizer. E quanto mais souberes mais recordarás.

É um círculo. Por isso torna-se mais fácil, torna-se melhor, até se torna mais alegre.

Mas lembra-te que nada disso foi propriamente um frete. Ou seja, tu adoraste tudo isso! Todos os minutinhos! Ah, é uma delícia isto a que chamamos vida! Uma experiência formidável, não é?

Bom, acho que sim.

Achas? Como podia Eu tê-la feito ainda mais formidável? Não te permite experienciar tudo? As lágrimas, a alegria, a dor, o contentamento, a exaltação, o profundo abatimento, o ganhar, o perder, o empate? Que mais haverá?

Talvez um nadinha menos de sofrimento.

Menos sofrimento sem mais sabedoria gora o teu objetivo; não te permite experienciar a infinita alegria - ou seja, o Que Eu Sou.

Sê paciente. *Estás* a ganhar sabedoria. E as tuas alegrias são-te agora cada vez mais facultadas sem sofrimento. Isso é, também, muito bom sinal.

Estás a aprender (recordar) a amar sem sofrimento, a desligar-te sem sofrimento, a criar sem sofrimento, até mesmo a chorar sem sofrimento. Sim, *até és capaz de passar pelas tuas dores sem sofrimento*, se é que me faço entender.

Acho que sim. Até estou a apreciar mais os dramas da minha vida. Consigo desligar-me e vê-los como eles são. Até me rio.

Exatamente. E não chamas a isso crescimento?

Acho que sim.

Nesse caso continua a crescer, Meu filho. Continua a transformar-te. E continua a decidir o que queres vir a ser na próxima versão mais sublime do teu Eu. Continua a esforçar-te por isso. Continua! Continua! É o Trabalho de Deus que temos de fazer, tu e Eu. Por isso, continua!

CAPÍTULO 10

CONFISSÃO

Amo-Te, sabes?

Eu sei que amas. E Eu a ti.

CAPÍTULO 11

OS TRÊS CENTROS DA CRIAÇÃO

Gostava de voltar à minha lista de perguntas. Há tantos pormenores em que gostaria de entrar em cada uma delas! Podíamos escrever um livro só sobre as relações humanas, eu sei, mas assim nunca mais chego às outras questões.

Haverá outras alturas, outros lugares. Até mesmo outros livros. Mas concordo contigo, passemos adiante. Voltaremos a este assunto se houver tempo.

Está bem. Vamos então à minha próxima pergunta: Por que é que, pelos vistos, nunca consigo arranjar dinheiro suficiente na minha vida? Estou destinado a andar sempre a Contar os tostões e a fazer contas? Que está a impedir-me de realizar, neste campo, todo o meu potencial?

Situação que se manifesta não apenas em ti mas num grande número de pessoas.

Toda a gente me diz que é um problema de autovalorização, de falta de autovalorização. Já ouvi dizer, a uma dezena de mestres do New Age, que a falta de qualquer coisa se deve sempre à falta de autovalorização.

Ora aí está uma simplificação muito conveniente. Neste caso os teus mestres estão enganados. Não sofres de falta de autovalorização. Na verdade, o maior problema na tua vida tem sido dominar o teu ego. Já houve quem dissesse que se tratava de um caso de excessiva autovalorização.

Pronto, lá estou eu outra vez envergonhado e desgostoso, mas tens razão.

Dizes sempre que estás envergonhado e desgostoso de cada vez que Eu me limito a dizer a verdade sobre ti mesmo. *A vergonha é a reação de uma pessoa que ainda se preocupa com a forma como os outros a veem*. Esforça-te por superar isso. Experimenta uma nova reação. Experimenta o riso.

Está bem.

O teu problema não é a autovalorização. Nisso foste fartamente abençoado. Como a maioria das pessoas. Todos se têm em grande conta, como convém. Por isso, para a maioria das pessoas, o problema não é a autovalorização.

Então o que é?

O problema é o não entendimento das leis da abundância, ao qual normalmente se associa um juízo errado e generalizado sobre o que é "bom" e o que é "mau".

Deixa-Me dar-te um exemplo.

Faz favor.

Vocês generalizaram a ideia de que o dinheiro é mau. Generalizaram também a de que Deus é bom. Benditos sejam! Por conseguinte, no vosso processo mental, Deus e dinheiro não se misturam.

Bom, acho que, de certa forma, é verdade. É o que eu penso.

O que torna as coisas interessantes, pois nesse caso é-vos difícil receber dinheiro por algo que seja bom.

Quer dizer, se uma coisa é considerada muito "boa", vocês desvalorizam-na em termos de dinheiro. Portanto, quanto "melhor" for a coisa (isto é, quanto mais valiosa) menos *dinheiro* vale.

Não és o único. Toda a vossa sociedade acredita nisso. Razão pela qual os vossos professores ganham uma miséria e as vossas *stripteasers* uma fortuna. Os vossos governantes ganham tão pouco, comparados com os vultos do desporto, que acham que têm de roubar para compensarem a diferença. Os vossos padres e rabinos vivem de pão e água enquanto vocês atiram moedas a artistas.

Pensa nisso. Tudo aquilo a que atribuis um alto valor *intrínseco* deve, na tua opinião, sair barato.

O isolado cientista que tenta descobrir uma cura para a Sida implora que o financiem, enquanto a mulher que escreve um livro sobre as cem novas maneiras de fazer amor, com cassetes e seminários ao fim-de-semana para o divulgar… ganha uma fortuna.

Isso de ver-o-filme-ao-contrário é uma tendência vossa e provém de um pensamento errado.

O pensamento errado é a ideia que fazem do dinheiro. Adoram-no e no entanto afirmam que é a raiz de todo o mal. Adoram-no e no entanto chamam-lhe "dinheiro sujo". Dizem que uma pessoa é "podre de rica". E se uma pessoa enriquece fazendo coisas "boas" vocês passam logo a desconfiar dela. Consideram isso "errado".

Portanto, o melhor é um médico não ganhar demasiado dinheiro ou então aprender a ser discreto nesse aspeto. E um *pastor* - esse então! O melhor é ela não ganhar mesmo muito dinheiro (partindo do princípio de que deixam que uma "ela" *ocupe* esse cargo) ou haverá problemas na certa.

Como vês, *na vossa mente, uma pessoa que opte pela vocação mais nobre deve ser a mais mal paga*…

Hummm.

Sim, esse "hummm" está certo. *Deves mesmo* pensar nisso. Por se tratar de um pensamento tão errado.

Julgava que isso do errado ou certo era coisa que não existia.

Não existe. Existe apenas aquilo que vos convém e o que não convém. Os termos "certo" e "errado" são termos relativos e é dessa forma que Eu os emprego, quando tenho de fazê-lo. Neste caso, em relação àquilo que vos convém - em relação àquilo que *dizem que querem* - os vossos pensamentos sobre o dinheiro estão errados.

Lembra-te que os pensamentos são criativos. Por isso, se, pensarem que o dinheiro é mau mas se pensarem que vocês são bons… pronto, aí tens o conflito.

Agora tu, em particular. Meu filho, emprega ambiciosamente essa tua consciencialização. Para a maioria das pessoas o conflito não é, nem de longe, tão terrível como para ti. Muitas delas fazem aquilo que detestam para ganhar a vida, portanto não se importam de levar dinheiro por isso. "Mal" por "mal", por assim dizer. Mas tu adoras o que fazes com os dias e horas da tua vida. Adoras as atividades com que os preenches.

Por conseguinte, para ti, receber grandes somas de dinheiro por aquilo que fazes seria, no vosso processo mental, ter o "mal" pelo "bem", o que é para ti inaceitável. Preferias passar fome a receber "dinheiro sujou" por um serviço puro… como se de certa forma o serviço perdesse a sua pureza por te pagarem por ele.

Temos, portanto, aqui uma verdadeira ambivalência em relação ao dinheiro. Uma parte de ti mesmo rejeita-o e outra ressente-se por não o teres. Ora o universo não sabe o que fazer quanto a isso porque o universo recebeu, de ti, dois pensamentos diferentes. Por isso, a tua vida em relação ao dinheiro vai desenrolar-se em "pára e arranca" porque continuas nesse impasse quanto ao dinheiro.

Não tens uma imagem bem focada; não estás realmente certo daquilo que é verdadeiro para ti. E o universo é apenas uma enorme fotocopiadora. Limita-se a produzir múltiplas cópias dos teus pensamentos.

Existe apenas uma maneira de alterar tudo isso. Tens de mudar o teu *pensamento*.

Como posso mudar a forma como penso? A forma como penso acerca de algo é a forma como penso acerca de algo. Os meus pensamentos, as minhas atitudes, as minhas ideias não se criaram num minuto. Sou levado a concluir que são resultado de anos de experiência, toda uma vida de encontros. Tens razão quanto à minha maneira de pensar sobre o dinheiro, mas como poderei alterá-la?

Esta talvez seja a pergunta mais interessante do livro. O habitual método de criação para a maioria dos seres humanos é um processo de três fases que envolve o pensamento, a palavra e o ato, ou ação.

Primeiro vem o pensamento, a ideia formativa, o conceito inicial. Depois vem a palavra. A maioria dos pensamentos acaba por expressar-se em palavras que são muitas das vezes escritas ou proferidas. Isso dá uma energia acrescida ao pensamento, empurrando-o para o mundo onde outros poderão reparar nele.

Finalmente, nalguns casos, as palavras são postas em ação e tens aquilo a que se chama um resultado, uma manifestação no mundo físico de tudo aquilo que começou com um pensamento.

Tudo o que te rodeia no teu mundo feito pelo homem surgiu dessa forma - ou de alguma variante. Foram utilizados os três centros da criação.

Mas agora surge a pergunta: como alterar um Pensamento Orientador?

Sim, é uma pergunta muito boa. E muito importante. Pois se os seres humanos não alterarem alguns dos seus Pensamentos Orientadores, a humanidade pode condenar-se a si mesma à extinção.

A maneira mais rápida de mudar um pensamento de raiz, ou ideia orientadora, é *inverter o processo pensamento-palavra-ato*.

Explica-me lá isso.

Faz com que o ato que desejas expresse o teu novo pensamento. Depois diz as palavras que queres que exprimam o teu novo pensamento. Se o fizeres com a devida frequência treinarás a tua mente para *pensar de uma nova maneira*.

Treinar a mente? Isso não é o mesmo que controlá-la? Não se trata de manipulação mental?

Fazes alguma ideia de como a tua mente foi buscar os pensamentos que ela tem agora? Não sabes que o teu mundo manipulou a tua mente para ela pensar da forma que tu pensas? *Não seria melhor para ti seres tu, e não o mundo, a manipulá-la*?

Não seria melhor começares a ter os pensamentos que tu queres em vez dos que os outros querem? Não estás melhor armado com pensamentos criativos do que com pensamentos reativos?

Contudo, a tua mente está repleta de pensamentos reativos - pensamentos resultantes da experiência de outrem. Poucos são, dos teus pensamentos, os que provêm de dados autoproduzidos, e muito menos ainda os de preferências autoproduzidas.

O teu próprio pensamento de raiz sobre o dinheiro é um belo exemplo. O teu pensamento sobre o dinheiro (é mau) contradiz totalmente a tua experiência (é ótimo ter dinheiro!). Por isso, tens de andar às voltas e mentir a ti mesmo sobre a tua experiência para justificares o teu pensamento de raiz.

Estás tão *enraizado* nesse pensamento que nunca te ocorre que o teu conceito de dinheiro possa estar *incorreto*.

Por isso, agora o que temos de fazer é arranjar alguns dados autoproduzidos. E *isso* é que muda o pensamento de raiz, fazendo dele o *teu* pensamento de raiz e não o de outrem.

Já agora, tens mais um pensamento de raiz sobre o dinheiro a que devo fazer referência.

Qual é?

Que não é suficiente. Aliás, tens esse pensamento de raiz acerca de quase tudo. Não há dinheiro suficiente, não há tempo suficiente, não há amor suficiente, não há comida, água, compaixão suficiente neste mundo… Tudo o que for bom *não é suficiente*.

Essa consciencialização da "não suficiência" cria e recria o mundo tal como o vês.

Está bem, então tenho dois pensamentos de raiz - Pensamentos Orientadores - para alterar em relação ao dinheiro.

Ah, no mínimo dois. Provavelmente muitos mais. Vejamos… o dinheiro é mau… o dinheiro é pouco… não se deve receber dinheiro por se fazer o trabalho de Deus (esse, no teu caso, é um dos grandes)… o dinheiro nunca é de facto dado livremente… o dinheiro não cresce nas árvores (quando, na verdade, cresce)… o dinheiro corrompe…

Já vi que tenho muito trabalho pela frente.

Pois tens, se não estás satisfeito com a tua atual situação financeira. Por outro lado, é importante que entendas que estás insatisfeito com a tua atual situação financeira porque estás insatisfeito com a tua atual situação financeira.

Por vezes é difícil seguir o Teu raciocínio.

Por vezes é difícil fazer-te segui-lo.

Escuta, aqui o Deus és Tu. Por que não tornas as coisas fáceis de entender?

Já as *tornei* fáceis de entender.

Então por que é que não *fazes com que eu* entenda, se é isso realmente o que Tu queres?

Eu quero realmente aquilo que tu queres realmente - nada de diferente e nada mais. Não vês que é essa a Minha maior dádiva para ti? Se eu quisesse para ti algo diferente daquilo que tu queres para ti mesmo e depois fosse ao ponto de fazer com que tu a tivesses, onde é que estava o teu livre-arbítrio? Como é que podes ser um ser criativo se eu te ditar o que deves ser, fazer e ter? *A minha alegria está na tua liberdade, não na tua obediência*.

Está bem. Que quiseste dizer com isso de eu estar insatisfeito com a minha situação financeira porque estou insatisfeito com a minha situação financeira?

Tu és aquilo que pensas que és. É um círculo vicioso quando o pensamento é um pensamento negativo. Tens de descobrir uma maneira de abrir o círculo.

Muita da tua experiência atual baseia-se nos teus pensamentos anteriores. O pensamento conduz à experiência, que conduz ao pensamento, que conduz à experiência. Isto pode dar origem a uma alegria constante quando o Pensamento Orientador é alegre. Pode dar origem, e dá, a um constante Inferno quando o Pensamento Orientador é infernal.

O truque está em mudar o Pensamento Orientador. Ia mostrar-te como é que isso se faz.

MUDAR O PENSAMENTO ORIENTADOR

Faz favor.

Obrigado.

A primeira coisa a fazer é inverter o paradigma pensamento-palavra-ato. Lembras-te do velho adágio “Pensa antes de agires”?

Sim.

Pois bem, esquece-o. Se queres mudar um pensamento de raiz tens de *agir antes de pensares*.

Exemplo: vais a descer a rua e encontras uma velhota a pedir esmola. Percebes logo que é uma sem-abrigo e que vive da caridade. Sabes, de imediato, que por pouco dinheiro que tenhas tens certamente o suficiente para partilhar com ela. O teu primeiro impulso é dar-lhe umas moedas. Uma parte de ti mesmo até está disposta a meter a mão no bolso para tirar uma notazinha - uma de um ou mesmo de cinco dólares.

Que se lixe, mostra-te generoso para com ela. Dá-lhe uma alegriazinha. Depois entra o pensamento. O quê, estás maluco? Só temos sete dólares para nos aguentarmos todo o dia! Queres dar-lhe cinco? Começas portanto a hesitar por causa disso.

Outro pensamento: Eh, lá, que é isso? Não estás assim tão abonado que possas *desbaratar a massa*! Vá lá, dá-lhe umas moedas e põe-te a andar.

Rapidamente, enfias a mão no outro bolso à procura de moedas. Os teus dedos só tateiam moedas pequeninas. Ficas envergonhado. Um homem bem vestido, bem alimentado, e só vais dar umas moeditas a essa pobre mulher que não tem nada.

Bem tentas lá encontrar uma ou duas de vinte e cinco cêntimos. Ah, lá está uma mesmo no fundo do bolso. Mas nessa altura já passaste por ela com um sorriso contristado e é tarde demais para voltar atrás. Ela não ganha nada. E tu também não. Em vez da alegria de te saberes rico e generoso, sentes-te agora tão pobre como a mulher.

Por que é que não lhe deste a nota?! Foi esse o teu primeiro impulso, mas o pensamento veio interferir.

Da próxima vez, opta por agir antes de pensar. Dá o dinheiro. Coragem! Tem-lo e há mais no sítio de onde ele veio. É esse o único pensamento que te separa da pedinte. Sabes que há mais no sítio de onde esse veio e ela não sabe.

Quando quiseres mudar um pensamento de raiz, age de acordo com a nova ideia que tiveres. Mas deves agir com rapidez, senão a tua mente matará a ideia sem que te apercebas disso. Literalmente. A ideia, a nova verdade, estará morta dentro de ti *antes de teres hipótese de a conheceres*.

Por isso age rapidamente quando a oportunidade surgir e se o fizeres com frequência a tua mente em breve *captará a ideia*. Será o teu novo pensamento.

Ali, lembrei-me agora de uma coisa! É a isso que se chama Movimento do Novo Pensamento?

Se não é devia ser. O novo pensamento é a tua única hipótese. É a única verdadeira oportunidade de evoluíres, de cresceres, de te tornares verdadeiramente Quem Tu Realmente És.

Neste momento a tua mente está repleta de velhos pensamentos. Não apenas velhos pensamentos mas sobretudo velhos pensamentos de outrem. É importante agora, é agora a altura de *mudares de ideias* sobre algumas coisas.

A evolução é isso mesmo.

CAPÍTULO 12

SER E FAZER

Por que não posso fazer na vida aquilo que realmente quero e mesmo assim sobreviver financeiramente?

O quê? Estás a dizer que queres *divertir-te* na vida e ainda ganhar umas coroas? Estás a sonhar, mano!

Quê...?

Estava só a brincar - só a fazer uma leiturazinha da mente, mais nada. É que, sabes, tem sido esse o teu pensamento acerca disso.

Tem sido a minha experiência.

Sim. Bom, já falámos disso tudo uma data de vezes. As pessoas que ganham a vida a fazer aquilo de que mais gostam são as que insistem em fazê-lo. Não desistem. Nunca cedem. A vida que se livre de *não* deixá-las fazer aquilo de que mais gostam.

Mas há outro elemento que deve ser referido, pois é esse elemento que falta no entendimento de muitas pessoas quando se trata do trabalho.

Qual é?

Há uma diferença entre ser e fazer, e a maioria das pessoas deu maior importância ao fazer.

E não deviam?

Aqui não há "deviam" nem "não deviam". Só há aquilo que tu escolhes e a forma como podes obtê-lo. Se escolhes paz, alegria e amor, não obterás grande coisa através daquilo que estás a fazer. Se escolhes felicidade e contentamento, pouco encontrarás disso no trilho do fazer. Se escolhes o

reencontro com Deus, com o supremo saber, o profundo entendimento, a infindável compaixão, a total consciência, a absoluta autorrealização, não alcançarás muito disso no que estás a fazer.

Por outras palavras, se optas pela *evolução* - a evolução da tua alma - não a produzirás através das atividades mundanas do teu corpo.

Fazer é uma função do corpo. *Ser* é uma função da alma. O corpo está sempre a *fazer qualquer coisa*. A cada minuto de todos os dias, está sempre metido *nalguma coisa*. Nunca pára, nunca descansa, está constantemente a *fazer* algo.

Fá-lo quer seja por ordem da alma - ou à sua revelia. A qualidade da tua vida assenta nesse equilíbrio.

A alma está eternamente a *ser*. Está a ser o que é, independentemente daquilo que o corpo faz, não *por causa* do que ele está a fazer.

Se julgas que a tua vida assenta no fazer, então não sabes o que és.

A tua alma não se preocupa com *aquilo* que tu fazes para ganhar a vida - e quando a tua vida acabar tu também não te preocuparás. A tua alma só se preocupa com aquilo que estás a ser enquanto fazes *o que quer que seja* que estás a fazer.

É por um estado de ser que a alma anseia, não por um estado de fazer.

O que é que a alma tenta ser?

Eu.

Tu.

Sim, Eu. A tua alma é Eu e sabe-o. O que ela faz é tentar experienciar isso. E o que recorda é que a melhor maneira de ter essa experiência é *não fazendo nada*. Não há nada a fazer senão ser.

Ser o quê?

Tudo o que quiseres ser. Feliz. Triste. Fraco. Forte. Alegre. Vingativo. Contemplativo. Cego. Bom. Mau. Homem. Mulher. A escolha é tua. E digo-o literalmente. *A escolha é tua*.

Isso é tudo muito profundo, mas o que é que tem a ver com a minha carreira? Estou a ver se arranjo uma maneira de me manter vivo, de sobreviver, de me sustentar a mim e à minha família fazendo aquilo que gosto de fazer.

Tenta ser aquilo que gostas de ser.

Que queres dizer com isso?

Certas pessoas ganham muito dinheiro a fazer o que fazem, outras não conseguem passar da cepa torta - *fazendo a mesma coisa*. A que se deve a diferença?

Certas pessoas são mais capazes que outras.

Essa é a primeira seleção. Mas agora passemos à segunda. Estamos reduzidos a duas pessoas com capacidades praticamente iguais. Ambas tiraram um curso superior, ambas foram as primeiras da turma, ambas conhecem a natureza do seu trabalho, ambas sabem utilizar as ferramentas com toda a facilidade - no entanto uma safa-se melhor que a outra, uma prospera enquanto a outra continua a esforçar-se. A que se deve isso?

Localização.

Localização?

Alguém me disse um dia que havia apenas três coisas a considerar ao abrir uma loja nova - localização, localização e localização.

Por outras palavras, não "O que vais fazer?" mas "Onde é que vais estar?"

Exatamente.

Também pode ser a resposta à minha pergunta. A alma só está interessada em saber onde é que tu vais estar.

Vais estar num sítio chamado medo ou num sítio chamado amor? Onde *estás* tu - e *de onde vens* - ao encontrares-te com a vida?

Ora, no exemplo dos dois trabalhadores igualmente qualificados, um é bem-sucedido e o outro não é não por algo que um deles esteja a fazer, mas pelo que ambos estão a ser.

Uma pessoa está a ser aberta, simpática, interessada, prestável, atenciosa, bem-disposta, confiante, até alegre, no seu trabalho enquanto a outra está a ser fechada, distante, desinteressada, indelicada, rabugenta, até mesmo carrancuda, com o que está a fazer. Agora supõe que tinhas de selecionar estados de ser ainda mais sublimes? Supõe que tinhas de selecionar bondade, misericórdia, piedade, compreensão, perdão, amor? E se tivesses de selecionar estados divinos? Qual seria, nesse caso, a tua experiência?

Pois Eu te digo:

A *existência* atrai existência e produz experiência.

Não estás neste planeta para produzires nada com o teu corpo. Estás neste planeta para produzires algo com a tua alma. O teu corpo é apenas e somente o instrumento da tua alma. A tua mente é a força que faz andar o corpo. Portanto, o que aqui tens é um instrumento de poder, usado na criação do desejo da alma.

Qual é o desejo da alma?

Sim, qual é?

Não sei. Estou a perguntar-Te a Ti.

Não sei. Pergunto-te Eu a ti.

A pergunta poder-se-ia manter assim eternamente.

E manteve.

Espera aí! Há momentos disseste que a alma procura ser *Deus*.

Pois.

Então é *esse* o desejo da alma.

No sentido mais lato do termo, é. Mas este Deus que ela procura ser é muito complexo, muito multidimensional, multisensual, multifacetado. Existe um milhão de aspetos de Mim. Um bilião. Um trilião. Percebes? Há o profano e o profundo, o menor e o maior, o irreal e o sagrado, o sinistro e o Divino. Percebes?

Sim, sim, percebo... o cima e o baixo, a esquerda e a direita, o aqui e o ali, o antes e o depois, o bom e o mau...

Precisamente. Eu sou o Alfa e o Ómega. Não foi apenas uma bonita afirmação ou um conceito lisonjeiro. Foi a Verdade expressa.

Por isso, ao procurar ser Deus, a alma tem à sua frente uma dura tarefa, uma lista enorme de existências à sua escolha. E é o que ela está a fazer neste preciso instante.

A escolher estados de ser.

Sim - e a proporcionar depois as condições certas e perfeitas dentro das quais criar a experiência disso. O que portanto confirma que nada te acontece, ou através de ti, que não seja para o teu maior bem.

Queres dizer que a minha alma está a criar toda a minha experiência incluindo não só as coisas que eu faço como as que me estão a acontecer?

Digamos que a alma te orienta para as oportunidades certas e ideais para que experiencies exatamente o que planeaste experienciar. O que vieres a experienciar é lá contigo. Pode ser o que planeaste experienciar ou pode ser outra coisa qualquer, consoante a escolha que tiveres feito.

Por que hei-de eu escolher algo que não desejo experienciar?

Não sei. Porquê?

Queres dizer que às vezes a alma deseja uma coisa e o corpo ou a mente deseja outra?

O que é que tu achas?

FUNÇÃO DA ALMA, MENTE E CORPO

Mas como é que o corpo, ou a mente, pode sobrepor-se à alma? A alma não consegue sempre aquilo que quer?

O teu espírito procura, no sentido mais lato, esse glorioso momento em que terás um conhecimento consciente dos seus desejos e a eles te juntarás em jubilosa unicidade. Mas o espírito nunca, mas nunca, imporá o seu desejo à tua faceta atual, consciente, física. O Pai não imporá a Sua força ao Filho. Fazê-lo é uma violação da Sua própria natureza e, por isso, literalmente impossível.

O Espírito Santo não imporá a Sua vontade sobre a tua alma. Não está na natureza do espírito fazê-lo e, por isso, é praticamente impossível.

É aqui que acabam as impossibilidades. A mente tenta muitas vezes impor a sua vontade ao corpo - e fá-lo. Da mesma forma, o corpo procura muitas vezes controlar a mente - e muitas dessas vezes consegue.

Contudo, o corpo e a mente, juntos, não têm de fazer nada para controlar a alma - pois a alma está totalmente desprovida de necessidades (ao contrário do corpo e da mente que estão atulhados delas) e por isso deixa que o corpo e a mente levem sempre a deles avante.

De resto, a alma também não desejaria que fosse de outra maneira - pois se a entidade que tu és se destina a criar, e consequentemente a saber quem realmente é, deve existir através de um ato de consciente volição e não de inconsciente obediência.

Obediência não é criação e, portanto, nunca pode levar à salvação.

A obediência é uma reação, enquanto a criação é pura opção, não imposta, não exigida.

A pura opção conduz à salvação através da pura criação do mais elevado ideal no momento que passa.

A função da alma é *mostrar* o seu desejo, não impô-lo.

A função da mente é *optar* por uma das suas alternativas.

A função do corpo é *representar* essa opção.

Quando corpo, mente e alma criam em conjunto, em harmonia e em unidade, Deus faz-se carne.

É então que a alma se conhece a si mesma na sua própria experiência.

É então que os Céus rejubilam.

Agora mesmo, neste preciso instante, a tua alma criou de novo a oportunidade para que sejas, faças e tenhas tudo o que é preciso para saberes Quem Tu Realmente És.

A tua alma *trouxe-te* as palavras que estás a ler neste momento - como já antes te trouxe palavras de sabedoria e verdade.

Que vais fazer agora? Que decidirás ser?

A tua alma aguarda, e observa com interesse, como já tantas vezes o fez.

Será que entendi bem quando Tu disseste que é do estado de ser que eu escolha que o meu êxito mundano (ainda estou a tentar falar da minha carreira) dependerá?

Eu não estou preocupado com o teu êxito mundano, tu é que estás. É certo que quando se atingem certos estados de ser durante um longo período de tempo o êxito naquilo que estás a fazer no mundo é muito difícil de evitar. Mas não deves preocupar-te com o "ganhar a vida". *Os verdadeiros Mestres são os que optaram por construir uma vida, não uma forma de ganhá-la*.

De certos estados de ser nascerá uma vida tão rica, tão plena, tão magnífica e tão gratificante que os bens materiais e o êxito mundano não te interessarão para nada.

O mais engraçado na vida é que assim que os bens materiais e o êxito mundano deixam de te interessar fica também aberto o caminho para que venham ter contigo.

Lembra-te que não podes ter o que queres, mas deves experienciar tudo aquilo que tiveres.

NÃO QUEIRAS, ESCOLHE

Não posso ter o que quero?

Não.

Já disseste isso, logo no início deste diálogo, mas continuo sem entender. Pensava que me tinhas dito que posso *ter tudo o que eu quiser*. "Tal como pensares, tal como acreditares, assim te será feito", e todas essas coisas.

As duas afirmações não são incompatíveis uma com a outra.

Não são? Pois a mim parecem-me.

Isso deve-se à tua falta de conhecimentos.

Está bem, admito que sim. Por isso é que estou a falar Contigo.

Então vou explicar. Não podes ter tudo o que queres. O próprio ato de *quereres* alguma coisa afasta essa coisa de ti, como já afirmei no Capítulo Um.

Bom, talvez já o tenhas dito, mas agora estou a ficar baralhado... e muito.

Esforça-te por entender. Vou explicar novamente com mais pormenores. Tenta ouvir com atenção. Regressemos a um ponto que já percebeste: *o pensamento é criativo*. Está bem?

Está bem.

A palavra é criativa. Percebeste?

Percebi.

A ação é criativa. Pensamento, palavra e ato são os três níveis da criação.

Continuas a acompanhar o Meu raciocínio?

Sem dúvida.

Ótimo. Agora utilizemos o "êxito mundano" como tema presente, dado que tem sido sobre isso que tens estado a falar, a fazer perguntas.

Ótimo.

Costumas pensar "Quero um êxito mundano"?

Às vezes.

E às vezes também pensas "Quero mais dinheiro"?

Penso.

Por conseguinte não podes ter êxito mundano nem mais dinheiro.

Por que *não*?

Porque o universo não tem outra alternativa senão trazer-te a *manifestação direta do teu pensamento sobre ele*.

O teu pensamento é "Quero êxito mundano". Já sabes que o poder criativo é como um génio dentro de uma garrafa. As tuas palavras são ordens para ele. Percebes?

Então por que é que eu não tenho mais êxito?

Eu disse que as tuas palavras são ordens para ele. Ora as tuas palavras foram: "Eu quero êxito". E o universo responde: "Está bem, queres."

Continuo sem perceber.

Pensa assim: a palavra “Eu” é a chave que liga o motor da criação. As palavras “Eu sou” são extremamente poderosas. São afirmações, para o universo. Ordens.

Ora, tudo o que vier a seguir à palavra “Eu” (que evoca o Grande Sou) tende a manifestar-se na realidade física.

Por consequência, “Eu” + “quero êxito” faz com que tu *queiras* êxito. “Eu” + “quero dinheiro” deve fazer com que tu queiras dinheiro. Não pode dar mais nada visto que os pensamentos, as palavras, são criativos. As ações também. E se agires de uma forma que revele que queres êxito e dinheiro os teus pensamentos, palavras e ações estão de acordo e terás de *certeza* a experiência dessa querença.

Estás a perceber?

Estou! Meu Deus - as coisas processam-se realmente dessa forma?

Claro! Tu és um *criador muito poderoso*. Nesse pressuposto, se tiveste um pensamento, ou fizeste uma afirmação, apenas uma vez - por exemplo de raiva ou frustração, não é provável que convertas esses pensamentos ou palavras em realidade. Por isso não tens de te preocupar com os “Raios te partam”, “Vai para o Diabo” ou todas essas coisas menos simpáticas que por vezes pensas ou dizes.

Graças a Deus.

Não tens de quê. Mas se repetires um pensamento, ou disseres repetidamente a mesma palavra - não uma, não duas, mas dezenas, centenas, milhares de vezes - fazes ideia do seu poder criativo?

Um pensamento ou palavra expressos repetidamente tornam-se precisamente isso - expressos. Ou seja, expelidos. Concretizam-se exteriormente. Passam a ser a tua realidade física.

Que desgraça.

É exatamente isso que eles muitas vezes causam - uma desgraça. Vocês adoram a desgraça, adoram o drama. Quer dizer, até deixarem de adorar. Chega uma altura na vossa evolução em que deixam de amar o drama, deixam de adorar a "história" tal como a têm vindo a viver. É então que decidem - optam ativamente - mudá-la. Só que a maioria não sabe como fazer isso. Tu agora sabes. Para mudares a tua realidade basta *deixares de pensar assim*. Neste caso, em vez de pensares "Quero êxito" pensa "Tenho êxito".

Isso parece-me uma mentira. Estaria a enganar-me se dissesse isso. A minha mente gritaria logo "Isso é o que tu dizes!"

Então tem um pensamento que consigas aceitar. "O meu êxito está agora iminente" ou "as coisas estão todas encaminhadas para o meu êxito".

É então esse o truque por detrás da prática de afirmações do New Age.

As afirmações não resultam se forem simples afirmações daquilo que tu queres que seja verdade. As afirmações só resultam se forem afirmações de algo que tu já sabes que é verdade.

A melhor das ditas afirmações é um testemunho de gratidão e reconhecimento. "Obrigado, meu Deus, por trazeres o êxito à minha vida". Agora, essa ideia, pensada, falada e realizada produz ótimos resultados - quando provém de um verdadeiro conhecimento; não de uma tentativa de *produzir* resultados mas sim de uma certeza de que os resultados já foram produzidos.

Jesus possuía essa visão clara. Antes de qualquer milagre, agradecia-Me antecipadamente pela sua realização. Nunca Lhe ocorreu não se mostrar grato, pois nunca Lhe ocorreu que o que Ele afirmava não iria acontecer. Esse pensamento *nunca entrou na Sua mente*.

Tal era a Sua certeza de Quem Era e da Sua relação Comigo que todos os Seus pensamentos, palavras e atos refletiam essa consciência - tal como os teus pensamentos, palavras e atos refletem a tua…

Se houver, portanto, alguma coisa que decidas experienciar na tua vida, não a "queiras" - escolhe-a.

Escolhes o êxito em termos mundanos? Escolhes ter mais dinheiro? *Ótimo*. Então escolhe isso. A sério. Em pleno. Sem hesitações.

Contudo, no teu estádio de desenvolvimento, não te admires se o "êxito mundano" já não te interessar.

Que queres dizer com isso?

Chega uma altura, na evolução de todas as almas, em que a principal preocupação já não é a sobrevivência do corpo físico mas sim o engrandecimento do espírito; já não é a obtenção de um êxito mundano mas a realização do Eu.

De certa forma, é uma altura muito perigosa, sobretudo no início, pois a entidade alojada no corpo sabe agora que é apenas isso: um ser dentro de um corpo - não um ser corporal.

Nesse estádio, antes de a entidade em crescimento amadurecer nesta perspetiva, há muitas vezes a impressão de que já nenhum dos aspetos do corpo interessa. A alma está tão emocionada por ser, finalmente, "descoberta"!

A mente abandona o corpo e todas as coisas relacionadas com ele. Tudo é ignorado. As relações são postas de lado. Desaparecem as famílias. Os empregos tornam-se secundários. As contas ficam por pagar. O próprio corpo fica longos períodos sem ser alimentado. Toda a atenção da entidade está agora concentrada na alma e nas questões da alma.

Isso pode levar a uma grande crise pessoal na vida quotidiana do ser, embora a mente não se aperceba de nenhum trauma. Está alheia, na sua beatitude. As outras pessoas dirão que perdeste a cabeça - e, de certo modo, talvez tenhas perdido.

A descoberta da verdade, de que a vida não tem nada a ver com o corpo, pode criar um desequilíbrio para o *outro* lado. Enquanto, no início, a entidade agia como se apenas existisse o corpo, agora age como se o corpo não interessasse para nada. O que, claro, não é verdade - como a entidade depressa (e por vezes penosamente) recordará.

Tu *és* um ser triplo, composto de corpo, mente e espírito. Serás *sempre* um ser triplo, não só enquanto viveres na Terra.

Há quem defenda a teoria de que depois da morte o corpo e a mente separam-se. O corpo e a mente não se separam. O corpo muda de forma deixando para trás a sua parte mais densa mas conservando sempre a sua capa exterior. A mente (não confundir com cérebro) vai contigo, também, unir-se ao espírito e ao corpo enquanto única massa de energia de três dimensões, ou facetas.

Caso escolhas regressar a esta oportunidade de experiências a que chamas vida na Terra, o teu ser divino dividir-se-á outra vez nas suas verdadeiras dimensões, naquilo a que chamas corpo, mente e espírito. Na verdade, és uma única energia, ainda que com três características distintas.

Ao decidires habitar um novo corpo físico aqui na Terra, o teu corpo etéreo (como alguns de vós lhe chamam) reduz as suas vibrações - passa de uma vibração tão rápida que não consegue ver-se para uma velocidade que produz massa e matéria. Matéria essa que é, por sinal, a criação do pensamento puro - produto da tua mente, o mais sublime aspeto mental do teu ser tríplice.

Essa matéria é a aglutinação de milhões e milhões de diferentes unidades de energia numa única e enorme massa - controlável pela mente… tu és, de facto, uma mente superior!

Depois de essas ínfimas unidades de energia terem gasto a sua energia, são descartadas pelo corpo, enquanto a mente cria outras novas. É isso que a mente cria a partir do seu constante pensamento acerca de Quem Tu És! O corpo etéreo "agarra" o pensamento, por assim dizer, e reduz a vibração de mais unidades de energia (de certa forma "cristaliza-as") e elas transformam-se em matéria - a nova matéria de que és feito. Deste modo, cada célula do teu corpo altera-se de tantos em tantos anos. *Já não és* - literalmente - *a mesma pessoa que eras há uns anos*. Se tiveres pensamentos de doença ou mal-estar (ou de constante raiva, ódio e negativismo) o teu corpo traduzirá esses pensamentos em forma física. As pessoas verão esse forma negativa, abatida, e perguntarão "Qual é o problema?" Nem imaginam o quão acertada é a sua pergunta.*

A alma observa o desenrolar de todo este drama, ano após ano, mês após mês, dia após dia, minuto após minuto, mantendo-se sempre fiel à tua Verdade. *Nunca* esquece a planta, o projeto original, a primeira ideia, o pensamento criativo. A função dela é recordar-te - ou seja, literalmente, *rementalizar-te* - para que possas recordar de novo Quem Tu És - e depois decidires Quem Tu agora Desejas Ser.

É assim que o ciclo de criação e experiência, de imagem e concretização, de conhecer e crescer no desconhecimento, prossegue não só agora mas para todo o sempre.

Livra!

Pois é. Oh, e há muito mais coisas a explicar. Muitas mais! Mas nunca por nunca num único livro - nem se calhar numa única vida. Mas já começaste e isso é bom. Lembra-te apenas disto: é como afirmou o vosso grande mestre William Shakespeare: "Há mais coisas no Céu e na Terra, Horácio, do que as imaginadas na tua filosofia."

* O autor joga com a palavra matter (matéria) ao utilizá-la na pergunta "What's the matter?" (N. da T.)

DEPOIS DA MORTE DO CORPO

Posso fazer-te algumas perguntas acerca disso? Por exemplo, quando dizes que a mente vai comigo depois da morte, significa que a minha "personalidade" vai comigo? Saberei, no além, quem eu fui?

Sim… e quem *sempre* foste. Tudo te será revelado - porque nessa altura beneficiar-te-á sabê-lo. Agora, neste momento, não.

E, com relação a esta vida, haverá algum "balanço" - alguma análise - algum acerto de contas?

Não há julgamentos naquilo a que chamas o Além. Nem sequer te será permitido julgares-te a ti mesmo (pois por certo atribuir-te-ias uma pontuação baixa dada a forma judicativa e implacável como és para ti mesmo nesta vida).

Não, não há nenhum balanço, ninguém a aplaudir ou a vaiar. *Os homens é que são judicativos e, por serem-no, presumem que deva ser assim. Mas Eu não sou - e essa é uma grande verdade que vocês não conseguem aceitar*.

No entanto, embora não haja julgamentos no Além, haverá oportunidade para reveres tudo o que pensaste, disseste e fizeste aqui e decidires se é isso que escolherias ser de novo com base em Quem Tu Dizes Que És e Quem Tu Queres Ser.

Há um ensinamento místico oriental em torno de uma doutrina chamada "Kama Loca" - segundo esse ensinamento, na altura da nossa morte é dada a cada pessoa a oportunidade de reviver todos os pensamentos que teve, todas as palavras que disse, todas as ações que praticou, não pelo nosso ponto de vista mas pelo de todas as pessoas afetadas. Por outras palavras, nós já experienciámos o que *sentimos* ao pensar, ao dizer e ao fazer o que fizemos - agora é-nos facultada a experiência de sentir o que a *outra* pessoa sentiu em cada

um desses momentos - e é por esse meio que decidiremos se voltamos a pensar, dizer ou fazer essas coisas. Queres fazer algum comentário?

O que acontece na tua vida, depois disto, é demasiado complexo para ser aqui descrito em termos que possas entender - porque a experiência é alter-dimensional e praticamente indescritível utilizando ferramentas tão limitadas como as palavras. Basta dizer que terás a oportunidade de rever isto, a tua vida atual, sem sofrimento, temor ou juízos, com o propósito de veres como te sentes em relação à tua experiência aqui e decidires para onde queres ir a partir dessa altura.

Muitos de vós decidirão voltar para cá; regressar a este mundo de densidade e relatividade para uma nova hipótese de experienciarem as decisões e escolhas que fazem, a este nível, sobre vós mesmos.

Outros - uns quantos escolhidos - regressarão com uma missão diferente. Regressarão à densidade e à matéria com o propósito anímico de resgatarem outros à densidade e matéria. Há sempre na Terra uns, entre vós, que fizeram essa escolha. Conseguimos distingui-los imediatamente. A sua obra está terminada. Regressaram à Terra apenas e somente para ajudarem o próximo. É essa a sua alegria. É essa a sua exaltação. Nada mais procuram do que ser úteis.

Não te passarão despercebidas essas pessoas. Estão em todo o lado. Há mais do que tu pensas. O mais certo é conheceres alguma, ou já teres ouvido falar de alguma.

Eu sou uma delas?

Não. Se tens de perguntar é porque sabes que não és. Uma pessoa dessas não faz perguntas a ninguém. Não tem nada para perguntar.

Tu, Meu filho, nesta vida és um mensageiro. Um arauto. Um portador de notícias; um que procura e, frequentemente, proclama a Verdade. Já é o bastante, para uma vida. Dá-te por satisfeito.

Ah, *dou* sim. Mas posso sempre ansiar por mais!

Sim! E ansiarás! Hás-de ansiar sempre por mais. É da tua natureza. É da natureza divina tentar ser sempre mais.

Por isso tenta, sim, *tenta* à tua vontade.

Agora quero responder de uma vez por todas à pergunta com que iniciaste este capítulo da conversa que estamos a ter.

Vai em frente e *faz* o que realmente adoras fazer! Apenas isso! Tens tão pouco tempo. Como podes pensar em perder um minuto fazendo algo de que não gostes só para *ganhares a vida*? Que espécie de vida é *essa*? Isso não é viver, é *morrer*!

Se me disseres "Mas, mas… tenho outros que dependem de mim… pequenas bocas para alimentar… uma mulher que conta comigo… ", responder-te-ei: se insistes em afirmar que a tua vida é aquilo que o teu corpo faz ainda não percebeste por que vieste ao mundo. Pelo menos faz alguma coisa que te agrade - que revele Quem Tu És.

Assim, pelo menos consegues evitar o ressentimento e a raiva contra aqueles que, a teu ver, estão a privar-te da tua alegria.

O que o teu corpo faz não pode ser menosprezado. É importante. Mas não da forma que tu pensas. As ações do corpo devem ser reflexos de um estado de ser, não tentativas para atingir um estado de ser.

Na verdadeira ordem das coisas, uma pessoa não faz algo para *ser* feliz - uma pessoa é feliz e, por isso, faz algo. Uma pessoa não faz certas coisas para ser condolente, é condolente e, por isso, age de determinada maneira. A decisão da alma precede a ação do corpo numa pessoa de elevada consciência. Só uma pessoa inconsciente tenta produzir um estado de alma através de algo que o corpo está a fazer.

É o que significa a afirmação: “A tua vida não é aquilo que o teu corpo faz.” Mas também é verdade que aquilo que o teu corpo está a fazer é um reflexo do que é a tua vida.

Trata-se de outra dicotomia divina.

Mas, ainda que não percebas mais nada, fica sabendo que:

Tens *direito* à tua alegria; com ou sem filhos; com ou sem mulher. Procura-a! Descobre-a! E terás uma família feliz por muito ou pouco dinheiro que ganhes. E se eles não se sentirem felizes e resolverem abandonar-te, liberta-os com amor para que vão em busca da alegria *deles*.

Se, por outro lado, tiveres evoluído ao ponto de as coisas do corpo já não te interessarem, então ainda terás uma maior liberdade para procurares a tua alegria - na Terra como no Céu. Deus diz que não *faz mal sermos felizes* - sim, felizes, até mesmo no *trabalho*.

O teu trabalho na vida é um testemunho de Quem Tu És. Se não é, então por que é que estás a fazê-lo?

Julgas que *és obrigado*?

Não és obrigado a fazer nada.

Se “um homem que sustenta a sua família, à custa de tudo, mesmo da própria felicidade” é Quem Tu És, então ama o teu trabalho, pois ele está a facilitar a tua criação de um *testemunho vivo do Eu*.

Se “numa mulher que trabalha num emprego que detesta para cumprir aquilo que considera responsabilidades” é Quem Tu És, então ama, ama, ama o teu emprego, pois ele sustenta totalmente a tua autoimagem, o teu conceito próprio.

Toda a gente consegue amar tudo no momento em que entender o que está a fazer e porquê.

Ninguém faz nada que não queira fazer.

CAPÍTULO 13

INQUIETAÇÃO, ÓDIO E MEDO, E AS DOENÇAS AUTOCRIADAS

Como posso resolver alguns dos problemas de saúde que enfrento? Tenho sido vítima de problemas crónicos suficientes para três vidas. Por que estou a tê-los todos agora - *nesta* vida?

Primeiro, vamos esclarecer uma coisa. Tu adora-los. Pelo menos a muitos deles. Tem-los usado de forma admirável para sentires pena de ti mesmo e chamares a atenção.

Nas raras ocasiões em que não os adoraste foi só porque eles foram longe de mais. Muito mais longe do que tu imaginavas quando os criaste.

Agora, vejamos aquilo que tu se calhar já sabes: todas as doenças são autocriadas. Até os médicos mais conservadores começam agora a perceber como é que as pessoas se *adoecem a si mesmas*.

A maioria fá-lo de uma forma assaz inconsciente. (Nem sequer sabem o que estão a fazer.) Por isso, quando *ficam* doentes, não sabem o que foi que as atacou. É como se algo lhes tivesse *acontecido* e não aquilo que fizeram a si próprias.

Isso acontece porque a maioria das pessoas passa pela vida - e não apenas em questões de saúde e suas consequências - inconscientemente.

As pessoas fumam e admiram-se por terem um cancro.

As pessoas ingerem animais e gorduras e admiram-se por terem as artérias bloqueadas.

As pessoas passam a vida furiosas e admiram-se por terem ataques cardíacos.

As pessoas competem umas com as outras - impiedosamente e sob um enorme stress - e admiram-se por terem tromboses.

A verdade, por detrás disto tudo, é que muitas pessoas se *matam de inquietação*.

A inquietação deve ser a pior forma de atividade mental que existe - a seguir ao ódio, que é profundamente destrutivo. A inquietação é inútil. É um desperdício de energia mental. Cria também reações bioquímicas que prejudicam o organismo, causando tudo desde a indigestão à paragem cardíaca, passando por uma diversidade de coisas.

A saúde melhorará quase de imediato quando a inquietação acabar.

A inquietação é a atividade de uma mente que não entende a sua ligação Comigo.

O ódio é o estado mental mais seriamente prejudicial. Envenena o corpo e os seus efeitos são praticamente irreversíveis.

O medo é o oposto de tudo aquilo que tu és e por isso tem um efeito de oposição na tua saúde física e mental. O *medo é a inquietação ampliada*.

Inquietação, ódio, medo - juntamente com os seus derivados: ansiedade, amargura, impaciência, avareza, antipatia, criticismo e condenação - atacam, todos eles, o organismo ao nível celular. Nessas condições é impossível ter um corpo saudável.

Analogamente - embora num grau ligeiramente inferior -, a presunção, a autoindulgência e a ganância conduzem à doença física, ou falta de bem-estar.

Todas as doenças são primeiro criadas na mente.

Como é que pode ser? Então e as doenças que se apanham por contágio? As constipações - ou, já agora, a Sida?

Nada acontece na vida - nada - que não seja primeiro um pensamento. Os pensamentos são como ímanes que atraem os efeitos para ti. O pensamento poderá não ser sempre óbvio, e portanto nitidamente causativo, como, por exemplo, "Vou contrair uma doença terrível". O pensamento pode ser (e normalmente é) muito mais subtil. ("Não mereço viver".); ("A minha vida é sempre uma complicação."); ("Sou um falhado."); ("Deus vai castigar-me."); ("Estou farto da minha vida!")

Os pensamentos são uma forma de energia muito subtil mas extremamente poderosa. As palavras são menos subtis, mais densas. As ações são as mais densas. A ação é energia em pesada forma física, em pesado movimento. Quando pensas, dizes e dás forma a um conceito negativo, como por exemplo "Sou um falhado", pões em movimento uma tremenda energia criativa. Não é pois de admirar que apanhes só uma constipação: Isso será o mínimo.

É muito difícil inverter os efeitos de pensamentos negativos quando eles já assumiram a forma física. Não é impossível - mas é muito difícil.

É preciso um ato de grande fé. Exige uma crença extraordinária na força positiva do universo - quer lhe chames Deus, Deusa, o Imóvel Movedor, Força Primeva, Causa Primeira, ou outra coisa qualquer.

Os que curam têm essa fé. É uma fé que entra já no Saber Absoluto. Eles sabem que o ser humano se destina a ser uno, completo e perfeito neste presente momento. Essa sabedoria é também um pensamento - e um pensamento muito poderoso. Tem o poder de mover montanhas - já para não falar das moléculas do vosso corpo. É por isso que conseguem curar, muitas vezes até à distância. O pensamento não conhece distâncias.

O pensamento percorre o mundo e atravessa o universo mais depressa do que a palavra a ser dita.

"Dize uma só palavra e o meu servo ficará curado."

E assim aconteceu, nesse mesmíssimo instante, antes mesmo de ele ter acabado a frase. Tal era a fé do centurião.

Mas vocês são todos uns leprosos mentais. A vossa mente está a ser carcomida por pensamentos negativos. Alguns são-vos impostos. Muitos deles são vocês mesmos que os criam - evocam - e depois acolhem-nos e alimentam-nos durante horas, dias, semanas, meses - até mesmo anos.

…E admiram-se por estarem doentes.

Podes "resolver alguns dos problemas de saúde" como tu disseste, resolvendo os problemas na tua mente. Sim, podes curar alguns dos males que já adquiriste (deste a ti mesmo), bem como evitar que se criem outros novos e graves problemas. E podes fazer tudo isso alterando a tua maneira de pensar.

E também - detesto sugeri-lo, pois parece-me muito mundano vindo, como é o caso, de Deus, mas paciência - por amor de Deus, *cuida melhor de ti mesmo*.

Não tens cuidado nenhum com o teu corpo e só lhe prestas um bocadinho de atenção quando desconfias que há algum problema. Não fazes absolutamente nada no campo da manutenção preventiva. Tens mais cuidado com o teu carro do que com o teu corpo - e por aí já se vê.

Não só não evitas ataques com check-ups regulares, exames médicos anuais e o uso de tratamentos e remédios que te deram (para que vais à médica, pedir-lhe ajuda, e depois não tomas os medicamentos que ela te receita? És capaz de Me responder a esta pergunta?) - como também maltratas terrivelmente o teu corpo entre essas idas ao médico às quais não ligas importância nenhuma!

Não o exercitas, por isso ele torna-se mole e, pior ainda, fraco por falta de uso.

Não o alimentas como deve ser; debilitando-o ainda mais.

Depois enche-lo de toxinas, venenos e as mais absurdas substâncias que se fazem passar por alimentos. E mesmo assim continua a funcionar, esse motor maravilhoso; continua a carburar, avançando corajosamente sob tais agressões.

É horrível. São horríveis as condições em que exiges que o teu corpo sobreviva. Mas pouco ou nada farás para as alterares. Vais ler isto, acenar com a cabeça em pesarosa concordância, e voltar imediatamente aos maus tratos. E sabes porquê?

Até tenho medo de perguntar.

Porque não tens *nenhuma vontade de viver*.

Parece-me uma dura acusação.

Não deve ser encarada como dura, nem como acusação. "Dura" é um termo relativo, um juízo que vocês aplicaram às palavras. "Acusação" implica culpa e "culpa" implica uma ação dolosa. Não há aqui nenhuma ação dolosa e por isso nenhuma culpa nem acusação.

Fiz uma simples constatação da verdade. Como todas as constatações da verdade, esta tem o condão de te despertar. Certas pessoas não gostam que as despertem. A maioria não gosta. Prefere dormir. O mundo está no estado em que está porque o mundo está cheio de sonâmbulos.

Quanto à minha afirmação, que tem ela de não verdadeira? *Tu não tens vontade de viver*. Pelo menos até agora não tens tido nenhuma.

Se me disseres que tiveste uma "conversão instantânea", terei de reanalisar a minha predição do que farás agora. Admito que a minha predição se baseia na experiência passada.

…fi-la também para te despertar. Às vezes, quando uma pessoa está mesmo a dormir profundamente temos de a abanar um bocadinho. Reparei que, no passado, tiveste muito pouca vontade de viver. Claro que podes negá-lo, mas neste caso as ações falam mais alto que as palavras.

Se alguma vez acendeste um cigarro na tua vida - quanto mais fumar um maço por dia durante vinte anos como tu fizeste - é porque tens muito pouca vontade de viver. Não te preocupas com o que fazes ao teu corpo.

Mas eu *deixei* de fumar há mais de dez anos!

Só passados vinte de duro massacre físico.

E se alguma vez meteste álcool dentro do teu corpo, tiveste muito pouca vontade de viver.

Eu bebo muito moderadamente.

O corpo não foi feito para ingerir álcool. Debilita a mente.

Mas *Jesus* bebia álcool! Foi às bodas e transformou a água em vinho!

E quem é que disse que Jesus era perfeito?

Ora, francamente!

Diz lá, estás a ficar aborrecido Comigo?

Bom, longe de mim *aborrecer-me com Deus*. Seria um nadinha presunçoso da minha parte, não seria? Mas admito que possamos levar tudo isso ao exagero. O meu pai ensinou-me a fazer "todas as coisas com moderação". Creio que, no que se refere ao álcool, cumpri essa regra.

O corpo só consegue refazer-se mais facilmente de um abuso moderado. O conselho dele é, portanto, válido. Mesmo assim manterei a minha afirmação inicial: o corpo não foi feito para ingerir álcool.

Mas até certos medicamentos contêm álcool!

Não tenho nenhum controlo sobre aquilo a que vocês chamam medicamentos. Mantenho o que disse.

A VIDA ETERNA E O CORPO ETERNO

És mesmo inflexível, não és?

Escuta, verdade é verdade. Agora, se alguém te dissesse "Um bocadinho de álcool não te vai fazer mal" e fizesse essa afirmação dentro do contexto de vida tal como tu agora a vives, Eu teria de concordar com essa pessoa. O que não altera a verdade daquilo que Eu disse. Permite apenas que tu a ignores. No entanto pensa nisto: atualmente, vocês, os homens, desgastam os vossos corpos por norma num espaço de cinquenta a oitenta anos. Alguns duram mais, mas não muitos. Uns deixam de funcionar mais cedo, mas não a maioria. Estamos de acordo nisso?

Sim, está bem.

Pronto, temos portanto um bom ponto de partida para o debate. Quando Eu disse que podia concordar com a afirmação "Um bocadinho de álcool não te vai fazer mal" classifiquei-a acrescentando "dentro do contexto de vida tal como tu agora a vives". É que vocês parecem satisfeitos com a vida tal como agora a vivem. Mas a vida, talvez isto te surpreenda, foi criada para ser vivida de uma maneira totalmente diferente. E o teu corpo foi concebido para *durar muito mais tempo.*

Foi?

Sim.

Mais quanto tempo?

Infinitamente mais.

Que significa isso?

Significa, Meu filho, que o teu corpo foi concebido para durar eternamente.

Eternamente?

Sim. Entenda-se: "para todo o sempre".

Queres dizer que nunca devíamos - devemos - morrer?

Vocês nunca *morrem*. A vida é eterna. São imortais. Nunca *morrem*. Mudam apenas de forma. Nem sequer tiveram de fazê-lo. *Vocês é que assim o decidiram, não fui Eu*. Fiz-vos corpos que durariam *eternamente*. Achas mesmo que o melhor que Deus conseguiria fazer, o melhor que Eu conseguiria arranjar, era um corpo que chegasse aos sessenta, setenta, talvez oitenta anos para então se desfazer? É essa, na tua opinião, o limite das Minhas capacidades?

Nunca pensei em pôr as coisas exatamente nesses termos...

Eu concebi o vosso magnífico corpo para que ele durasse *eternamente*! E os primeiros homens viveram dentro do corpo praticamente sem sofrimento e sem medo daquilo a que vocês agora chamam morte.

Na vossa mitologia religiosa, simbolizam a memória celular dessa primeira versão de seres humanos chamando-lhes Adão e Eva. Claro que, na verdade, eram mais que dois.

No começo, a ideia era que as vossas maravilhosas almas tivessem uma oportunidade de se conhecerem a si mesmas como Quem Realmente

São através de experiências obtidas no corpo físico, no mundo relativo - como já aqui te expliquei várias vezes.

E isso por meio da redução da incomensurável velocidade de todas as vibrações (em forma de pensamento) para produzir matéria - incluindo essa a que vocês chamam corpo físico. A vida evoluiu através de uma série de etapas num piscar de olhos a que vocês agora chamam biliões de anos. E nesse sagrado instante surgiste tu, das águas do mar, da água da vida, para terra e para a forma que agora tens.

Então os evolucionistas estão *certos*!

Acho engraçado - é, de resto, uma fonte constante de divertimento - que vocês, homens, tenham tal necessidade de classificar tudo como certo e errado. Nunca vos passa pela cabeça que foram vocês que *inventaram esses rótulos* para vos ajudarem a classificar o mundo material - e a vós mesmos.

Nunca vos passa pela cabeça (a não ser àqueles de entre vós dotados de mentes superiores) que uma coisa pode estar certa e errada, que só no mundo relativo é que as coisas são uma coisa ou outra. No mundo do absoluto, de tempo-não-tempo, *todas as coisas são tudo*.

Não há masculino e feminino, não há antes e depois, não há rápido e lento, aqui e ali, cima e baixo, esquerda e direita - nem há certo e errado.

Os vossos astronautas e cosmonautas já sentiram isso. Imaginaram-se projetados para cima para chegarem ao espaço, e afinal o que descobriram, quando lá chegaram, foi que estavam a *olhar para cima, para a Terra*. Ou não? Se calhar estavam a olhar para *baixo*, para a Terra! Mas, nesse caso, onde é que está o Sol? Por cima? Por baixo? Não! Ali adiante, à *esquerda*. Por isso agora, de repente, uma coisa não estava em cima *nem* em baixo - estava *de lado*… e portanto *desapareciam* assim todas as definições.

É o que se passa no Meu mundo - no nosso mundo - no nosso verdadeiro domínio. Todas as definições desaparecem e até falar sobre este domínio em termos exatos se torna difícil.

A religião é a vossa tentativa de falar do inefável. E não está a sair-se lá muito bem.

Não, Meu filho, os evolucionistas não estão certos. Eu criei tudo isto - tudo isto - num piscar de olhos, num único instante sagrado - tal como afirmam os criacionistas. E… isso aconteceu através de um processo de evolução que demorou biliões e biliões daquilo a que vocês chamam anos, tal como afirmam os evolucionistas.

Estão *ambos* "certos". Como descobriram os cosmonautas, *tudo depende da maneira como se observa*.

Mas a verdadeira questão é: um sagrado instante/biliões de anos - que diferença faz? Consegues ao menos admitir que em algumas das questões da vida o mistério é demasiado grandioso para que possas sequer decifrá-lo? Por que não considerá-lo então um mistério sagrado? E por que não deixar que o sagrado seja sagrado, deixando-o em paz?

A ALMA CONCEBE, A MENTE CRIA E O CORPO EXPERIENCIA

Creio que todos nós temos uma necessidade insaciável de saber.

Mas *já* sabem! Acabei de vo-lo *dizer*! Mas não querem conhecer a Verdade, querem conhecer a verdade *tal como a entendem*. É essa a maior barreira que vos separa da Iluminação. Acham que já *conhecem* a Verdade! Acham que já a entendem como ela é. Por isso concordam com tudo o que veem, ouvem ou leem que se enquadre no paradigma do vosso entendimento e rejeitam tudo o que não se enquadre. E é a isso que chamam aprender. É isso que consideram estar abertos aos ensinamentos.

Infelizmente, nunca poderão estar abertos aos ensinamentos enquanto estiverem fechados para tudo salvo a vossa própria verdade.

E assim este mesmo livro será visto, por alguns, como uma blasfémia - obra do Diabo.

Mas os que tiverem ouvidos para ouvir que oiçam. Eu vos digo: *Não foram feitos para virem a morrer*. A vossa forma física foi criada como algo de grande utilidade; uma ferramenta maravilhosa; um glorioso veículo que vos permite experienciar a realidade que criaram com a vossa mente para que possam conhecer o Eu que criaram na vossa alma.

A alma concebe, a mente cria, o corpo experiencia. O círculo está completo. A alma conhece-se então na sua própria experiência. Se não gosta do que está a experienciar (sentir), ou deseja, por qualquer razão, uma experiência diferente, basta-lhe conceber uma nova experiência do Eu e, literalmente, *mudar de ideias*.

Não tarda pois que o corpo dê por si numa nova experiência. (“Eu sou a ressurreição e a Vida” foi um magnífico exemplo disso. Afinal como é que pensas que Jesus o fez? Ou não acreditas que tenha acontecido? Acredita. Aconteceu!)

Mas também é verdade que a alma jamais se sobreporá ao corpo ou à mente. Eu fiz-vos como um ser três-em-um. São três seres num só, feitos à Minha imagem e semelhança.

Os três aspetos do Eu não se encontram, de modo algum, num plano de desigualdade entre si. Cada um deles tem uma função mas nenhuma dessas funções é superior às outras nem nenhuma delas precede a outra. Estão todas inter-relacionadas de uma forma exatamente igual.

Conceber - criar - experienciar. Aquilo que concebes crias, aquilo que crias experiencias, aquilo que experiencias concebes.

É por isso que se diz que se fores capaz de fazer com que o teu corpo experiencie algo (a abundância, por exemplo), em breve terás o sentimento disso na tua alma, a qual se conceberá a si mesma de uma outra forma (nomeadamente abundante), apresentando assim à tua mente um novo pensamento acerca disso. Do novo pensamento nascem mais experiências e o corpo começa a viver uma nova realidade enquanto permanente estado de ser.

O teu corpo, a tua mente e a tua alma (espírito) são um só. - Nisso, és um microcosmo de Mim - o Tudo Divino, o Todo Sagrado, a Soma e a Substância. Assim já percebes como é que Eu sou o princípio e o fim de todas as coisas, o Alfa e o Ómega.

Agora explicar-te-ei o derradeiro mistério: a tua exata e verdadeira relação Comigo.

TU ÉS O MEU CORPO.

O que o *teu* corpo é para a *tua* mente e alma também *tu* és para a Minha mente e alma. Portanto:

Tudo o que eu experiencio é através de ti.

Assim como o teu corpo, mente e alma são um só, também os Meus o são. Por isso é que Jesus de Nazaré, entre os muitos que entenderam este mistério, falou com imutável verdade ao dizer "*Eu e o Pai somos um só*."

Agora dir-te-ei que existem verdades ainda maiores do que esta, com as quais tu, um dia, te familiarizarás. Pois ainda que sejas o Meu corpo, Eu sou o corpo de outro.

Queres dizer que *não és* Deus?

Sim, sou Deus tal como vocês O entendem. Sou Deusa tal como vocês A aceitam. Sou o Inventor e o Criador de Todas as Coisas que vocês agora

conhecem e experienciam e vocês são os Meus filhos… ainda que Eu seja filho de outro.

Estás a tentar dizer-me que até Deus tem um Deus?

Estou a dizer-te que a tua perceção de suprema realidade é mais limitada do que pensavas e que a Verdade é mais ilimitada do que possas imaginar.

Estou a dar-te o mais ínfimo vislumbre da infinidade - e do amor infinito. (Um vislumbre muito maior não seria por ti entendido, na tua realidade, pois mal consegues entender este.)

Calma aí! Quer dizer que não estou realmente a falar com Deus?

Já te disse - se conceberes Deus como teu criador e senhor - mesmo que sejas tu o criador e senhor do teu próprio corpo - sou o Deus do teu entendimento. E, sim, estás a falar Comigo. Tem sido uma conversa deliciosa, não?

Deliciosa ou não, julgava que estava a falar com o verdadeiro Deus. O Deus dos Deuses. Quer dizer… o número um, o chefe máximo.

E estás. Acredita em Mim. Estás.

ALFA E ÓMEGA

Mas dizes que existe alguém acima de Ti no esquema hierárquico das coisas.

Estamos agora a tentar fazer o impossível que é falar do inefável. Como Eu disse, é o que a religião procura fazer. Deixa-Me ver se consigo arranjar uma maneira de resumir isto.

Para Sempre é mais tempo do que o que tu conheces. Eterno é mais tempo que Para Sempre. Deus é mais do que tu imaginas. Imaginar é mais

do que Deus. Deus é a energia a que chamas imaginação. Deus é criação. Deus é o primeiro pensamento. E Deus é a última experiência. E Deus é tudo o que está entre uma coisa e outra.

Já espreitaste por um microscópio potentíssimo ou viste imagens ou filmes sobre a atividade molecular tendo afirmado "Caramba, existe todo um universo ali em baixo. E para esse universo, eu, como observador, devo parecer Deus!" Já alguma vez disseste isso ou passaste por uma experiência dessas?

Sim, calculo que todo o ser pensante o tenha feito.

Sem dúvida. Proporcionaste a ti mesmo o teu próprio vislumbre daquilo que estou a mostrar-te aqui.

E que farias se Eu te dissesse que essa realidade, da qual deste a ti mesmo um vislumbre, *nunca acaba*?

Explica-me. Pedia-te que me explicasses.

Considera a mais pequena porção do universo que consigas imaginar. Imagina uma ínfima, ínfima partícula de matéria.

Está bem.

Agora corta-a ao meio.

Está bem.

Com que ficaste?

Com duas metades mais pequenas.

Precisamente. Corta essas ao meio. E agora?

Duas metades *mais pequenas*.

Correto. Agora outra vez, e *outra*! Com que ficas?

Com partículas cada vez mais pequenas.

Sim, mas quando é que isso acaba? Quantas vezes podes dividir a matéria até ela deixar de existir?

Não sei. Acho que nunca deixa de existir.

Queres dizer que nunca se consegue *destruí-la por completo*? Só podes alterar-lhe a forma?

Pelos vistos.

Pois Eu digo-te: acabaste de descobrir o segredo da vida e de olhar para dentro da infinidade.

Agora tenho uma pergunta a fazer-te.

Está bem...

Que te faz pensar que a infinidade só se desenrola num único sentido...?

Então... porque tanto faz ir para cima como para baixo.

Não há cima ou baixo, mas percebo o que queres dizer.

Mas se a pequenez não tem fim, a grandiosidade também não.

Correto.

Mas se a grandiosidade não tem fim, então o *maior de todos* não existe. O que significa, no sentido mais lato, que *não existe Deus nenhum*!

Ou talvez signifique que - *Deus é tudo e nada mais existe*.

Eis o que Eu te digo: EU SOU AQUILO QUE SOU.

E TU ÉS AQUILO QUE ÉS. Não podes *não ser*. Podes mudar de forma as vezes que quiseres mas não podes deixar de ser. *Podes*, contudo, não conseguir *saber* Quem Tu És - e, não o conseguindo, experiencias *apenas uma metade*.

O que seria um inferno.

Exatamente. Mas não estás condenado a isso. Não estás desterrado para todo o sempre. Para saíres do Inferno - para saíres do desconhecimento - basta conheceres de novo.

Existem muitas formas e muitos locais (dimensões) onde podes fazê-lo.

Estás, agora, numa dessas dimensões. Chama-se, no vosso entendimento, terceira dimensão.

E há muitas mais?

Não te disse que no Meu Reino existem muitas dimensões? Não to diria se assim não fosse.

Então *não existe* nenhum Inferno - a sério. Quer dizer, não existe nenhum lugar, ou dimensão, ao qual estejamos condenados para todo o sempre!

Qual seria o objetivo disso?

Contudo, estás sempre limitado pelo teu conhecimento - porque tu - nós - somos um ser autocriado.

Não podes ser aquilo que não te conheces como sendo.

Por isso te foi dada esta vida - para que possas conhecer-te na tua própria experiência. Depois podes conceber-te como Quem Tu Realmente És e criar-te dessa forma na tua experiência - e o círculo está de novo completo… só que maior.

Estás, portanto, no processo de crescimento - ou, como lhe tenho chamado ao longo deste livro, de *te tornares*.

Não há limites para aquilo que podes vir a tornar-te.

Ou seja, até posso tornar-me - ousarei dizê-lo? - um Deus... como Tu?

O que é que tu achas?

Não sei.

Enquanto não souberes, não podes. Lembra-te do triângulo - a Santíssima Trindade: espírito-mente-corpo. Conceber-criar-experienciar. Fixa-o servindo-te da vossa simbologia:

ESPÍRITO SANTO = INSPIRAÇÃO = CONCEBER
PAI = PROGENITOR = CRIAR
FILHO = PROGÉNIE = EXPERIÊNCIA

O Filho experiencia a criação do pensamento progenitor, o qual é concebido pelo Espírito Santo.

Concebes a hipótese de te tornares, um dia, um Deus?

Nas minhas mais loucas fantasias.

Ótimo, pois Eu te digo: *já és* um Deus. *Só não o sabes*. Pois não o disse Eu: "Vós sois Deuses"?

CAPÍTULO 14

A EXPERIÊNCIA SEXUAL

Muito bem. Já te expliquei tudo. A vida. Como ela funciona. O seu verdadeiro sentido e propósito. Em que mais posso ajudar-te?

Não tenho mais nada a perguntar. Estou imensamente grato por este maravilhoso diálogo. Foi muito esclarecedor, muito completo. E, ao olhar para as minhas primeiras perguntas, vejo que já despachámos as primeiras cinco - as que têm a ver com a vida e as relações, dinheiro e carreiras profissionais, e saúde. Tinha mais perguntas nessa lista inicial, como sabes, mas de certa forma estas conversas fazem com que elas me pareçam irrelevantes.

Sim, mas apesar de tudo fizeste-as. Vamos, portanto, responder rapidamente às que faltam, uma por uma. Agora que já estamos bem lançados na matéria…

…que matéria?

A matéria que aqui trouxe para que tu analisasses - agora que estamos bem lançados na matéria, vamos pegar nessas perguntas que faltam e despachá-las rapidamente.

6. Qual é a lição cármica que deverei aprender aqui? Que estou a tentar atingir?

Não estás a aprender nada. Não tens nada para aprender. Só tens de remembrar. Ou seja, re-membrar-Me.

Que estás a tentar atingir? Estás a tentar atingir a *própria perfeição*.

7. A reencarnação existe? Quantas vidas passadas tive? Que fui eu, nessas vidas? A "dívida cármica" é uma realidade?

Custa a crer que ainda haja dúvidas sobre isso. Custa-me a imaginar. Tem havido tantos relatos, de fontes absolutamente fidedignas, de experiências de vidas passadas. Algumas dessas pessoas apresentaram descrições incrivelmente pormenorizadas de acontecimentos e informações absolutamente credíveis que bastam para eliminar qualquer hipótese de estarem a inventar tudo isso ou que a sua intenção tenha sido defraudar os cientistas e entes queridos.

Tiveste 647 vidas passadas, já que insistes em saber ao certo. Esta é a 648ª. Foste tudo nessas vidas. Um rei, uma rainha, um servo. Um professor, um aluno, um mestre. Um homem, uma mulher. Um guerreiro, um pacifista. Um herói, um cobarde. Um assassino, um salvador. Um sábio, um louco. Foste *tudo* isso!

Não, não existe nenhuma dívida cármica - não no sentido em que perguntas. Uma dívida é algo que tem de ser, ou deve ser, pago. *Tu não és obrigado a fazer nada*.

Há, no entanto, certas coisas que queres fazer; que decidas experienciar. E algumas dessas decisões estão dependentes - o desejo por elas foi criado por - daquilo que experienciaste antes.

É o que mais se aproxima, por palavras, daquilo a que vocês chamam *carma*.

Se o *carma* é o desejo inato de ser melhor, de ser maior, de evoluir e crescer e de encarar os acontecimentos e experiências do passado como padrões, então sim, o carma existe realmente.

Mas não exige nada. Nunca te é exigido nada. És, como sempre foste, um ser de livre-arbítrio.

8. Por vezes sinto uma grande capacidade mediúnica. É mesmo possível "ser-se médium"? Eu sou? As pessoas que se dizem médiuns estão a "negociar com o Diabo"?

Sim, é mesmo possível ser-se médium. Tu é-lo. *Toda a gente é*. Não há ninguém que não possua isso a que chamas capacidade mediúnica, apenas pessoas que não a usam.

Usar a capacidade mediúnica nada mais é que usarem o vosso sexto sentido. É óbvio que isso do "negociar com o Diabo" não existe, senão Eu não vos teria dado esse sentido. E, claro, *não há* nenhum Diabo com quem negociar.

Um dia - talvez no Livro Segundo - explicar-te-ei como é que essa energia psíquica e essa capacidade mediúnica funcionam.

Vai haver um Livro Segundo?

Sim. Mas terminemos primeiro este.

9. Está correto aceitar dinheiro por fazer o bem? Se eu decidir dedicar-me ao trabalho de cura, no mundo - trabalho de Deus - poderei fazê-lo e, ao mesmo tempo, usufruir de um certo desafogo material? Ou as duas situações são antagónicas?

Já expliquei isso.

10. O sexo é permitido? Vá lá - qual é a verdade por detrás dessa experiência humana? O sexo destina-se apenas à procriação, como pregam certas religiões? A verdadeira santidade e iluminação alcançam-se através da negação - ou transmutação - da energia sexual? Podemos ter relações sexuais sem amor? A mera sensação física do ato é motivo suficiente?

Claro que o sexo é "permitido". Volto a dizer que se Eu não quisesse que vocês se entregassem a certas brincadeiras não vos teria dado os brinquedos. Dás aos teus filhos coisas com que não queres que eles brinquem?

Brinca com o sexo. *Brinca* com ele! É um divertimento *maravilhoso*. Caramba, deve ser a coisa mais divertida que o teu corpo te pode dar, falando estrita e unicamente de experiências físicas.

Mas, por favor, não destruas a inocência e o prazer sexual, a pureza do divertimento, a alegria, dando ao sexo uma má utilização. Não o uses para obteres poder ou por algum intento oculto; para satisfação do ego ou para dominares; por qualquer outro propósito que não o da mais pura alegria e o mais sublime êxtase, dado e partilhado - ou seja, amor, e amor *recriado* - isto é, uma nova vida! Não escolhi uma maneira deliciosa de vos *engrandecer*?

Quanto à negação, já falámos nisso. Nunca algo de sagrado se alcançou pela negação. Contudo, os *desejos* mudam à medida que se vão descortinando realidades mais sublimes. Não é portanto invulgar as pessoas desejarem uma menor, ou até nenhuma, atividade sexual - ou, já agora, qualquer das muitas atividades do corpo. Para alguns, as atividades da alma tornam-se prioritárias - e muitíssimo mais deleitantes.

Cada um sabe de si, sem fazer juízos - é esse o lema.

A última parte da tua pergunta tem a seguinte resposta: Não precisas de ter uma razão para tudo. Basta *seres a causa*.

Sê tu a causa da tua experiência.

Lembra-te que a experiência produz o conceito de Eu, a conceção produz criação, a criação produz experiência.

Queres experienciar-te como pessoa que tem relações sexuais sem amor? Vai em frente! Fá-lo até deixares de querer fazê-lo. E a única coisa que te levará - que pode *efetivamente* levar-te - a acabar com isso, ou com *qualquer* comportamento, é o teu recém-emergente pensamento sobre Quem Tu És.

É tão simples - e tão complexo - como isso.

11. Por que fizeste do sexo uma experiência humana tão boa, tão arrebatadora, tão intensa, se somos obrigados a manter-nos o mais possível afastados dela? Em que ficamos? Já agora, por que é que todas as coisas divertidas são "imorais, ilegais ou engordam"?

Também já respondi à última parte dessa pergunta com o que acabei de afirmar. As coisas divertidas não são todas imorais, ilegais nem engordam. A vossa vida, porém, representa um interessante exercício de definição do divertimento.

Para alguns, "divertimento" implica sensações físicas. Para outros, "divertimento" talvez seja algo totalmente diferente. Tudo depende de Quem Tu pensas que És e daquilo que estás cá a fazer.

Há muito mais a dizer sobre o sexo do que já aqui foi dito - mas nada mais fundamental do que isto: sexo é *alegria* e muitos de vós transformaram-no em tudo menos isso.

O sexo também é sagrado - sim. Mas a alegria e a sacralidade *misturam-se* (são, aliás, a mesma coisa) e muitos de vós julgam que não. As vossas atitudes em relação ao sexo formam um microcosmo das vossas atitudes em relação à vida. A vida devia ser uma alegria, uma festa, e tornou-se uma experiência de medo, ansiedade, "não suficiência", inveja, raiva e tragédia. O mesmo se poderá dizer do sexo. Reprimiram o sexo tal como reprimiram a vida, em vez de se expressarem plenamente, com naturalidade e alegria.

Aviltaram o sexo tal como aviltaram a vida, classificando-o como mau e depravado em lugar da mais sublime dádiva e o maior dos prazeres.

Antes de ripostares que não aviltaram a vida, observa as vossas atitudes coletivas para com ela. Quatro quintos da população mundial consideram a vida uma tortura, uma tribulação, um tempo de provações, uma dívida cármica que tem de ser paga, uma escola onde se aprendem duras lições e, em geral, uma experiência a ser suportada enquanto se aguarda a *verdadeira* alegria, que é *depois da morte*.

É uma vergonha que tantos de vós assim pensem. Não é pois de admirar que tenham considerado vergonhoso o próprio ato que cria a vida.

A energia que realça o sexo é a energia que realça a vida; é vida! O sentimento de atração e o intenso, e muitas vezes premente, desejo de aproximação mútua, de se tornarem um só, é a dinâmica essencial de tudo o que vive. Inseri-a em todas as coisas. É inata, inerente*, intrínseca* a Tudo O Que É.

Os códigos éticos, as constrições religiosas, os tabus sociais e as convenções emocionais que vocês colocaram em torno do sexo (e, a propósito, em torno do amor - e de toda a vida) fizeram com que vos fosse praticamente impossível *celebrarem a vossa existência*.

Desde o princípio dos tempos que tudo o que o homem quer é amar e ser amado. E desde o princípio dos tempos que o homem tem feito tudo ao seu alcance para tornar isso impossível. O sexo é uma extraordinária demonstração de amor - amor por outra pessoa, amor por si mesmo, amor pela *vida*. Deviam, portanto, *amá-lo*. (E *amam-no* - só que não são capazes de *dizer* a ninguém que o fazem; não se atrevem a mostrar o quanto gostam dele, pois quem o fizer é visto como um pervertido. No entanto, é essa a ideia que está *pervertida*.)

No nosso próximo livro analisaremos o sexo mais aprofundadamente, estudando de forma mais pormenorizada a sua dinâmica, pois trata-se de uma experiência e de uma questão com sérias implicações a uma escala global.

Por ora - e para ti, pessoalmente -, basta que saibas isto: *Eu não te dei nada de vergonhoso, muito menos o teu próprio corpo e suas funções. Não há necessidade de esconderes o teu corpo ou as suas funções - nem o teu amor por elas e de ti pelos outros*.

Os vossos programas de televisão não hesitam em mostrar a violência nua e crua, mas coíbem-se de mostrar o amor na sua nudez. Toda a vossa sociedade reflete essa prioridade.

12. Há vida noutros planetas? Temos sido visitados por esses seres? Estamos a ser observados, neste momento? Veremos provas - concretas e irrefutáveis - de vida extraterrestre ainda nos nossos dias? Cada forma de vida tem o seu próprio Deus? És Tu o Deus de todas as coisas?

Sim, à primeira parte. Sim, à segunda parte. Sim, à terceira parte. Não posso responder à quarta parte visto que isso Me exigiria que previsse o futuro - o que não farei.

Mas falaremos muito mais acerca dessa coisa chamada futuro no Livro Segundo - e falaremos da vida extraterrestre e da(s) natureza(s) de Deus no Livro Terceiro.

Credo! Vai haver um *Livro Terceiro*?

O Livro Primeiro deverá conter verdades básicas, explicações simples, e abordar temas e questões essencialmente pessoais.

O Livro Segundo deverá conter verdades mais complexas, explicações mais profundas, e abordar temas e questões globais.

O Livro Terceiro deverá conter as verdades mais sublimes ao alcance do teu entendimento e abordar temas e questões universais - temas com que se defrontam todos os seres do universo.

Como levaste um ano a completar este livro, também disporás de um ano para cada um dos dois que se seguem.

A trilogia estará completa no Domingo de Páscoa de 1995.

Compreendo. Isso é uma ordem?

Não. Se fazes essa pergunta é porque não percebeste nada do que está neste livro. A escolha para fazer este trabalho foi *tua* - e foste escolhido. O círculo está completo.

Percebes?

Sim.

13. A utopia alguma vez chegará ao planeta Terra? Irá Deus revelar-se ao povo da Terra, como prometido? A Segunda Vinda será uma realidade? Chegará a haver um Fim do Mundo - ou um apocalipse, como profetizado na Bíblia? Existe uma única religião verdadeira? Se existe, qual é?

Isso é, só por si, um livro e ocupará uma grande parte do terceiro volume. Mantive este, que estás a escrever, limitado a temas mais pessoais, questões mais práticas. Passarei às questões mais complexas e aos temas de carácter global e universal em próximos aditamentos.

Acabou? Por agora é tudo? Não vamos conversar mais?

Já estás com saudades minhas?

ESCUTA-ME E OUVE-ME

Estou! Foi divertido! Agora vamos separar-nos?

Precisas de descansar um bocadinho. E os teus leitores também. Há aqui muito que absorver. Muito em que pensar. Muito em que refletir. Faz uma pausa. Reflete. Pondera.

Não te sintas abandonado. Eu estou sempre contigo. Se tiveres perguntas - perguntas do dia-a-dia - como sei que neste momento ainda tens, e continuarás a ter - lembra-te que podes contar sempre Comigo para te responder a elas. Não precisa de ser em forma de livro.

Esta não é a única maneira em que Eu falo contigo. Escuta-Me na verdade da tua alma. Escuta-Me nos sentimentos do teu coração. Escuta-Me no silêncio da tua mente.

Ouve-Me em todo o lado. Sempre que tiveres uma pergunta, basta saberes que Eu já te respondi a ela. Depois abre os olhos para o teu mundo. A Minha resposta pode estar em qualquer artigo já publicado. Na homilia já escrita e pronta a ser lida. No filme que está agora a ser feito. Na canção ainda ontem composta. Nas palavras prestes a serem ditas por um ente querido. No coração de um novo amigo que vais fazer.

A Minha Verdade está no sussurro do vento, no murmúrio do regato, no estrondear do trovão, no bater da chuva.

É a textura da terra, a fragrância do lírio, o calor do Sol, o fascínio da Lua.

A Minha Verdade - e a tua mais certa ajuda em tempo de necessidade - é grandiosa como o céu tenebroso e simplesmente, incontestavelmente, confiante como o gorjeio de um bebé.

Ruidosa como um coração sobressaltado - e queda como um suspiro dado em unicidade Comigo.

Não te abandonarei, não posso abandonar-te, pois és a Minha criação e o Meu produto, a Minha filha e o Meu filho, o Meu propósito e o Meu…

Eu.

Por isso chama por Mim onde quer que estejas e sempre que te sintas longe da paz que Eu sou.

Eu estarei a teu lado.

Com Verdade.

Com luz.

E Amor.

A Fechar

Depois de receber a informação contida neste livro e de, discretamente, a ter divulgado, respondi a muitas perguntas que me fizeram, não só acerca da forma como tal informação foi recebida mas também sobre o próprio diálogo. Respeito todas as perguntas e a sinceridade com que foram feitas. As pessoas desejam apenas saber mais sobre isto, o que é compreensível.

Embora o meu desejo fosse poder atender todos os telefonemas e responder pessoalmente a todas as cartas, é-me impossível fazê-lo. Entre outras coisas, passaria uma grande parte do tempo a responder no fundo às mesmas perguntas que me são feitas repetidamente. Por isso pensei numa forma de poder interagir convosco mais eficazmente respondendo a cada uma delas.

Decidi então escrever uma carta mensal a todos os que me enviam questões ou comentários acerca deste diálogo. Dessa forma é possível responder a todas as dúvidas que me chegam e a todos os comentários sem ter de escrever muitas, muitas cartas individuais todos os meses. Sei que talvez não seja a melhor forma de comunicar consigo, e não é seguramente a mais pessoal, mas é o melhor que posso fazer dado que não tenho secretária nem um grande quadro de pessoal, nem faço tenções de me mudar para um sítio onde tivesse todas essas coisas.

A carta mensal está disponível a pedido enviado para:

ReCreation
Postal Drawer 3475
Central Point, Oregon 97502

A carta é remetida gratuitamente para que possa chegar ao maior número possível de pessoas. Se puder contribuir para as despesas de envio, estará a ajudar os que não podem.

Apraz-me saber que pôde partilhar comigo este extraordinário diálogo. Desejo-lhe a mais sublime experiência das ricas bênçãos da vida e de um conhecimento de Deus que lhe traga paz, alegria e amor a todos os seus dias e diligências.

Neale Donald Walsch

Neale Donald Walsch

Neale Donald Walsch esteve sempre profissionalmente ligado à comunicação social, tendo trabalhado intensivamente em jornais, na rádio e em publicidade. Atualmente está “reformado”, tendo decidido ir atrás da sua visão de um mundo em que as pessoas deixem de viver com medo de Deus e dos outros.

Fundou a ***ReCreation***, uma organização não lucrativa que organiza conferências, programas, seminários, workshops e retiros em todo o país, para pessoas interessadas no seu desenvolvimento pessoal e espiritual. Vive no estado de Oregon.

FIM

OBRAS DO AUTOR

As seguintes obras são aquelas nas quais ocorrem os diálogos entre o autor e Deus.

1995 – Conversas Com Deus 1 ———————————— Livro 1

1997 – Conversas Com Deus 2 ———————————— Livro 2

1998 – Conversas Com Deus 3 ———————————— Livro 3

1999 – Amizade Com Deus ———————————— Livro 4

2000 – Comunhão Com Deus ———— ———————— Livro 5

2001 – Conversas Com Deus Para Adolescentes ——————— Livro 6

2003 – As Novas Revelações ———————————— Livro 7

2004 – O Deus de Amanhã ———————————— Livro 8

2006 – O Regresso A Deus ———————————— Livro 9

2018 – Conversas com Deus 4 ———————————— Livro 10